

Universidade Federal de Minas Gerais

Cândido Samuel Fonseca de Oliveira

**A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA E SUA
REPRESENTAÇÃO POR BILÍNGUES DO PAR
LINGUÍSTICO PORTUGUÊS DO BRASIL E
INGLÊS**

Belo Horizonte
Fevereiro – 2013

Cândido Samuel Fonseca de Oliveira

A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA E SUA REPRESENTAÇÃO POR BILÍNGUES DO PAR LINGUÍSTICO PORTUGUÊS DO BRASIL E INGLÊS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Processamento da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
Fevereiro – 2013

Cândido Samuel Fonseca de Oliveira – Mestrando

Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza – Orientador

Prof.^a Dr.^a Márcia Maria Caçado Lima – Banca examinadora

Prof. Dr. Márcio Martins Leitão – Banca examinadora

O48c

Oliveira, Cândido Samuel Fonseca de.

A construção resultativa e sua representação por bilíngües do par lingüístico português brasileiro e inglês [manuscrito] / Cândido Samuel Fonseca de Oliveira. – 2013.

117 f., enc. : il., p&b.

Orientador: Ricardo Augusto de Souza.

Área de concentração: Lingüística Teórica e Descritiva.

1. Língua inglesa – Estudo e ensino – Falantes estrangeiros – Teses. 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Falantes estrangeiros – Teses. 3. Aquisição da segunda

CDD : 420.7

Para minha mãe, meu maior
exemplo de vida, que, apesar da
distância física, sempre esteve ao
meu lado.

Para o meu pai, meu melhor amigo,
que sempre confiou em mim e deu
todo apoio a minhas escolhas.

Para todos os meus amigos e
familiares, pela alegria e
companheirismo oferecidos em
todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre iluminou meu caminho e me deu grandes oportunidades de aprendizagem e evolução.

Ao Prof. Dr. Ricardo, pela alegria, motivação, confiança, paciência, dedicação e ensinamentos.

À Prof.^a Dr.^a Maria Luíza, pela grande ajuda e conhecimento oferecidos no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. André, por ter colaborado com o recrutamento de participantes e com o tratamento estatístico dos dados apresentados nesta dissertação.

À Prof.^a Dr.^a Vera Menezes e à Prof.^a Dr.^a Júnia Braga, pela compreensão, confiança, apoio e ensinamentos.

À Prof.^a Thais Sá, pelo companheirismo em todos os momentos do meu mestrado.

À Universidade Federal de Minas Gerais, pelas oportunidades de crescimento.

Aos professores com os quais tive o prazer de conviver e aprender, pelos ensinamentos recebidos e pela rica convivência.

Aos funcionários do POSLIN, por toda ajuda oferecida.

Aos meus colegas de IngRede e de Mestrado, pela ajuda e compartilhamento de conhecimento.

A todos da Cultura Inglesa BH, em especial à Lina, pelo grande apoio dado a minha formação acadêmica.

A todas as pessoas que, gentilmente, se dispuseram a recrutar participantes e/ou a participar deste estudo.

À Zilá, minha mãe, por ser a minha guia e fonte de boas energias.

Ao Samuel, meu pai, pelo substancial apoio, conhecimento, paciência e confiança essenciais à elaboração deste trabalho.

À Cátia, minha prima/irmã, pela paciência e ajuda oferecida.

À Chelsea Everix, pelo conhecimento, apoio, carinho e paciência.

A todos os meus familiares, amigos e irmãos escoteiros que me ajudaram de diversas formas, fazendo parte desta conquista.

Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar.

Chico Xavier

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1 O USUÁRIO DE L2	12
1.2 A MENTE DO USUÁRIO DE L2	13
1.3 CONSTRUÇÃO ALVO	15
1.4 OBJETIVO	16
1.5 IMPORTÂNCIA DO ESTUDO	18
1.6 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	18
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 O CONHECIMENTO DE CONSTRUÇÕES DO USUÁRIO DE L2	19
2.1.1 ESTRUTURA ARGUMENTAL	20
2.2 A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA.....	23
2.2.1 A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA EM INGLÊS.....	25
2.2.1.1 SUBCONSTRUÇÕES RESULTATIVAS.....	26
2.2.1.2 O PREDICADO RESULTATIVO	31
2.2.2 A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA EM PB.....	38
2.2.2.1 INEXISTÊNCIA DA CONSTRUÇÃO RESULTATIVA EM PB.....	41
2.3 MULTICOMPETÊNCIA.....	45
2.3.1 PROCESSAMENTO SINTÁTICO DO USUÁRIO DE L2	46
2.3.2 INFLUÊNCIA DE L1 EM L2.....	49
2.3.3 INFLUÊNCIA DE L2 EM L1.....	51
2.4 RELAÇÃO CONJUNTO E SUBCONJUNTO ENTRE LÍNGUAS	54
MATERIAIS E MÉTODOS	58
3.1 A PESQUISA	58
3.2 MÉTODO – ESTIMATIVA DE MAGNITUDE.....	59
3.3 MATERIAL EXPERIMENTAL	62

3.3.1 ESTÍMULOS ALVO.....	62
3.3.2 PADRÃO SN-SV-SN-SADJ COM LEITURA DESCRITIVA	64
3.3.3 ESTÍMULOS DISTRADORES.....	64
3.4 ELABORAÇÃO DO EXPERIMENTO.....	65
3.5 PARTICIPANTES.....	66
3.6 PROCEDIMENTOS.....	67
3.7 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS.....	68
RESULTADOS	71
4.1 MONOLINGUES DO PB E MONOLÍNGUES DO INGLÊS	71
4.2 BILÍNGUES COM MAIOR PROFICIÊNCIA E BILÍNGUES COM MENOR PROFICIÊNCIA	73
4.2.1 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM S _{ADJ} – TESTE EM INGLÊS.....	73
4.2.2 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM SP – TESTE EM INGLÊS.....	77
4.3 BILÍNGUES COM MAIOR PROFICIÊNCIA E MONOLÍNGUES DO PB.....	79
4.3.1 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM S _{ADJ} – TESTE EM PB.....	79
4.3.2 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM S _{ADJ} AGRAMATICAL – TESTE EM PB.	83
4.3.3 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM SP – TESTE EM PB.....	85
4.4 BILÍNGUES DE MAIOR PROFICIÊNCIA E MONOLÍNGUES DO INGLÊS	87
4.4.1 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM S _{ADJ} AGRAMATICAL – TESTE EM INGLÊS	87
4.5 ANÁLISE DE ITEM.....	89
CONCLUSÃO.....	93
REFERÊNCIAS.....	102

APÊNDICES	106
APÊNDICE A. ESTÍMULOS DO TESTE DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE EM PORTUGUÊS.....	106
APÊNDICE B. ESTÍMULOS DO TESTE DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE EM INGLÊS.....	109
APÊNDICE C. TESTE DE TRADUÇÃO DE PALAVRAS QUE NÃO ESTÃO ENTRE AS 2000 MAIS COMUNS EM INGLÊS.	112
APÊNDICE D. PRIMEIRA PÁGINA DO EXPERIMENTO EM PORTUGUÊS	113
APÊNDICE E. INSTRUÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO TESTE DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE.	114
APÊNDICE F. PRIMEIRO ESTÍMULO DO TESTE DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE EM PORTUGUÊS.	116
APÊNDICE G. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	117

RESUMO

À luz da perspectiva teórica da multicompetência, da relação conjunto e subconjunto entre línguas e da gramática de construções; este estudo aborda a questão da disponibilidade de representações linguísticas na mente do usuário de L2. Para isso, examina-se um fenômeno gramatical que reflete o mapeamento da configuração semântica à estrutura sintática, mais especificamente, questões relacionadas à realização de estrutura argumental. A partir de um experimento com o paradigma da estimativa de magnitude, analisou-se como a construção resultativa é representada por bilíngues do par linguístico português do Brasil e inglês. Este estudo sugere que as línguas presentes no sistema linguístico do usuário de L2 estão, de alguma forma, interligadas no nível sintático. Dois fenômenos corroboram tal ideia: a influência de L1 em L2 e a influência de L2 em L1. Além disso, os resultados deste trabalho dão suporte aos pressupostos teóricos da gramática de construções, uma vez que sugerem que as representações linguísticas mesmo de uma língua dominante podem ser modificadas pelo uso de uma segunda língua. O presente estudo também aborda a acurácia dos usuários de L2 na aquisição da construção resultativa. Como previsto pelas ideias oriundas da relação conjunto e subconjunto entre línguas, os resultados apontam para o fato de que bilíngues aprendem a construção resultativa, mas não são tão sensíveis quanto falantes monolíngues para perceber as restrições presentes nela. Dessa forma, a supergeneralização das regras de L2 se mostra um fenômeno presente na aquisição dessa construção. Este trabalho traz, ainda, dados empíricos sobre a gramática da construção resultativa em português do Brasil e em inglês. Assim, não obstante o foco nos aspectos da representação bilíngue, este estudo pode iluminar questões relativas à descrição linguística do PB e do inglês.

Palavras-chave: psicolinguística, aquisição de língua estrangeira, construção resultativa, estimativa de magnitude.

ABSTRACT

Based on theoretical perspectives such as multicompetence, superset-subset relation between languages, and construction grammar, the present study sought to investigate the issue of activation of linguistic representation in L2 users' minds. For that purpose, it has been examined a grammatical phenomenon, which reflects mapping of semantic configuration onto syntactic structure, more specifically, issues related to the realization of argument structure. Utilizing an experiment with the magnitude estimation paradigm, it was analyzed how the resultative construction is represented by bilinguals of Brazilian Portuguese and English. This study suggests that the languages present in the linguistic system of an L2 user are somehow connected in the syntactic level. Two phenomena corroborate this idea: L1-L2 and L2-L1 influence. This study is also in accordance with the conjectures originated from the construction grammar, since it suggests that linguistic representations, even those from the dominant language, come from and are modified by the use of a second language. Furthermore, the present study addresses the L2 users' accuracy in the acquisition of the resultative construction. As predicted by the ideas originated from superset-subset relation between languages, the result indicates that bilinguals learn this construction; however, they are not as sensitive as monolinguals to perceive the restrictions present in it. Consequently, the overgeneralization of L2 rules seems to be part of the acquisition of the resultative construction. Moreover, this study has empirical data concerning the grammar of the resultative construction. Therefore, while the experiment focused primarily on aspects related to bilingual representation, it was also able to shed light on issues paramount to the linguistic description of both Brazilian Portuguese and English.

Keywords: psycholinguistics, second language acquisition, resultative construction, magnitude estimation.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 O USUÁRIO DE L2

Neste trabalho, serão estudadas aquelas pessoas que apresentam a capacidade de utilizar duas línguas distintas. Devido a essa habilidade, elas serão aqui denominadas “usuários de L2” e/ou “bilíngues”. Termos como “aprendizes de L2” não serão utilizados, pois podem sugerir que os usuários de L2 são indivíduos incompletos, cuja aprendizagem de L2 não chegou a um estágio ideal como explica Cook (2002). No trabalho ora descrito, o indivíduo bilíngue é entendido como um ser ímpar, que, por suas diversas peculiaridades, não deve ser julgado a partir de uma comparação com falantes monolíngues. Por isso, os termos usuários de L2 e bilíngues se mostram apropriados para a descrição dos indivíduos-alvo deste estudo sobre bilinguismo.

Estudos sobre este tema (COOK, 1997; BYALISTOK, 2005; MYERS-SCOTTON, 2006) cada vez mais apresentam resultados que mostram como o usuário de L2 se difere do falante monolíngue. Cook (1997, p. 293) relatou uma série de trabalhos que mostram algumas dessas diferenças. Segundo tais estudos, usuários de L2 têm melhor desempenho em testes relacionados ao pensamento divergente, que valoriza a flexibilidade, a originalidade e a fluência; crianças bilíngues apresentam melhor desempenho que crianças monolíngues em testes de usos incomuns de criatividade; e bilíngues apresentam um grupo mais diversificado de habilidades mentais. Além disso, segundo o autor, “aprender uma segunda língua aumenta a capacidade normal de um indivíduo e, assim, traz benefícios em vez de problemas”.¹ Os resultados de estudos que visam contrastar o funcionamento do sistema cognitivo de indivíduos bilíngues e o de monolíngues não apenas têm demonstrado o quão importante é o aprendizado de uma língua estrangeira, como

¹ Minha tradução. Original: “Learning a second language increases the normal capacity of the individual and, so, confers a benefit rather than creates a problem.” (COOK,1997:289)

também têm aumentado a curiosidade e o interesse em conhecer detalhadamente os fenômenos cognitivos acarretados pelo bilinguismo.

1.2 A MENTE DO USUÁRIO DE L2

A aquisição de uma segunda língua envolve uma série de fenômenos, muitos dos quais a psicolinguística busca iluminar. Um assunto que vem sendo investigado é a relação entre as línguas presentes no sistema linguístico do usuário de L2. Há diversos estudos que buscam entender se as línguas estão totalmente interligadas, parcialmente interligadas ou completamente separadas na mente desses indivíduos. Tal interligação já foi investigada, por exemplo, no nível lexical (DE GROOT 2002; DIJKSTRA, 2007; PAVLENKO 2009). De Groot (2002) sugere que usuários de L2 inicialmente acessam o léxico de forma não seletiva. Em outras palavras, independentemente da língua sendo utilizada e do contexto, o usuário de L2 ativaria inicialmente os dois sistemas linguísticos presentes em sua mente. O autor cita, a título de ilustração, uma série de experimentos com homógrafos interlexicais.² Todos esses estudos mostram que bilíngues apresentam um tempo de processamento maior para homógrafos interlexicais de suas L1 e L2 em comparação com palavras que possuem a mesma frequência, mas cuja forma não é comum às duas línguas. Não há nenhuma diferença entre esses dois grupos de palavras comparados; apenas o fato de que os homógrafos interlexicais apresentam dois significados distintos na mente do usuário de L2, um em cada língua. Assim, os resultados desses estudos sugerem que bilíngues acessam o léxico de forma não seletiva e, conseqüentemente, ativam os dois significados de um homógrafo interlexical, o que explicaria o tempo de processamento maior. Em suma, esses trabalhos indicam que ao receber um insumo em uma língua o falante bilíngue teria acesso ao léxico da língua do insumo e da outra língua por ele adquirida.

² Homógrafos interlexicais, segundo De Groot (2008:53), são palavras cuja forma escrita é a mesma para duas línguas distintas, mas cujo significado se difere em cada uma das línguas. O SV do PB “tear”, por exemplo, tem a mesma forma que o SN do inglês “tear”, que significa lágrima. Em holandês, a palavra “glad” significa escorregadio, mas em inglês essa mesma forma significa contente.

O presente estudo aborda a relação entre as línguas não no nível lexical, mas no nível sintático, que é uma área de investigação mais recente em relação a esse tipo de trabalho. Mais especificamente, investiga-se um fenômeno gramatical que reflete o mapeamento da configuração semântica à estrutura sintática: a estrutura argumental. Sabe-se que diferentes línguas utilizam diferentes padrões sintáticos para expressar um mesmo sentido. Isso se deve ao fato de que o mapeamento da configuração semântica à estrutura sintática pode diferir em cada língua, como se vê em (1) e (2).

- (1) Maria comprou um presente para o filho dela.
- (2) Mary bought her son a present.
Maria comprar(PASS) POSS filho DET presente.
Maria comprou o seu filho um presente.

Essas diferenças estruturais para configurações semânticas similares ou, até mesmo, iguais têm sido alvo de alguns trabalhos que abordam os processos cognitivos de um usuário de L2 (JUFFS, 1998; KLEIN, 1999; COOK et al., 2003; ZARA, 2009; SOUZA, 2011; SOUZA & OLIVEIRA, 2011; GUIMARAES, 2012). Esses estudos sugerem que, da mesma forma como acontece no nível lexical, as duas línguas presentes no sistema linguístico do usuário de L2 apresentam uma conexão no nível sintático. Tais sugestões advêm do fato de os dados empíricos apontarem para uma possível influência de L1 em L2 (JUFFS, 1998; KLEIN, 1999; ZARA, 2009; SOUZA, 2011; GUIMARÃES, 2012), e para uma possível influência de L2 em L1 (COOK et al, 2003; SOUZA & OLIVEIRA; 2011).

Outro tópico que vem sendo discutido nos estudos psicolinguísticos é a propensão de aprendizibilidade de uma L2 de acordo com as divergências tipológicas entre L1 e L2 (MONTRUL, 2001; OKAMOTO, 2007). Alguns estudos indicam que para alguns usuários de L2 apenas a evidência positiva parece não ser suficiente para a aquisição de alguns aspectos de uma construção. No entanto, para outras construções ou para outros usuários de L2 com perfis linguísticos distintos a falta de evidência negativa pode resultar em uma supergeneralização das regras de L2 (SELINKER, 1972). A sentença (2), por exemplo, instancia a construção ditransitiva. Não obstante a grande produtividade dessa estrutura em inglês, alguns verbos não interagem com ela, tais como: *explain* (explicar), *report* (relatar) e *shout* (gritar). Falantes nativos

são sensíveis a essa restrição, mas falantes nativos do português do Brasil (PB) que tem o inglês como L2, apesar de serem capazes de interpretar e de utilizar corretamente a construção ditransitiva, podem não obedecer a tal restrição. Os dados de Zara (2009) mostram-se de acordo com tal ideia, já que indicam que os indivíduos bilíngues do par linguístico PB e inglês com maior proficiência aceitam a construção ditransitiva gramatical tanto quanto os monolíngues do inglês, mas os bilíngues, ao contrário dos monolíngues, aceitam alguns verbos não licenciados (*explain/explicar*, *report/relatar*, *shout/ gritar*) em sentenças que instanciam a mesma construção. Assim, os usuários de L2 podem aprender uma construção específica da L2, no entanto eles podem não ser sensíveis o suficiente para perceber todas as restrições da construção em questão. Consequentemente, dizemos que o usuário de L2 pode supergeneralizar a regra de L2. Ou seja, ele pode aplicá-la a contextos em que ela não é licenciada. A propensão de aprendizibilidade de uma construção de estrutura argumental específica do inglês por bilíngues do par linguístico PB e inglês será investigada levando-se em consideração as divergências tipológicas entre ambas as línguas.

1.3 CONSTRUÇÃO ALVO

Uma construção específica vem se mostrando interessante para investigações acerca da aquisição de estrutura argumental por bilíngues: a construção resultativa. Esta construção apresenta alta produtividade em inglês, mas não em PB. O interesse nela se deve ao fato de que, apesar de ter uma estrutura sintática presente em PB e em inglês, ela tem uma semântica consideravelmente mais rica no inglês. Tal fato pode se impor ao falante bilíngue do par linguístico PB e inglês como um aspecto de difícil aquisição. Além disso, ao aprendê-la, o usuário de L2 pode estar suscetível a processos cognitivos, tais como: influência de L1, influência de L2 e supergeneralização das regras de L2. Portanto, a construção resultativa apresenta características que fazem com que ela seja apropriada para as investigações aqui propostas.

A construção resultativa apresenta considerável variação semântica e sintática (GOLDBERG & JACKENDOFF, 2004). Neste estudo, no entanto, a investigação será restrita a sentenças que apresentam padrão sintático e semântico similares a (3) e (4).

- (3) John hammered the metal flat.
João martelar(PASS) DET metal plano.
João martelou o metal até deixa-lo plano.
- (4) John hammered the vase into pieces.
João martelar(PASS) DET vaso em pedaços.
João martelou o vaso até deixa-lo em pedaços.

A gramática da construção resultativa tanto em PB quanto em inglês tem se mostrado indefinida. Tal problema deve-se muito à falta de dados empíricos na formulação de teorias. Em outras palavras, os autores usam apenas a própria introspecção para criar uma gramática para construção. Consequentemente, há diversas divergências sobre a formação da construção resultativa (FOLTRAN, 1999; MARCELINO, 2000; WECHSLER, 2001; BROCCIAS, 2003; GOLDBERG & JACKENDOFF, 2004; LOBATO, 2004; BARBOSA 2008). O estudo ora proposto, dissemelhantemente, trará dados empíricos para alimentar as teorias sobre a gramática da construção resultativa.

1.4 OBJETIVO

Este estudo tem por objetivo iluminar alguns processos cognitivos presentes na aquisição de uma segunda língua. Mais especificamente, busca-se investigar se o julgamento de aceitabilidade³ de bilíngues do PB e do inglês em relação à construção resultativa reflete processos como influência de L1 em L2, influência de L2 em L1 e supergeneralização das regras de L2. A evidência desses processos permitiria que afirmações sobre modelos teóricos concernentes à representação bilíngue fossem feitas.

³ Aceitabilidade se refere ao quão compreensível e/ou interpretável uma sentença é.

Levando-se em consideração os aspectos resenhados nas seções anteriores sobre os processos presentes na aquisição de uma segunda língua, foram formuladas três perguntas de pesquisa:

- a) Há bilíngues que apresentam menor aceitabilidade para uma construção licenciada na segunda língua em comparação com os falantes nativos dela?
- b) Há bilíngues que apresentam maior aceitabilidade para uma construção não licenciada na língua nativa em comparação com os falantes nativos dela?
- c) Há bilíngues que apresentam maior aceitabilidade para uma construção não licenciada na segunda língua em comparação com os falantes nativos dela?

Para responder a essas perguntas, foram formuladas três hipóteses, baseadas em perspectivas teóricas, como: gramática de construções, multicompetência e relação conjunto e subconjunto entre línguas. Além disso, as hipóteses são baseadas nas propostas que sugerem que o PB e o inglês se distinguem em relação à produtividade da construção resultativa. As hipóteses são as seguintes:

- a) Bilíngues do par linguístico PB e inglês de maior proficiência e bilíngues do par linguístico PB e inglês de menor proficiência constituem amostras distintas no tocante à tendência de aceitabilidade da construção resultativa.
- b) Bilíngues do par linguístico PB e inglês de maior proficiência e monolíngues do PB constituem amostras distintas no tocante à tendência de aceitabilidade de sentenças em PB que mimetizam a construção resultativa do inglês.
- c) Bilíngues do par linguístico PB e inglês de maior proficiência e monolíngues do inglês constituem amostras distintas no tocante à tendência de aceitabilidade de predicados resultativos não licenciados.

1.5 IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

Este estudo mostra-se importante para o campo da psicolinguística, já que ilumina diversas questões relacionadas à aquisição de L2 e, até mesmo, à gramática do PB e do inglês. São várias as motivações deste estudo. Primeiro, investiga-se a influência entre as línguas presentes no sistema linguístico do usuário de L2, a fim de aprimorar a testagem da hipótese da existência de forte conexão entre eles. Segundo, analisa-se se o usuário de L2 é capaz de adquirir algumas das restrições presentes na construção alvo ou se supergeneralizam as regras de L2. Finalmente, oferece dados de falantes nativos, com o objetivo de explorar o quanto as teorias propostas sobre a gramática da construção alvo se assemelham ao julgamento de aceitabilidade desses falantes. Assim, este estudo, além de investigar seu foco principal que é a representação da construção resultativa por usuários de L2, também disponibiliza dados importantes para a gramática do PB e do inglês.

1.6 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos incluindo esta introdução. No capítulo **2**, apresenta-se a construção alvo deste estudo – construção (de estrutura argumental) resultativa – e as seguintes perspectivas teóricas: gramática de construções, multicompetência e relação conjunto e subconjunto entre línguas. No capítulo **3**, descreve-se a metodologia utilizada para a coleta dos dados. No capítulo **4**, procede-se a apresentação e análise dos resultados. No capítulo **5**, formulam-se as considerações finais.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O CONHECIMENTO DE CONSTRUÇÕES DO USUÁRIO DE L2

Neste estudo, é adotada a visão proposta pela gramática de construções (GOLDBERG, 1995; SOUZA & MELLO, 2007; ZARA, 2009) de que a habilidade linguística não é um sistema autônomo no que se refere a outras habilidades cognitivas. De acordo com essa abordagem, a gramática de uma língua é formada por uma rede de construções, que são a unidade primária da gramática. Entende-se por construção o pareamento entre forma e função semântica/ pragmática que faz possível representar todas as significações adquiridas no mundo. Dessa forma, nessa visão não é assumido que a sintaxe é o único componente gerativo. Ao contrário, a sintaxe e todas as outras unidades da gramática são tidas como parte de um mesmo contínuo, que parte das unidades mais gerais (unidades sintáticas) às mais específicas (lexicais) (JACKENDOFF & GOLDBERG, 2004). As unidades presentes dentro desse contínuo são responsáveis por capturar e representar as experiências e percepções de um falante através de formas linguísticas. Assim, o conhecimento que o falante tem de uma língua é o conhecimento das diferentes construções presentes nela.

A abordagem construcional assume que o conhecimento linguístico emerge do uso e, logo, pode ser afetado pela percepção e visão do mundo de cada indivíduo. É possível hipotetizar, assim, que o conhecimento linguístico é suscetível a mudanças decorrentes do bilinguismo, já que falantes bilíngues têm um uso de língua diferenciado em comparação com os falantes monolíngues. Tal hipótese vem, por exemplo, do fato de que ao lidar com uma L2, falantes bilíngues podem vir a lidar com construções que, apesar de transparentes em suas expressões manifestas, são opacas no seu acarretamento semântico. Para testar essa hipótese, foi selecionada uma construção – a construção resultativa – que apresenta essas características para bilíngues do par linguístico PB e

inglês e, conseqüentemente, pode ter a capacidade de modificar o conhecimento linguístico desses falantes. Portanto, neste estudo é investigado se o fato de esses bilíngües lidarem com essa construção específica de L2 é suficiente para provocar alterações no conhecimento linguístico de L1 que os mesmos possuem.

Na próxima seção, discute-se o que exatamente entende-se por estrutura argumental.

2.1.1 ESTRUTURA ARGUMENTAL

Entende-se por estrutura argumental a propriedade de predicadores de subcategorizar um ou mais sintagmas nominais para realizar completamente suas propriedades semânticas. Ou seja, para que todos os papéis temáticos requeridos pelo predicado sejam realizados elementos sintáticos específicos são selecionados. As teorias de sintaxe formal denominam tal operação de *C-Selection* (Seleção Categorial). O verbo “correr”, por exemplo, no nível semântico requer apenas um agente como argumento externo, que é realizado como um SN (5). Já o verbo “dar” precisa de um SN para realizar o argumento externo agente, um SN para realizar o argumento interno tema e um SP para realizar o argumento interno beneficiário (6).

(5) Márcio correu.

(6) João deu a bola a Pedro.

A estrutura argumental vem se mostrando um domínio de estrutura linguística passível de variações translingüísticas (SOUZA & MELLO, 2007), que em alguns casos impõe-se ao usuário de L2 como um aspecto de difícil aprendizagem. Muitos pesquisadores de aquisição de segunda língua buscam entender os processos cognitivos envolvidos nesse fenômeno. Provavelmente, um dos principais motivos para as dificuldades na aprendizagem da estrutura argumental em L2, demonstrado em estudos empíricos, é o fato de que “variações translingüísticas em estrutura

argumental podem, de forma sutil, afetar decisões de parseamento e, conseqüentemente, o desempenho em compreensão e julgamentos (JUFFS, 1998)”⁴.

Os exemplos (5) e (6) do PB podem ser utilizados para instanciar essas variações translinguísticas. As traduções do inglês correspondentes para “correr” e “dar”, “*run*” e “*give*”, respectivamente, podem aparecer em exemplos como (7) e (8). Neles, percebe-se que a estrutura argumental dos predicados em inglês pode se diferir da estrutura argumental do PB, uma vez que os papéis temáticos de “correr” e “dar” foram realizados, respectivamente, por dois SNs e um SP; e por três SNs.

- (7) The scientist ran the mouse through the maze.
DET cientista correr(PASS) o rato através de DET labirinto.
O cientista correu o rato através do labirinto.
- (8) John gave Mary the ball.
João dar(PASS) Maria DET bola.
João deu Maria a bola.

Parece, assim, que verbos como “correr” e “dar” podem ter suas propriedades semânticas realizadas por estruturas sintáticas distintas. Esse uso aparente de um mesmo verbo com outras estruturas argumentais não implica, no entanto, que ele possui mais de uma estrutura argumental.

A gramática de construções (GOLDBERG, 1995, ZARA, 2009) traz uma proposta diferente para esse fenômeno. Ao contrário de abordagens lexicalistas, a abordagem construcional não assume que as palavras – ou mais especificamente os verbos – sejam os únicos encarregados por estabelecer o padrão frasal de uma sentença. Em vez disso, acredita-se que os padrões frasais são independentes de especificidades lexicais, pois apresentam sintaxe e semântica próprias. Dessa forma, é possível explicar as diferenças entre (9) e (11) em comparação com (10) e (12) a partir da ideia de que essas sentenças instanciam construções diferentes. Ou seja, as sentenças se

⁴ Minha tradução. Original: “Crosslinguistic variation in argument structure and morphosyntax might affect parsing decisions, and hence performance in comprehension and judgments in subtle ways”

distinguem em relação à estrutura argumental da construção, e não em relação à estrutura argumental do verbo.

- (9) Márcio correu.
- (10) The scientist ran the mouse through the maze.
DET cientista correr(PASS) o rato através de DET labirinto.
O cientista correu o rato através do labirinto.
- (11) João deu a bola a Pedro.
- (12) John gave Mary the ball.
João dar(PASS) Maria DET bola.
João deu Maria a bola.

Os verbos “correr” e “run” em (9) e (10) apresentam a mesma estrutura argumental, pois ambos apenas requerem um agente na posição de argumento externo. No entanto, o verbo em inglês parece estar inserido em um contexto em que há também dois argumentos internos, “*the mice*” e “*through the maze*”. Em verdade, esses argumentos internos não fazem parte da estrutura argumental do verbo “*run*”, mas são argumentos da construção de ação induzida⁵. Como mencionado, as construções apresentam semântica e sintaxe própria. A construção de ação induzida, por exemplo, tem um significado e uma estrutura que podem ser resumidos, respectivamente, como “X causa Y mover-se para Z” e “Subj V Obj Obj”. Portanto, os argumentos adicionais que acontecem no exemplo em inglês preenchem as duas posições de objeto da estrutura argumental da construção de ação induzida.

Os exemplos acima com os verbos “dar” e “give” em (11) e (12) também instanciam construções distintas. No entanto, as duas sentenças não se diferem em relação ao número de argumentos, mas apenas na posição em que eles são inseridos. Enquanto a sentença em PB instancia uma construção de movimento causado, que tem como significado “X causa Y mover-se para Z” e como estrutura “Subj V Obj Obj”, a sentença em inglês instancia uma construção ditransitiva, cuja semântica e sintaxe são, respectivamente, “Subj V Obj Obj” e “X causa Y receber Z”. As sentenças em questão se distinguem uma da outra, portanto, devido à diferença semântica das

⁵ Descrições da construção de movimento induzido na língua inglesa podem ser encontradas em Levin (1993), Montrul (2001), Souza (2011), Souza (2012) e Guimarães (2012).

construções nas quais elas estão inseridas. Enquanto na construção de movimento causado o item deslocado ocupa a posição de primeiro objeto, na construção ditransitiva o mesmo item ocupa a posição de segundo objeto. Além disso, na construção de movimento causado o segundo objeto é ocupado por um alvo, enquanto o primeiro objeto da construção ditransitiva é ocupado por um beneficiário.

A partir dos exemplos citados, podem-se perceber algumas das características da abordagem construcional. Não é necessário assumir que o significado do verbo é alterado para licenciar outros argumentos. Em verdade, a estrutura argumental da sentença é determinada a partir do verbo e da construção. Logo, a combinação do mesmo verbo com diferentes construções gera estruturas distintas. Além disso, o mesmo verbo pode interagir com diferentes construções em cada língua, o que explicaria diferenças translinguísticas, como as aqui exemplificadas. Neste trabalho, portanto, o foco é na aquisição de estrutura argumental de construções, e não na aquisição de estrutura argumental de verbos. Mais especificamente, analisa-se como bilíngues representam em L2 sentenças que instanciam uma construção de estrutura argumental rara ou, até mesmo, inexistente em L1.

2.2 A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA

Em sentenças com o padrão sintático SN-SV-SN-SAdj, como (13), há um sintagma adjetival, que é tipicamente interpretado como modificador de um dos sintagmas nominais. Ou seja, em (13) o sintagma adjetival “esticado” pode ser interpretado ou como modificador do sujeito – dessa forma, o sintagma adjetival descreveria a posição em que se encontrava “o cabelereiro” no momento da ação “pentear” – ou pode ser entendido como modificador do objeto direto – em tal leitura, o sintagma adjetival descreveria o estado do “cabelo” durante a ação “pentear”. Apesar da possível ambiguidade, a única leitura possível é a modificação de um dos argumentos do verbo. Trata-se de um tipo de construção que, devido a essa característica, é denominada “descritiva”.

(13) O cabeleireiro penteou o cabelo esticado.

Sentenças similares em inglês (14) também podem ter uma leitura descritiva. Como em PB, é possível interpretar o adjetivo como modificador do sujeito. Dessa forma, em (14) é possível a leitura do sintagma adjetival “*straight*” como posição em que se encontrava o sujeito “*hairdresser*” no momento da ação “*comb*”. No entanto, esta não é a única interpretação possível em inglês. Em (14) é possível se fazer a leitura e que a entidade referida pelo segundo sintagma nominal “*the hair*” apresenta uma nova característica “*straight*” que é resultado da ação denotada pelo verbo “*comb*”. Em outras palavras, ao contrário do PB, em que o modificador normalmente se refere ao estado do sintagma nominal durante uma ação, em inglês o sintagma adjetival pode se referir ao estado do sintagma nominal resultante da ação verbal. Tal construção é, por isso, denominada resultativa.

(14) The hairdresser combed the hair straight.
DET cabeleireiro pentear(PASS) DET cabelo liso/reto.
O cabeleireiro penteou o cabelo até ele ficar liso.
O cabeleireiro estando reto penteou o cabelo.

A construção resultativa foi escolhida como alvo deste trabalho, pois ela apresenta algumas características importantes que permitem esclarecer questões relacionadas ao processamento e a representação linguística por bilíngues. A construção resultativa é uma fonte riquíssima para pesquisas com bilíngues do par linguístico PB e inglês, devido a sua grande variedade semântica e sintática em inglês e, principalmente, à diferença de produtividade em inglês e em PB. Esta última característica faz com que certos fenômenos presentes na aprendizagem de inglês como L2 sejam mais perceptíveis.

Barbosa (2008) aponta estudos que sugerem que a construção resultativa ocorre em línguas germânicas, mas não em línguas latinas. Dessa forma, bilíngues do par linguístico PB e inglês podem ser considerados falantes nativos de uma língua que não é capaz de formar construção resultativa e usuários de uma língua que apresenta tal capacidade. No entanto, essa sugestão da literatura não é unânime e há trabalhos que sugerem que tal construção é licenciada no PB (FOLTRAN, 1999; LOBATO, 2004).

2.2.1 A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA EM INGLÊS

A construção resultativa é comumente descrita como um predicado secundário, que indica o resultado do primeiro predicado (WECHSLER, 2001). Em (15), o SAdj “*awake*” se refere ao estado de “*his friend*”, que foi alcançado devido à ação “*shook*” do sujeito “Anderson”. Por isso, classifica-se esse tipo de SAdj como “predicado resultativo” (*resultative phrase*), o qual dá nome à construção em que ele está inserido (BROCCIAS, 2003).

- (15) Anderson shook his friend awake.
Anderson balançar(PASS) POSS amigo acordado.
Anderson balançou seu amigo até acorda-lo.

Neste trabalho, analisa-se a construção resultativa do inglês como uma família de subconstruções (GOLDBERG & JACKENDOFF, 2004). As diferenças sintáticas e semânticas fazem com que essa construção seja dividida em subconstruções e algumas semelhanças fazem com que estas sejam parte da mesma família.

De acordo com Barbosa (2008), a literatura demonstra que a construção resultativa apresenta diversas semelhanças nas línguas em que ela existe. Primeira, a construção é altamente produtiva. Segunda, o verbo utilizado na construção descreve um evento do tipo atividade (ou processo), que se transforma em *accomplishment*⁶ (BARBOSA, 2008), com a presença de um predicado secundário – mais especificamente, o predicado resultativo. Terceira, as sentenças que instanciam a construção resultativa apresentam forte relação entre mudança de estado e estado resultante. Dessa forma, percebe-se que há características em comum entre as subconstruções resultativas suficientes para dizer que elas compõem uma mesma família.

⁶ Accomplishment é um dos termos criados para classificar os verbos com base em sua estrutura aspectual. Accomplishment é um processo que apresenta um ponto final inerente. Outros termos utilizados para denotar o aspecto verbal são: *achievement*, *accomplishment*, estados e atividades (ou processos).

2.2.1.1 SUBCONSTRUÇÕES RESULTATIVAS

Apesar das semelhanças, há algumas diferenças entre as subconstruções resultativas, o que permite que elas sejam classificadas em diferentes categorias dentro da família da construção resultativa. Essas subconstruções podem apresentar quatro tipos de predicado resultativo, como destacado nas sentenças abaixo. Em (16) e (19), o sintagma resultativo é preenchido por um SAdj, enquanto em (17) e (18) o mesmo sintagma é preenchido por um SP.

- (16) Resultativa de propriedade SAdj:

John stabbed the man dead.
João apunhar(PASS) DET homem morto.
João apunhalou o homem até deixa-lo morto.

- (17) Resultativa de caminho SP:

John broke the vase into pieces.
João quebrar(PASS) DET vaso em pedaços.
João quebrou o vaso, que, conseqüentemente, ficou em pedaços.

- (18) Resultativa de propriedade SP:

John shot the bird off the tree.
João atirar(PASS) DET pássaro fora de DET árvore.
João acertou o pássaro (com uma arma de fogo) que, conseqüentemente, saiu da árvore.

- (19) Resultative de caminho SAdj:

John jumped clear of the traffic.
João pular(PASS) limpo de DET tráfego.
John pulou e, conseqüentemente, ficou livre do tráfego.

De acordo com Goldberg e Jackendoff (2004), os exemplos podem ser classificados de formas distintas. Os sintagmas resultativos representados por um SAdj tendem a expressar alguma propriedade do item modificado. Em (16), por exemplo, o sintagma resultativo “*dead*” indica uma propriedade do objeto “*man*”. Uma propriedade também pode ser expressa por um SP no sintagma resultativo, como ocorre em (17), em que “*into pieces*” indica uma propriedade do

objeto “vase”. No entanto, normalmente, SPs não indicam uma propriedade, mas sim um caminho como em (18), em que “off the tree” indica o caminho do objeto “bird” após a ação verbal. Há também casos como (19) em que o caminho é indicado por meio de um SAdj. No exemplo citado o sintagma resultativo “clear of the traffic” indicaria o caminho percorrido pelo sujeito “John”. Dessa forma, há aspectos suficientes para classificar as sentenças apresentadas de formas distintas: (16) instancia uma resultativa de propriedade com SAdj, (17) é um exemplo de resultativa de propriedade com SP, (18) ilustra uma resultativa de caminho com SP, e (19) é classificada como resultativa de caminho com SAdj.

As subconstruções resultativas também se diferem em termos de causatividade (JACKENDOFF & GOLDBERG, 2004). Existe a “resultativa de propriedade causativa” (20), nas quais há um agente, e o resultado do subevento é uma propriedade. Há também sentenças resultativas de propriedade que não contêm um agente, as quais são denominadas “resultativa de propriedade não causativa”, como a sentença (21). Como ilustrado, algumas resultativas têm como resultado não uma propriedade, mas um caminho, que também pode variar quanto à presença de um agente. Existem, então, a resultativa de caminho causativa, como em (22), e a resultativa de caminho não causativa, como (23).

(20) Resultativa de propriedade causativa:

Bill watered the tulips flat.
Bill molhar(PASS) DET tulipas planas.
Bill molhou as plantas até deixa-las planas.

(21) Resultativa de propriedade não causativa:

The pond froze solid.
DET lagoa congelar(PASS) sólido.
A lagoa congelou até ficar sólida.

(22) Resultativa de caminho causativa:

Bill rolled the ball down the hill.
Bill rolar(PASS) DET bola abaixo DET morro.
Bill rolou a bola morro abaixo.

(23) Resultativa de caminho não causativa:

The ball rolled down the hill.
DET bola rolar(PASS) abaixo DET morro.
A bola rolou morro abaixo.

Nesse tipo de construção, há dois subeventos. O verbo da sentença determina um subevento, enquanto a construção resultativa como um todo determina o outro. Para que ambos subeventos ocorram em harmonia, é necessário que todos os argumentos licenciados pelos verbos e todos os argumentos licenciados pela construção sejam realizados simultaneamente na sintaxe, compartilhando as posições sintáticas necessárias. Em (20), por exemplo, há o subevento determinado pela construção, que é “*Bill cause [tulips become flat]*” (“Bill causa [tulipas tornar-se planas]”) em que “*Bill*” ocupa a posição de sujeito e “*flat*” ocupa uma das posições de argumento interno. Tal subevento ocorre por meio do segundo subevento “*Bill water tulips*” (“Bill molha tulipas”), cujo sujeito coincide com o sujeito do primeiro subevento e por isso a posição de sujeito é compartilhada. Já o SN “*tulips*” ocupa a outra posição de argumento interno. Dessa forma, todos os papéis temáticos são realizados harmoniosamente.

Tal como na semântica, a construção resultativa apresenta variedade considerável no nível sintático, como é ilustrado nas sentenças abaixo, adaptadas de Goldberg & Jackendoff (2004). Nos exemplos (24) e (25), estão instanciadas subconstruções resultativas cujo verbo é transitivo e seleciona o seu argumento interno (resultativa transitiva selecionada). Ou seja, o objeto direto pode existir independentemente da presença do predicado resultativo. As duas sentenças se diferem quanto à categoria do último argumento da construção que se refere ao resultado da mudança ocorrida com o SN decorrente da ação verbal. Em (24), esse argumento é realizado como o SAdj “*flat*” e em (25) como o SP “*into pieces*”. Em (26) e (27), estão ilustradas resultativas transitivas que não selecionam o seu argumento interno (resultativa transitiva não selecionada). Em outras palavras, o objeto direto dessas sentenças só pode estar presentes junto ao predicado resultativo. Em (26), o argumento referente à mudança é realizado com o SAdj “*dry*” e em (27) com o SP “*into a stupor*”. Em (28), tem-se uma resultativa em que um dos argumentos – SN – pode ser inferido pelo contexto e, portanto, é omitido (resultativa transitiva com argumento implícito). As sentenças (29) e (30) exemplificam resultativas cujo verbo é

intransitivo (resultativa intransitiva) e o argumento que expressa o resultado do SN devido à ação verbal pode ser um SAdj, como em (29) “*solid*”, ou um SP, como em (30) “*out of the room.*” Em (31), tem-se uma resultativa cujo argumento interno é um pronome reflexivo. No entanto, não se pode considerar essa construção como reflexiva autêntica, devido ao fato de a reflexiva estar mais associada ao segundo argumento interno, e não ao verbo (resultativa transitiva reflexiva falsa). Percebe-se, assim, a necessidade de se considerar as resultativas como uma família de subconstruções que apresentam similaridades sintáticas e semânticas.

- (24) Resultativa transitiva selecionada (com SAdj)

The gardener watered the flower flat.
DET jardineiro molhar(PASS) DET flor plana.
O jardineiro molhou a flor até deixa-la plana.

- (25) Resultativa transitiva selecionada (com SP)

Bill broke the bathtub into pieces.
Bill quebrar(PASS) DET banheira em pedaços.
Bill quebrou a banheira que, conseqüentemente, ficou em pedaços.

- (26) Resultativa transitiva não selecionada (com SAdj):

They drank the pub dry.
Eles beber(PASS) DET bar seco.
Eles beberam até deixar o bar seco.

- (27) Resultativa transitiva não selecionada (com SP):

The professor talked us into a stupor.
DET professor conversar(PASS) nos em DET estupor.
O professor conversou até nos deixar em estupor.

- (28) Resultativa transitiva com argumento implícito:

Bill drank from the hose.
Bill beber(PASS) de DET mangueira.
Bill bebeu a água da mangueira.

(29) Resultativa intransitiva (com SAdj):

The pond froze solid.
DET lago congelar(PASS) sólido.
O lago congelou até ficar sólido.

(30) Resultativa intransitiva (com SP):

He rolled out of the room.
Ele rolar(PASS) fora de DET quarto.
Ele rolou e, conseqüentemente, foi para fora do quarto.

(31) Resultativa transitiva reflexiva falsa:

We yelled ourselves hoarse.
Nós gritar(PASS) nós mesmos roucos.
Nós gritamos até ficarmos roucos.

No experimento proposto, o foco será a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade. Tal escolha deve-se a três motivos: primeiro, esta subconstrução, como resenhado abaixo, não é comum em PB, e assim os dados sobre a representação dela provavelmente, tem o potencial de revelar informações importantes no que concerne à interação de L1 e L2. Segundo, tal subconstrução pode ser formada pela sequência SN-SV-SN-SAdj (24), que, como resenhado abaixo, apresenta uma série de idiosincrasias em sua formação, as quais serão analisadas no desempenho dos usuários de L2 no experimento ora proposto. Finalmente, além da sequência SV-SN-SAdj, a construção resultativa transitiva selecionada pode ser formada pela sequência SV-SN-SP (25). Ambas as estruturas serão utilizadas neste experimento para que seja possível contrastá-las, a fim de reconhecer se o tipo de sintagma utilizado na estrutura interfere de alguma forma no processamento de bilíngües e monolíngües. Pelos mesmos critérios, é possível também incluir a construção resultativa transitiva não selecionada. No entanto, não há certeza se a representação de ambas as construções ocorre de forma similar. Dessa forma, optou-se por utilizar apenas um tipo de subconstrução para que não houvesse enviesamento nos dados devido á possível diferença de processamento entre as duas subconstruções.

2.2.1.2 O PREDICADO RESULTATIVO

Na produção do corpus do piloto deste trabalho, sentenças como “*He punched the table broken*” foram testadas, acreditando que ela poderia ser interpretada como “Ele deu um soco na mesa e como resultado dessa ação a mesa quebrou”. No entanto, ao indagar falantes nativos quanto à aceitabilidade desta sentença e de outras similares, percebeu-se que elas eram rejeitadas. Outros pesquisadores já haviam notado tal restrição na seleção adjetival, tais como Green (1972 apud WECHSLER, 2005) que ilustrou tal fenômeno com a sentença em (32)

- (32) He wiped the table clean/ dry/ smooth/*damp/*dirty/*stained/ *wet.
 Ele esfregar(PASS) DET mesa limpa/seca/ lisa/
 *úmida/*suja/*manchada/*molhada.
*Ele esfregou a mesa até deixa-la limpa/ seca/ lisa/*úmida/*suja/*manchada/
 molhada.

Boas (2000), de onde partiram as análises de Goldberg & Jackendoff, investigou o British National Corpus e verificou que apenas um grupo restrito de adjetivos eram utilizados na construção resultativa (TAB.1).

TABELA 1 - Adjetivos resultativos encontrados no British National Corpus
 Fonte: de Broccias, 2003; baseado em Boas 2000

Adjetivos	Ocorrências	Adjetivos	Ocorrências
Dead	431	Thin	15
Apart	407	Sick	13
open	395	Red	11
shut	207	stupid	10
Clean	102	hoarse	9
Dry	77	smooth	5
Awake	41	empty	4
Full	35	crooked	2
Flat	34	Deaf	2
unconscious	30	sober	1
Black	25	soft	1
Silly	20	Sore	1

Broccias (2003) mostra que alguns autores, como Verspoor (1997 apud BROCCIAS, 2003), veem tal seleção adjetival apenas como uma idiosincrasia presente na construção resultativa. Wechsler (2001), no entanto, cria um modelo que explicaria por que sentenças como “*He wiped the table clean*” e “*He wiped the table dry*” são aceitas, mas sentenças muito similares como “*He wiped the table dirty*” e “*He wiped the table wet*” não são. O autor sustenta que, embora tal variação tenha sido notada por muitos pesquisadores, o trabalho dele é o primeiro a propor uma explicação, a qual será descrita em seguida.

De acordo com Wechsler, a telicidade é uma das características da construção resultativa. Sentenças como “*He hammered the metal*” não são téticas. Contudo, se a essas sentenças são adicionados adjetivos como “*flat*” elas passam a apresentar telicidade, como se pode observar em (33) e (34), com advérbios temporais:

- (33) He hammered the metal (for an hour/ *in an hour).
Ele martelar(PASS) DET metal (por uma hora/ *em uma hora).
*Ele martelou o metal (por uma hora/*em uma hora).*
- (34) He hammered the metal flat (*for an hour/ in an hour).
Ele martelar (PASS) DET metal plano (*por uma hora/em uma hora).
*Ele martelou o metal até ele ficar plano (*por uma hora/ em uma hora).*

Wechsler explica que um evento tético precisa apresentar três aspectos: um tema que sofre mudança, uma propriedade escalar e um limite. Assim, no exemplo acima a telicidade da sentença poderia ser explicada a partir do fato de que existe uma propriedade escalar do tema, que sofre mudança (*metal*) que é transformado devido a uma ação que é descrita pelo verbo (*hammer*), até que o limite (*flat*) seja alcançado. Dessa forma, é possível também explicar que a não telicidade do primeiro exemplo advém do fato de ela não apresentar uma propriedade escalar. Portanto, Wechsler assume que o predicado resultativo é responsável pela expressão da propriedade escalar essencial para a interpretação tética.

Para saber quais palavras podem assumir o papel de propriedade escalar, é necessário que algumas características dos adjetivos sejam entendidas. Primeiramente, adjetivos podem ser classificados como “gradativos” e “não gradativos” (WECHSLER, 2001; BROCCIAS, 2003).

Adjetivos gradativos (35) podem ser antecidos por advérbios de intensidade e adjetivos não gradativos (36), ao contrário, não podem ser modificados por tais advérbios:

- (35) Very expensive, very straight, very flat.
Muito caro, muito reto, muito plano.
- (36) *very dead, *very triangular, *very sold.
*muito morto, *muito triangular, *muito vendido.

Os adjetivos gradativos ainda se dividem em dois grupos. Aqueles adjetivos cuja interpretação normalmente está ligada a um padrão (37), tais como “*short/ baixo*”, são classificados como “escala aberta” (ou “*open-scale*”). Uma sentença como “*John is short/ João é baixo*” significa que o indivíduo mencionado possui uma altura abaixo daquela que é considerada padrão. Outros adjetivos, como “*full/ cheio*”, têm o seu ponto final máximo (*maximal endpoint*) como padrão (38), e por isso recebem o nome de “escala fechada” (ou “*closed-scale*”). Dessa forma, quando alguém profere uma sentença como “*the glass is full/ O copo está cheio*”, normalmente, entende-se que a propriedade em questão – neste caso “*full/ cheio*” – atingiu seu valor máximo. Assim, no exemplo anterior o copo não pode ficar mais cheio do que está. Para se diferenciar esses dois tipos de adjetivos gradativos, Wechsler (2001) sugere que adjetivos de escala aberta (37), ao contrário dos de escala fechada (38), geralmente não podem vir acompanhados do advérbio “*completely/ completamente*”:

- (37) ??completely short/ long/ wide/ cool
??completamente curto/longo/ largo/ fresco
- (38) Completely full/ empty/ straight/ dry
Completamente cheio/ vazio/ reto/ seco

Esses adjetivos de escala fechada com ponto final máximo são frequentemente pareados por antônimos que são adjetivos de escala aberta com ponto final mínimo (*minimal endpoint*), como exemplifica o par *clean/dirty* (limpo/sujo). Wechsler (2005) ilustra tal contraste mostrando que “*clean/limpo*” significa, basicamente, “grau zero de sujeira” enquanto seu antônimo “*dirty/sujo*” significa “algum grau de sujeira”. Para distinguir tais adjetivos, Wechsler (2005) sugere que

apenas aqueles de escala fechada com ponto final máximo podem ser acompanhados do advérbio “almost”.

- (39) It is almost clean (escala fechada com ponto final máximo).
estar(PRES) quase limpo.
Está quase limpo.
- (40) *It is almost dirty (escala fechada com ponto final mínimo).
Estar(PRES) quase sujo.
Está quase sujo.

Em suma, no tocante ao aspecto semântico os adjetivos podem ser classificados como “gradativos” (*gradable*) ou “não gradativos” (*non-gradable*). Além disso, os adjetivos gradativos podem ser divididos em “escala aberta” (*open-scale*) ou “escala fechada” (*closed-scale*). Por último, adjetivos de escala fechada podem ser classificados como “ponto máximo final” (*maximal endpoint*), ou “ponto mínimo final” (*minimal endpoint*), sendo que este último parece se comportar como os adjetivos de “escala aberta”.

De acordo com Wechsler (2001), há três possibilidades de combinações que geram sentenças resultativas télicas, as quais são exemplificadas a seguir:

- (41) Lisa watered the tulip flat.
- (42) John shot the bird dead.
- (43) Kyle punched the dog to death.

Em (41), tem-se um verbo durativo e o predicado resultativo gradativo é um adjetivo de escala fechada com ponto final máximo. Em (42), o verbo é pontual e o predicado resultativo é um adjetivo não gradual. Em (43), o predicado resultativo não é expresso por um AP, mas por um SP cujo objeto SN especifica o limite.

Sentenças como (41), que instanciam a construção resultativa transitiva direta de propriedade selecionada com o verbo durativo, serão alvo deste trabalho. As restrições (44) e (45) apontadas

por Wechsler (2001) em relação a tais sentenças chamam atenção, segundo Broccias (2003), devido ao fato de ser possível ativar os cenários ilustrados pelas sentenças tidas como ilícitas.

- (44) He wiped the table clean/ dry/ smooth/*damp/*dirty/*stained/
*wet.
Ele esfregar(PASS) DET mesa limpa/seca/ lisa/*úmida/ *suja/ *manchada/
*molhada.
*Ele esfregou a mesa até deixá-la *limpa/*seca/*lisa/*úmida/*suja/*manchada/
molhada.
- (45) John hammered the metal flat/ *triangular/ *long.
João martelar(PASS) DET metal plano/ *triangular/ *longo.
*João martelou o metal plano/ *triangular/ *longo.*

Os adjetivos que geraram sentenças agramaticais não são capazes de criar o limite para o evento, pois são adjetivos de ponto final mínimo. Assim, comportam-se como adjetivos de escala aberta. Tal afirmação é corroborada pelo Corpus de Boas (2000) (Tabela 2), que mostra que adjetivos de escala aberta e adjetivos de escala fechada com ponto final mínimo tendem a não aparecer na construção resultativa. Wechsler (2005), no entanto, afirma que é possível que haja exemplos que fujam a essa regra, uma vez que “a gramática tem furos”.⁷

TABELA 2 – Ocorrência de adjetivos de escala aberta, adjetivos de escala fechada com ponto final mínimo e adjetivos de escala fechada com ponto final máximo.
Fonte: Adaptado de Wechsler (2001).

Adjetivos de escala aberta	Ocorrências	Adjetivos de escala fechada com ponto final mínimo	Ocorrências	Adjetivos de escala aberta com ponto final máximo	Ocorrências
Famous	0	Dirty	0	Clean	102
Tired	0	Wet	0	Dry	77
Fat	0			Open	395

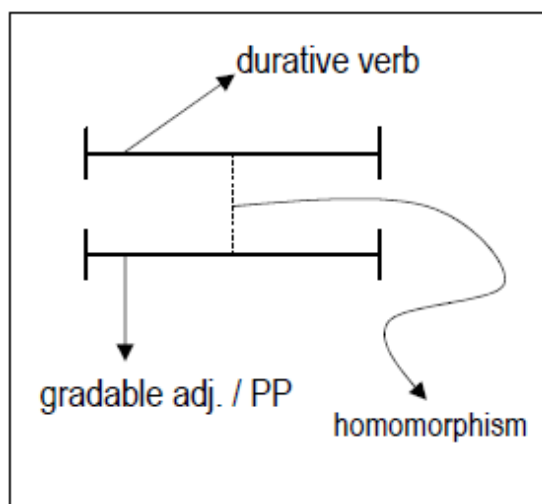
De acordo com Wechsler (2001), apenas adjetivos que apresentam ponto máximo final são capazes de formar o limite para o evento resultativo e podem criar homomorfismo em relação ao evento e ao subevento. Homomorfismo se refere ao fato de que partes do evento devem necessariamente se referir a partes do subevento, e vice versa. Assim, em “*Ken froze the mixture solid/ Ken congelou a mistura sólida*” cada parte do evento “*Ken cause [mixture become solid]*”

⁷ Minha tradução. Original: The grammar leaks

(“Ken causa [mistura tornar-se sólida]”) acontece de forma paralela ao subevento “Ken freeze mixture”(“Ken congela mistura”). Além da relação de homomorfismo, Wechsler aponta para a necessidade de coextensão dos eventos. Ou seja, a ação verbal deve ter início quando o tema a ser modificado está no início e deve terminar quando o mesmo tema alcança o final da escala. Utilizando o exemplo acima a título de ilustração, o “congelar” e o “se tornar sólido” se iniciam e progridem juntos e o congelamento se encerra quando o tema – neste caso a mistura – se torna sólido, como é ilustrado na Figura 1⁸.

FIGURA 1 – Representação esquemática das subconstruções resultativas transitivas selecionadas de propriedade causativa com verbos durativos.

Fonte: Adaptado de Broccias (2003)



A Figura 1 ilustra o homomorfismo, que Wechsler (2001) julga necessário para que as subconstruções-alvo deste estudo sejam lícitas. As linhas horizontais se referem à extensão temporal dos dois eventos envolvidos na construção resultativa. O final da primeira linha corresponde ao final da ação, enquanto o final da segunda linha corresponde ao alcance da propriedade em questão. A linha vertical conectando os dois eventos é o homomorfismo, que faz com que a progressão de um evento ocorra simultaneamente à progressão do outro. Dessa forma, pode-se explicar a agramaticalidade das sentenças (49) e (50), e de outras como “*John hammered the metal triangular*/João martelou o metal traingular”. *Triangular* não é um adjetivo escalar.

⁸ Durative verb = verbo durativo; gradable adj./PP = Adjetivo/ PP gradativo; Homomorphism = homomorfismo.

Logo, o evento “*John cause [metal become triangular]*” (“John causa [metal tornar-se triangular]”) não poderia manter um homomorfismo com o subevento “*John hammer metal*” (John martelar metal”). Já em “*John wiped the table dirty/ João esfregou a mesa suja*”, “*dirty/ suja*” não apresenta ponto final máximo; Assim, não pode criar o limite que traz a telicidade à construção resultativa ilustrada pelos limites nas linhas horizontais.

Broccias (2003) argumenta que a proposta de Wechsler (2001), apesar de estar no caminho certo, ainda não é capaz de explicar a seleção adjetival na construção resultativa em sua totalidade. Broccias apresenta algumas sentenças, que de acordo com ele, instanciam subconstruções resultativas lícitas, mas fogem à proposta de Wechsler:

- (46) They battered him senseless.
Eles bater(PASS) o desacordado.
Eles bateram nele e, conseqüentemente ele ficou desacordado.
- (47) Sam cut the bread thin.
Sam cortar(PASS) DET pão fino.
Sam cortou o pão e, conseqüentemente, ele ficou fino.
- (48) He folded this note up very small.
Ele dobrar(PASS) esta nota muito pequena.
Ele dobrou a nota e, conseqüentemente ela ficou pequena.
- (49) I sprinkled the flowers wet with the garden hose.
Eu salpicar(PASS) DET flores molhada com DET jardim mangueira.
Eu salpiquei as flores usando a mangueira do jardim e, conseqüentemente, elas ficaram molhadas.

Tais exemplos, apesar de serem aceitos, segundo o autor, fogem à proposta de Wechsler (2001), pois o adjetivo utilizado não é de escala fechada com ponto final máximo, mas de escala fechada com ponto final mínimo. No entanto, nenhum dos dois autores, Wechsler e Broccias, trazem dados empíricos a suas propostas sobre a gramática da construção resultativa. Logo, as afirmações acima sobre quais adjetivos podem ser aceitos refletem apenas a intuição dos autores.

2.2.2 A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA EM PB

Bisol (1972) foi quem primeiro apresentou sentenças que, para alguns, ilustra a construção resultativa. Desde então, alguns importantes trabalhos objetivaram investigar se há presença de tal construção no PB (FOLTRAN, 1999; MARCELINO, 2000; LOBATO, 2004; BARBOSA 2008). Alguns desses trabalhos defendem a ideia de que a construção resultativa está presente no PB.

De acordo com Foltran (1999), há construção resultativa em PB, mas o uso delas é restrito em termos de produtividade. Como apresentado anteriormente, na língua inglesa a construção resultativa é formada por verbos de atividade (processo) e têm a telicidade ligada à presença do predicado resultativo. Em PB, dissemelhantemente, de acordo com a autora, a construção resultativa é formada por verbos de *accomplishment*. Conseqüentemente, o limite do evento é independente da presença do que, na visão da autora, é o predicado resultativo. As sentenças abaixo instanciarão, de acordo com o autor, a construção resultativa em PB:

- (50) Ela cortou o cabelo curto.
- (51) Ela costurou a saia justa.
- (52) Ele fez o chá fraco.
- (53) Ele construiu a casa muito grande.
- (54) Ele desenhou o círculo torto.
- (55) Ele fabricou a cadeira torta.
- (56) Ele cortou o pão em fatias.
- (57) Ela bateu as claras em neve.
- (58) Ele pintou a parede de branco.
- (59) Eles elegeram Paulo presidente da fábrica.

Já Marcelino (2000) defende que a construção resultativa do PB têm uma estrutura dissemelhante quando comparadas com as sentenças que ilustram tal construção em inglês. De acordo com o autor, o predicado resultativo em PB é formado pelo advérbio “bem” seguido de um adjetivo que

representa o efeito sofrido pelo tema em questão. Além disso, tal adjetivo deve conter o sufixo “-inho” (60). Ainda segundo o mesmo autor, em resultativas com verbos inergativos o predicado resultativo é formado por um SP chamado pelo autor de “até clause” (61).

(60) Joana picou o papel bem picadinho.

(61) Ele andou até gastar os sapatos.

Lobato (2004) também defende a existência da construção resultativa em PB. Para descrevê-las, a autora utiliza a definição mais comum na literatura, que, como foi apresentado por Goldberg & Jackendoff (2004), não corresponde à totalidade da construção resultativa em inglês. No entanto, essa descrição parece ser suficiente para a construção resultativa em PB. De acordo com a autora, “nessa construção há um objeto direto que denota um indivíduo do mundo real e recebe a predicação de certa propriedade, interpretada como propriedade que este indivíduo adquire por efeito direto dessa ação verbal” (LOBATO 2004, p. 242). A autora argumenta que há pelo menos quatro grandes grupos dentro da construção resultativa no PB, os quais estão ilustradas abaixo:

(62) Verbos de criação:

Deus criou os homens fracos.

(63) Verbos de mudança de estado:

A manteiga congelou torta.

(64) Verbos de criação com especificação do meio de criação:

João pintou a casa torta.

(65) Verbos de ação sobre objeto preexistente com situação resultante:

Ele cortou o cabelo curto.

Lobato analisa algumas das estruturas apresentadas por Goldberg e Jackendoff (2004) em relação ao PB, tais como (66). De acordo com ela, o adjetivo dessa sentença pode ser interpretado apenas como adjunto adnominal em instâncias como essa. Portanto, a interpretação resultativa não é possível. No entanto, é possível fazer pequenos ajustes na construção resultativa do inglês de forma que a interpretação resultativa seja gramatical. A sentença (67), por exemplo, é uma construção que tem interpretação resultativa e é aceita por falantes do PB, segundo a autora.

Além disso, ela mostra que algumas estruturas do inglês descritas por Goldberg e Jackendoff não são de forma alguma interpretadas como resultativas em PB, nem mesmo quando há reajustes. Sentenças com verbos inergativos, ao contrario do inglês, não apresentam tipo algum de interpretação resultativa no PB, pois o adjetivo é sempre interpretado como adjunto, como é ilustrado em (68a, 68b e 68c). Além disso, Lobato defende que a construção resultativa é gramatical somente quando seu aspecto é télico. No entanto, Goldberg e Jackendoff (2004) mostram que, pelo menos em inglês, há exemplos de construção resultativa atélica que são gramaticais, tais como (69) e (70). Por último, a autora argumenta que há apenas uma preposição que pode estar presente no predicado resultativo: “em”, como ilustrado em (71). Dessa forma, percebe-se que o possível licenciamento da construção resultativa em PB é permeado de idiosincrasias e que seu uso não é tão comum como no inglês.

- (66) Bill molhou as plantas planas.
- (67) Bill molhou as plantas bem molhadinhas.
- (68) a. Dora shouted herself hoarse.
 b. Dora se gritou rouca.
 c. Dora se gritou rouquíssima.
- (69) The road zigzagged down the hill.
 DET Estrada fazer(PASS) zigzag abaixo DET morro.
A estrada fez zigzag morro abaixo.
- (70) For hours Bill heated the mixture hotter and hotter.
 Por horas Bill esquentar(PASS) DET mistura mais quente e mais quente.
 Por horas, Bill esquentou a mistura que, conseqüentemente, ficou mais quente e mais quente.
- (71) O vaso partiu em mil pedaços.

Lobato (2004) defende que a construção resultativa está presente em PB. A autora aponta uma série de características das resultativas em PB que demonstram que a produtividade em PB parece ser muito menor do que em inglês. Primeiro, a autora afirma que, independentemente do predicado resultativo, o evento ilustrado já é do tipo *accomplishment*. Em inglês, como foi mencionado, eventos de atividade (processos) se tornam *accomplishment* apenas se o predicado resultativo estiver presente. Isso também ocorre em PB, segundo Lobato, mas apenas com a

utilização de verbos inergativos. Segundo, a causatividade é um aspecto opcional em PB. Finalmente, para uma construção em PB ser lícita é necessário que o predicado resultativo seja formado por um adjetivo em grau superlativo.

Em todos esses trabalhos, como é apontado por Barbosa (2008), o PB demonstra apresentar uma grande diferença em relação às outras línguas em que a construção resultativa pode ser encontrada: a produtividade. A construção resultativa é altamente produtiva nas línguas em que ela é encontrada. No entanto, em PB uma série de restrições é apontada.

2.2.2.1 INEXISTÊNCIA DA CONSTRUÇÃO RESULTATIVA EM PB

Ao contrário do inglês, que apresenta na construção resultativa uma estrutura uniforme para praticamente qualquer tipo de verbo (LEVIN & RAPAPORT HOVAV, 2005; BARBOSA, 2008), os casos apontados na seção anterior como exemplos de construção resultativa do PB apresentam diversas restrições que fazem com que muitos verbos não interajam com a construção resultativa (BARBOSA, 2008). Lobato (2004) aponta uma série de combinações que fariam com que uma construção resultativa se tornasse ilícita. Segundo a autora verbos inacusativos de estado e verbos inergativos não interagem de forma alguma com a construção resultativa. Além disso, a autora se opõe à posição de Marcelino (2000) ao afirmar que resultativas preposicionadas com as partículas “de” e “até” são ilícitas. Apesar de afirmar que a preposição “em” pode estar presente no predicado resultativo, Lobato mostra que há restrições para o uso desta preposição e aponta sentenças, ilustradas em (72), que, apesar de serem gramaticais e indicarem um resultado, não indicam um evento do tipo *accomplishment*. Em outras palavras, as sentenças permitem uma interpretação processual do evento em questão.

- (72) a) Ela bateu as claras em neve.
b) Ela bateu a manteiga em creme.
c) Ela cortou o pão em fatias.

Barbosa (2008) aponta alguns testes que demonstrariam que as sentenças utilizadas por Foltran (1999), Marcelino (2000) e Lobato (2004), em verdade, não são instâncias da construção resultativa. De acordo com o autor, a construção resultativa se torna ilícita em contextos de “re-afixation” (73). Contudo, em PB tal construção apontada como resultativa é licenciada no mesmo contexto (74).

(73) a) *John re-hammered the metal flat.
João re-martelar(PASS) DET metal plano.
João remartelou o metal até ele ficar plano.

b) *John re-painted the house yellow.
João re-pintar(PASS) DET casa amarela.
João repintou a casa até ela ficar amarela.

(74) a) João re-pintou a casa bem amarelinha.

b) Deus re-criou os homens fracos.

Além disso, Barbosa afirma que quando o sintagma adjetival “*again/novamente*” é inserido na construção resultativa, a sentença se torna ambígua. Nesse caso, é possível fazer uma leitura repetitiva (75b) e uma leitura restitutiva (75c) a uma sentença como (75a). No PB, ao contrário, a leitura repetitiva (76b) é lícita, mas a leitura (76c) é ilícita para sentenças como (76a).

(75) a) Sally hammered the metal flat again.
Sally martelar(PASS) DET metal plano novamente.
Sally martelou o metal até ele ficar plano novamente.

b) Sally hammered the metal flat, and the metal had been hammered flat before.
Sally martelar(PASS) DET metal, e DET metal tinha sido martelado plano antes.
Sally martelou o metal até ele ficar plano, e o metal já tinha sido martelado até ficar plano antes.

c) Sally hammered the metal flat, and the metal had been flat before.
Sally martelar(PASS) DET metal plano, e DET metal tinha sido plano antes.
Sally martelou o metal até ele ficar plano, e ele já tinha sido plano antes.

(76) a) João pintou a casa bem amarelinha novamente.

b) João pintou a casa bem amarelinha e a casa já havia sido pintada bem amarelinha antes.

c)*João pintou a casa bem amarelinha, e a casa já havia ficado amarela antes.

Barbosa ainda aponta que há grande diferença entre as sentenças apresentadas por Lobato (2004) e aquelas do inglês que instanciam a construção resultativa. Segundo o autor, os verbos que são apontados por Lobato como formadores de frases que instanciam a construção resultativa não são capazes de formar construção resultativa em inglês. Além disso, enquanto em inglês as resultativas são formadas por eventos de atividade (processo) que se transformam em *accomplishment* com a inserção do predicado resultativo, em PB mesmo sem o predicado resultativo o evento já é do tipo *accomplishment*.

De acordo com Barbosa (2008), é impossível expressar em PB, a partir do padrão sintático SN-SV-SN-SAdj, todo o conteúdo expresso por uma sentença que instancia a construção resultativa em inglês:

- (77) The jackhammer pounded me deaf.
A britadeira bateu me surdo.
A britadeira me ensurdeceu batendo/ de tanto bater.
- (78) A britadeira bateu até me deixar surdo.
- (79) *A britadeira me bateu surdo.

A sentença em (78) é uma forma de se apresentar em PB o sentido expresso pelo exemplo de construção resultativa do inglês (77). E em (79) verifica-se que a representação de tal semântica a partir da sintaxe utilizada em inglês gera uma sentença não licenciada em PB.

Parson (1990) alerta para a importância de se analisar se um predicado secundário é de fato um predicado resultativo (80) ou se é o que autor chama de “*resultative tags*” (81).

- (80) X hammered the metal flat.
(81) X closes the door tight.

Perceba-se que em sentenças que têm o predicado resultativo, como em (80), o adjetivo realmente descreve o estado atingido pelo argumento. Ou seja, no exemplo (80) o metal foi

martelado até atingir o estado de plano/chato. Em outras palavras, o adjetivo “plano/chato” caracteriza o resultado final do tema “metal” após ter sofrido a ação verbal “martelar”. Já em (81) o mesmo não ocorre. O adjetivo “apertada” não caracteriza o estado do tema “porta” após ter sofrido a ação verbal “fechar”. Isso se deve ao fato de que o resultado da ação “fechar a porta” é ter uma porta fechada. Assim, conclui-se que o adjetivo em (81), em vez de indicar o estado resultativo, caracteriza o tema. Ou seja, “apertada” caracteriza o estado final do tema. Dessa forma, entende-se que a sentença acima quer dizer que a porta foi fechada e, conseqüentemente, ficou fechada de forma apertada.

Barbosa (2008) propõe que as sentenças do PB (82), ao contrário do que acontece em inglês (83), não obedecem a todas as regras do critério resultativo (84). Mais especificamente, o autor argumenta que o PB viola a regra (i), pois, em vez de denotar um estado resultante, o predicado resultativo modifica o estado resultante, e a regra (iii), pois a mudança de estado é indicada pelo próprio verbo, e não pelo predicado resultativo. Dessa forma, percebe-se que as sentenças do PB violam o critério resultativo, principalmente devido ao fato de o verbo já indicar o resultado da ação independentemente de um predicado resultativo. Em (82), o resultado ação é “estar cortado” e o predicado secundário é apenas um modificador desse resultado.

(82) João cortou o cabelo curto.

(83) John hammered the metal flat.

(84) Critério resultativo:

(i) O predicado secundário resultativo denota um estado resultante;

(ii) O objeto atinge o estado resultante por meio de uma mudança de estado;

(iii) A mudança de estado é denotada pelo predicado resultativo (e não pelo verbo, que denota o desencadeamento da mudança);

(iv) A mudança de estado é causada por um desencadeador externo (“agente”);

(v) O verbo adquire uma leitura causativa (“agente” como desencadeador da mudança de estado);

(vi) O verbo explicita o modo pelo qual a mudança de estado é desencadeada.

Portanto, os estudos mais recentes (BARBOSA, 2008) apontam para a inexistência da construção resultativa em PB inglês. Assim como os estudos sobre as resultativas do inglês, os trabalhos sobre as resultativas do PB não trazem dados empíricos, o que faz com que a confiabilidade das informações não seja a ideal, já que parecem ser baseadas apenas na introspecção dos linguistas. Neste estudo, diferentemente, dados empíricos serão utilizados para discutir a gramática da construção resultativa em PB e em inglês. Além disso, os dados serão utilizados para que possa ser analisada a aquisição da construção resultativa por bilíngues do par linguístico PB e inglês. Os dados relativos a esse último tópico serão analisados, entre outros, à luz da perspectiva teórica da multicompetência, tema que será discutido no capítulo seguinte.

2.3 MULTICOMPETÊNCIA

O estudo ora proposto segue a visão holística sobre o bilinguismo, segundo a qual o usuário de L2 é um todo que não pode ser decomposto em duas partes separadas. De acordo com Grosjean (2008) o bilíngue não pode ser analisado como um ser “monolíngue em duas línguas”. Ao contrário, deve-se entendê-lo como um indivíduo que utiliza dois sistemas linguísticos, os quais raramente estarão funcionando independentemente. Uma perspectiva teórica que captura essa visão de bilinguismo é a multicompetência, à luz da qual o estudo ora proposto será desenvolvido.

De acordo com a perspectiva da multicompetência (COOK, 2011), as duas línguas utilizadas por um usuário de L2 formam um sistema conectado. Consequentemente, o usuário de L2 é visto como um ser com características próprias, e não como “dois monolíngues em um” ou “um usuário mal sucedido de L2”. Essas formulações vão contra os princípios básicos da perspectiva da multicompetência, que dizem que (i) usuários de L2 e falantes nativos pensam de formas distintas; (ii) usuários de L2 têm um conhecimento de L2 distinto daquele do falante nativo de tal língua; e (iii) usuários de L2 têm um conhecimento de L1 que se difere daquele dos falantes nativos de tal língua (COOK, 2011). Assim, segundo Cook (2011), considerar um bilíngue “um usuário mal sucedido de L2” é o mesmo que classificar um pato como um cisne mal sucedido. Da

mesma forma que os patos em relação aos cisnes, os usuários de L2 têm qualidades e características não relacionadas aos falantes nativos. Logo, não se devem analisar patos a partir apenas de comparação a cisnes nem usuários de L2 a partir apenas de comparações com falantes nativos. Além disso, parece inadequado considerar um usuário de L2 como “dois monolíngues em um”, pois como indicam os princípios da perspectiva teórica da multicompetência, o usuário de L2 se difere tanto do nativo da sua L1 como do nativo da sua L2. Portanto, o fato de a L1 e a L2 de uma pessoa estarem em um sistema que as conectam faz com que o usuário de L2 se torne um indivíduo ímpar.

Uma vez que se acredita que há uma interação entre as línguas do indivíduo (COOK, 2011 GROSJEAN, 2008), é importante saber que a aquisição de uma L2 específica vai ocorrer de formas distintas para falantes cuja língua nativa se difere, já que os elementos envolvidos na interação serão diferentes. Dessa forma, a aquisição de uma língua como o espanhol, por exemplo, é provavelmente mais fácil para um falante nativo do PB do que para um falante nativo do alemão, uma vez que haveria maior transferência positiva⁹ do PB para o espanhol do que do alemão para o espanhol. Semelhantemente, se os mesmos falantes aprendessem uma língua germânica, como o holandês, provavelmente os falantes do alemão apresentariam maior facilidade pelas mesmas razões. Da mesma forma, os fenômenos presentes na aquisição de uma L2 teriam intensidades diferentes de acordo com a L1 e a L2 em questão.

2.3.1 PROCESSAMENTO SINTÁTICO DO USUÁRIO DE L2

Como discutido na seção anterior, a multicompetência assume que as línguas presentes no sistema linguístico de um usuário de L2 interagem entre si. Há estudos experimentais que buscam a verificação da existência desta conexão especificamente entre representações sintáticas de línguas específicas (Hartsuiker, Pickering, Veltkamp, 2004). Mais especificamente, diversos

⁹ A transferência positiva é a utilização produtiva da língua materna no desempenho de uma língua não materna, a qual se desencadearia como resultado das semelhanças existentes entre as formas/ estruturas da língua materna em relação à língua objeto de estudo.

estudos analisam se a sintaxe de cada sistema linguístico é estocada separadamente na mente humana ou se há algum tipo de compartilhamento ou integração da sintaxe das duas línguas.

Cada língua apresenta sua própria gramática. Contudo, há uma série de construções que parecem apresentar muitas semelhanças. Em PB e inglês, por exemplo, algumas instâncias das construções ativas e passivas são utilizadas de forma similares, como apresentado em (89) e (90). Dessa forma, questiona-se se as informações sintáticas utilizadas para a formação dessas sentenças são compartilhadas entre as línguas ou se cada língua possui suas informações separadamente mesmo que para isso as informações precisem ser repetidas para cada língua.

- (89) a) Carlos chutou a bola.
b) A bola foi chutada por Carlos.
- (90) a) Charles kicked the ball.
Carlos chutar (PASS) DET bola.
Carlos chutou a bola.
- b) The ball was kicked by Charles.
DET bola ser (PASS) chutada por Carlos.
A bola foi chutada por Carlos.

De acordo com a hipótese que defende que a sintaxe é separada em cada língua, os falantes bilíngues do par linguístico PB e de inglês representam a construção ativa e passiva em inglês e em PB separadamente. Levando-se em consideração que tais construções são praticamente iguais nas duas línguas, os falantes, basicamente, representariam a mesma informação duas vezes, sendo uma representação para cada língua. Uma motivação para tal abordagem prende-se ao fato de que se o usuário de L2 estoca as informações de cada língua separadamente ele poderia focar na língua sendo utilizada e, logo, teria menos opções de construção, sendo levadas em conta durante o processamento linguístico. Consequentemente, o usuário de L2 seria mais eficiente, uma vez que durante o processamento as chances de se estar representando uma construção adequadamente seria maior. Sentenças como (91), por exemplo, têm dois tipos de leitura possível em inglês, pois podem instanciar dois tipos de construções.¹⁰ Em PB, também há duas leituras possíveis para (92), que mimetizam a sentença (91). No entanto, uma das leituras possíveis em

¹⁰ As duas construções em questão são discutidas detalhadamente na seção 2.2

PB não é possível em inglês e o contrário, conseqüentemente, também ocorre. Logo, somando-se as leituras possíveis em cada língua, um falante bilíngue do par linguístico PB e inglês teria acesso a três tipos de leitura. Contudo, se as informações sintáticas são armazenadas separadamente em casa língua, um bilíngue do par linguístico PB e inglês teria apenas duas leituras possíveis para sentença (91) e duas leituras possíveis para a sentença (92). Portanto, uma pesquisa que defende que a sintaxe de cada língua é armazenada separadamente na mente do usuário de L2 deve mostrar, por exemplo, que apenas as leituras possíveis na língua do insumo estão disponíveis para o falante.

- (91) The hairdresser combed the hair straight.
DET cabeleireiro pentear(PASS) DET cabelo liso/reto.
O cabeleireiro penteou o cabelo até ele ficar liso.
O cabeleireiro estando reto penteou o cabelo.

- (92) O cabeleireiro penteou o cabelo esticado.

A abordagem que defende que a sintaxe é compartilhada entre as línguas propõe que, pelo menos, as informações que são iguais para L1 e L2 são armazenadas somente uma vez. De acordo com esse pensamento, é possível que ao lidar com a sentença (92), que possui o mesmo padrão sintático de (91), o bilíngue apresente três leituras para (91) ou para (92). Em outras palavras, as informações sintáticas de (91) e (92) estariam conjuntamente disponíveis. Logo, ao lidar com uma dessas sentenças, o usuário de L2 estaria acessando as informações sintáticas presentes na outra. Assim, um estudo que busca comprovar que a mente do usuário de L2 é integrada no nível sintático deveria, por exemplo, encontrar dados que mostrem que o usuário de L2 recebe o insumo em uma língua e ativa informações de outra.

Hartsuiker, Pickering e Veltkamp (2004) buscaram analisar se na mente de usuários de L2 a sintaxe é de alguma forma compartilhada por L1 e L2. Basicamente, os autores investigaram se bilíngues do par linguístico espanhol e inglês tendiam a formar mais sentenças na voz passiva em inglês (L2) ao ouvir uma sentença em voz passiva em espanhol (L1). Ou seja, foi investigado se havia algum efeito de *priming* translinguístico. Os resultados demonstraram que os bilíngues tendiam a produzir em inglês mais sentenças na voz passiva após ouvir tal construção em

espanhol. Tal fato sugere que a L1 e a L2 dos participantes testados compartilham algumas informações sintáticas.

Hernández, Fernández, e Aznar-Besé (2007) analisam uma série de estudos sobre processamento sintático. Tais estudos, segundo os autores, trazem mais evidências de que os dois sistemas linguísticos de um usuário de L2 não funcionam de maneira independente. Ao contrário, há uma interação entre os dois sistemas tanto na forma de transferência linguística quanto na de amalgamação das estratégias de processamento e na de representação linguística. Para os autores, se a representação interna da gramática de L2 não é rica o suficiente e contém elementos da outra língua ou que sequer pertence a alguma delas, o desempenho refletirá transferência ou amalgamação.

Muitos estudos atuais que abordam o processamento sentencial por bilíngues têm focado, também, em aspectos relacionados à semântica (HERNÁNDEZ, FERNÁNDEZ, e AZNAR-BESÉ, 2007). Tais estudos também sugerem que as características do processamento e da representação bilíngue estejam situadas entre os dois sistemas linguísticos. Eles revisaram dados provindos de estudos que investigaram o processamento semântico no nível sentencial e afirmaram que os resultados sugerem que o processamento bilíngue utiliza um sistema conceitual único para as duas línguas. Tais estudos mostram, por exemplo, que efeitos de priming semântico em L1 de fato atingem L2. Sendo assim, percebe-se que a presença de dois sistemas linguísticos na mente do bilíngue faz com que o processamento linguístico dele seja permeado de complexidade tanto no nível sintático quanto no nível semântico. Consequentemente, espera-se que fenômenos resultados da interferência entre os dois sistemas linguísticos façam parte do processamento do usuário de L2

2.3.2 INFLUÊNCIA DE L1 EM L2

O construto de um componente cognitivo cuja função é o processamento sintático das expressões linguísticas, denominado *parser* (VAN GOMPEL & PICKERING, 2007) é um dos principais

pressupostos da psicolinguística e apresenta considerável relação no que se refere à interação entre L1 e L2. Basicamente, o *parser* é o mecanismo presente na mente humana responsável por construir uma representação mnemônica da estrutura sintática durante a compreensão do insumo. A motivação empírica para a postulação deste construto teórico é o fato de que as sentenças são de processamento difícil (como sentenças ambíguas) e que podem, até mesmo, não ser interpretadas a despeito de seu licenciamento na gramática. Assim, o conceito de *parser* endereça o processamento sentencial na memória durante os eventos de compreensão e produção de sentenças. Há estudos que indicam que as regras de funcionamento do *parser* variam de acordo com a língua (CUETOS & MITCHELL, 1988, apud MAIA & FINGER, 2005) e, por isso, procuram definir as preferências de processamento para determinadas línguas. De outro lado, há estudos (FERNÁNDEZ, 2003) que argumentam a favor de um caráter universal do *parser*, não obstante ressaltando uma possível influência que o conhecimento da gramática de cada língua exerceria sobre ele, moldando, por meio do insumo recebido para cada língua, as estratégias preferenciais de processamento sintático. Assim, o fato de o *parser* parecer apresentar características específicas de uma língua pode fazer com que um indivíduo bilíngue apresente um processamento sintático diferenciado durante o processamento de um insumo em relação ao processamento monolíngue.

São diversas os estudos que já demonstraram que o comportamento linguístico em L2 de um indivíduo bilíngue é influenciado pela sua língua materna (COOK 1997; KLEIN 1999; COOK, et al., 2003; SOUZA, 2011). Tal fenômeno é chamado de “transferência linguística de L1 para L2” (JUFFS, 1998; FERNANDEZ 1999; PAVLENKO & JARVIS, 2002; SOUZA & MELLO, 2007; SOUZA, 2011), que se refere ao fato de que estratégias peculiares a L1 são empregadas pelo usuário de L2 quando ele lida com sua língua não nativa. Por isso, o processamento linguístico do usuário de L2 tende a se diferir do processamento de falantes nativos. Além disso, pode haver, no discurso do falante não nativo traços internos do sistema da sua L1 (fonologia, sintaxe, semântica e sintaxe). E como afirma Fernandez (1999), se o usuário de L2 utiliza estratégias mais apropriadas para L1 quando está processando L2, haverá consequências importantes em relação à possibilidade do usuário de L2 internalizar a gramática de L2 de uma forma paralela à maneira que uma criança adquire sua L1.

Fernandez (2003) demonstrou que falantes nativos do espanhol usuários do inglês como segunda língua, ao interpretarem orações relativas em inglês, podem processar as mesmas diferentemente em comparação com os falantes nativos do inglês em termos de aposição. Tal possibilidade deve estar relacionada às estratégias empregadas pelos usuários de L2 para processar as sentenças em inglês, pois, em vez de utilizarem estratégias próprias da L2, eles parecem ter utilizados estratégias peculiares a L1. Portanto, devido às diversas complexidades que permeiam a aquisição de L2 oriundas principalmente da presença da L1, “é geralmente reconhecido por pesquisadores da área que a aquisição de L2 está em acentuado contraste com aquisição de L1” (KLEIN, 1999, p. 197).¹¹

2.3.3 INFLUÊNCIA DE L2 EM L1

Recentemente, também têm sido investigados possíveis efeitos de L2 em L1. Essa investigação se dá principalmente por meio de estudos que abordam o tema “erosão linguística” (*language attrition*). De acordo com Schmid & Köpke (2008), erosão linguística se refere à mudança no sistema da língua nativa de um falante devido à aquisição de uma L2. Essa mudança poderia resultar em alguns fenômenos na L1, dentre os quais estão interferência de L2, simplificação da L1 e insegurança. Segundo Souza & Oliveira (2011), os estudos sobre erosão linguística, normalmente, investigam dados provenientes de bilíngues cujo perfil linguístico e o contexto em que se encontram sugerem uma inversão de dominância. Ou seja, trata-se de bilíngues cuja menor exposição a L1 e intensa utilização da L2 fazem da última a língua dominante. No entanto, alguns estudos já mostram que efeitos de L2 em L1 também podem estar presentes em casos de não inversão de dominância (COOK, 2003; SOUZA & OLIVEIRA, 2011).

Parece possível que a erosão seja meramente a parte emergente do iceberg do bilinguismo. Os efeitos mais sutis da L2 na L1, que são provavelmente experienciados por todos os bilíngues, normalmente se mantêm abaixo da

¹¹ Minha tradução. Original: “It is generally acknowledged by researchers in the field that L2A stands in stark contrast to first language acquisition (L1A)” (KLEIN 1999, 197).

linha da água e não podem ser detectados a não ser por investigações psicolinguísticas e neurolinguísticas (SCHMID & KÖPKE, 2008:22).¹²

Cook (2011) apresenta aspectos que já demonstraram que são influenciados pela presença de uma L2 no sistema cognitivo de um indivíduo, tais como: percepção de cor, expressões de caminho e maneira, raciocínio e emoções. Além disso, o autor cita alguns trabalhos que comprovaram tal influência nos níveis fonológico, pragmático, lexical e sintático. Este último nível será o foco do estudo ora descrito. De acordo com Cook, a sintaxe de uma língua pode ser influenciada pela presença de uma segunda língua de formas distintas. O mesmo autor (COOK et al., 2003) demonstrou como falantes nativos do japonês, espanhol e grego que também eram usuários do inglês apresentavam julgamentos distintos, em comparação com os falantes monolíngues de suas línguas nativas no que se refere ao julgamento do sujeito da sentença. Além disso, o autor cita outros trabalhos que mostram que a preferência por aposição alta ou baixa de uma oração relativa em espanhol varia de acordo com a presença do inglês na mente do indivíduo e que provaram que crianças falantes do inglês que estão aprendendo *cherokee* são melhores que os monolíngues em termos de regularização (*overregularization*). Assim, percebe-se que já há uma série de estudos cujos resultados sugerem que é de mão dupla a via que faz a ligação entre as duas línguas no sistema linguístico bilíngue.

Um estudo que se aproxima ao que aqui está sendo descrito foi conduzido por Souza & Oliveira (2011). Os autores investigaram a influência de L2 em L1 em falantes bilíngues do par linguístico PB e inglês, tendo como alvo uma construção recorrente em inglês, mas não em PB: a construção de movimento induzido (LEVIN, 1993; MONTRUL, 2001; SOUZA, 2011; SOUZA, 2012, GUIMARAES, 2012). O experimento foi realizado utilizando o paradigma da leitura autocadenciada e os dados obtidos indicaram que os bilíngues com alta proficiência têm acesso a informações sintáticas e semânticas de L2 durante leitura em L1. Mais especificamente, o estudo sugere que ao lidar com sentenças tais como 94 (a-c) os usuário de L2 têm acesso às informações sintáticas e semânticas presentes em 93 (a-c). Tal sugestão é oriunda do fato de que enquanto 93

¹² Minha tradução, original: In conclusion, it appears possible that attrition is merely the emerging part of the iceberg of bilingualism. The more subtle effects of L2 influence on L1, which are probably experienced by all bilinguals, usually remain under the waterline and cannot be detected except by targeted psycho and neurolinguistic investigations.

(a-c) são sentenças lícitas no inglês e as sentenças 94 (a-c), que mimetizam as primeiras, não são lícitas em PB. No entanto, bilíngues do par linguístico PB e inglês de alta proficiência processaram as sentenças 93 (a-c) de forma menos custosa que os falantes nativos do PB. Levando-se em conta que essas sentenças não são lícitas em PB, os usuários de L2 parecem ter acessado as informações sintáticas e semânticas de L2 e, conseqüentemente, não apresentaram grandes custos de processamento.

- (93) a) The researcher ran the mouse through the maze.
 DET pesquisador correr(PASS) DET rato pelo DET labirinto.
O pesquisador fez o rato correr pelo labirinto.
- b) The policeman walked his dog to the house.
 DET policial andar(PASS) POSScachoro para DET casa.
O policial fez seu cachorro andar para casa.
- c) The trainer jumped the lion through a hoop.
 DET domador pular(PASS) DET leão pela argola.
O domador fez o leão pular pela argola.
- (94) a) O pesquisador correu cobaias em um labirinto.
 b) Os policiais caminharam cachorros para a casa.
 c) O treinador pulou o leão através do círculo.

Os autores do estudo afirmam que

Parece claro que o conhecimento de padrões realização argumental é um importante componente do conhecimento gramatical, e que tal conhecimento é ativado nos estágios iniciais do processamento sentencial, alimentando o *parser* no estabelecimento on-line de estruturas para sequências gráficas ou sonoras. Como tais padrões tendem a ser distintivamente específicos a uma língua é plausível acreditar que durante o desenvolvimento de L2, indivíduos bilíngues precisem reconfigurar os padrões de realização argumental de L1 sempre que eles se divergirem da gramática de L2.¹³

¹³ Minha tradução. Original: "It seems clear that knowledge of argument realization patters is a major component of knowledge of grammar, and that suck knowledge is activated at early stages of processing, feeding the *parser* in the on-line establishment of structures for sounds or grapheme strings. Because those patterns tend to be distinctively

Portanto, além da influência de L1 em L2, já vastamente estudada, parece que o usuário de L2 também tem sua L1 influenciada pela L2, fato que sugere uma ligação entre L1 e L2 no sistema linguístico de usuários de L2. Ambos os tipos de influência serão endereçados no presente estudo.

A seguir, é explicitado como as sutilezas da configuração linguística de uma construção podem fornecer um conjunto de fatos articuláveis a uma teoria de aprendizibilidade que leva em consideração aspectos de divergências tipológicas entre línguas: a teoria da relação conjunto-subconjunto entre línguas.

2.4 RELAÇÃO CONJUNTO E SUBCONJUNTO ENTRE LÍNGUAS

Usuários de L2 falantes nativos de línguas distintas parecem apresentar graus de dificuldade dissemelhantes para aprender estruturas linguísticas de uma L2. Tal discrepância pode estar relacionada às diferentes línguas envolvidas em cada processo. Assim, a variabilidade translinguística tem por certo um papel significativo na aprendizagem de L2. Nos estudos de aquisição de segunda língua, há uma perspectiva teórica que visa relacionar os processos cognitivos presentes na aquisição de uma L2 a traços de tipologia linguística. Neste trabalho, essa perspectiva será denominada “relação conjunto e subconjunto entre línguas” (MONTRUL, 2001; OKAMOTO, 2007). Segundo esta, a propensão de aprendizibilidade de uma estrutura em L2 pode ser prevista a partir da abrangência das estruturas disponíveis na L1 e na L2.

A maioria dos estudos que abordam a relação conjunto e subconjunto foca em dois contextos. Um deles, ilustrado na Figura 2, ocorre quando alguns aspectos de uma estrutura não estão presentes na L1, mas estão em L2. Pode-se dizer que L2 é mais geral que L1; i.e., L1 é um subconjunto de L2. Nesse caso, a exposição a evidências positivas ampliam as possibilidades de

language specific, it is plausible to expect that over L2 development bilinguals face the task of reconfiguring L1 patterns of argument realization whenever they divert from the L2 grammar”. (SOUZA & OLIVEIRA, 2012)

mapeamento forma-significado da L1 e ajudam o usuário de L2 a descobrir e aprender os aspectos específicos de L2 da construção em questão. O outro contexto, ilustrado na Figura 3, ocorre quando L1 é mais geral que a L2. A construção em L1 contém aspectos que não são licenciadas na L2. Dessa forma, a evidência positiva em L2 não é suficiente para mostrar ao usuário de L2 que certos aspectos presentes na L1 são incorretos na L2.

FIGURA 2 - L1 subconjunto do conjunto L2

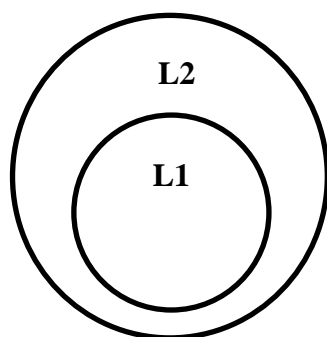
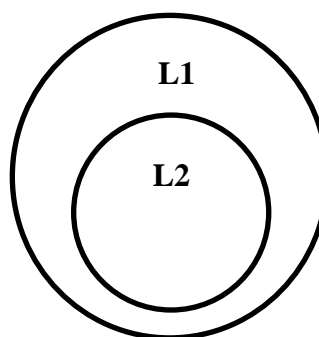


FIGURA 3 - L2 subconjunto do conjunto L1



Okamoto (2007) mostra que alguns estudos já demonstraram que há maior influência de L1 em L2 quando L2 é um subconjunto de L1 (FIG. 3) no tocante a determinada estrutura. A explicação para tal fato é que o insumo em L2 confirma que alguns aspectos, licenciados em L1, da estrutura em jogo também são licenciados em L2. Contudo o insumo é incapaz de demonstrar que outros aspectos da mesma estrutura não são licenciados. Em outras palavras, o insumo de L2 sempre seguiria o padrão de L1, o que poderia sugerir ao usuário de L2 que ambas as línguas são idênticas no que se refere à estrutura em questão. Por isso, os indivíduos bilíngues poderiam vir a supergeneralizar alguns aspectos de estruturas de L2, atribuindo a elas padrões semânticos possíveis apenas em L1.

Se aquisição de L2 está fortemente ligada à evidência positiva, os usuários de L2, provavelmente, apresentam problemas para aprender as restrições presentes na gramática de L2, que é subconjunto de L1. De acordo com a relação de conjunto e subconjunto entre línguas, para superar esse problema os bilíngues adotam uma gramática restritiva até que a evidência positiva seja apresentada (OKAMOTO, 2007). No entanto, estudos sobre a aquisição de estrutura

argumental não corroboram tal princípio, já que diversos trabalhos demonstram que há supergeneralização das regras de L2.

A título de ilustração, analisam-se os trabalhos de White (1991, apud OKAMOTO, 2007) e Ingaki (2001, apud OKAMOTO, 2007). White realizou um estudo com bilíngues do par linguístico inglês e francês. A gramática do francês é um subconjunto da gramática do inglês devido ao fato de que em francês (95), ao contrário do que ocorre em inglês (96), o dativo com objeto duplo não é permitido. De acordo com a autora, os falantes nativos do inglês usuários de francês como L2 com longo tempo de imersão em L2 ainda aceitavam sentenças como (95). Ingaki investigou bilíngues do par linguístico inglês e japonês e demonstrou que eles aceitam construções como (97), que em japonês não são licenciadas. Em japonês, não é possível formar sentenças com um sintagma verbal que indica modo de movimento juntamente com um sintagma preposicional que indica alvo. Por isso, o japonês pode ser considerado um subconjunto do inglês. Dessa forma, ambos os estudos (WHITE, 1991 apud OKAMOTO, 2007; INGAKI, 2001 apud OKAMOTO, 2007) sugerem que até bilíngues com longa exposição a L2 supergeneralizam regras de L2, aceitando nesta padrões permitidos apenas na L1.

- (95) *Jean a envoyé Marie des fleurs.
João ter enviado Maria algumas flores.
João enviou Maria algumas flores.
- (96) John sent Mary some flowers.
João enviar(PASS) Maria algum flores.
João enviou Maria algumas flores.
- (97) John walked to school.
João andar(PASS) a escola.
João andou a escola.

Na situação oposta, em que L1 é um subconjunto de L2, a aprendizagem transcorre com menos problemas, já que a evidência positiva é suficiente. Dessa forma, levando-se em consideração que no tocante à sequência SN-SV-SN-SAdj o PB é subconjunto do inglês, os bilíngues do par linguístico PB e inglês apresentam alta propensão a aprender a construção resultativa, que é alvo deste estudo. No entanto, a construção apresenta algumas restrições em sua formação, como foi apresentado na introdução deste trabalho. Dessa forma, suspeita-se que a evidência positiva é

suficiente para fazer com que os bilíngues aprendam as construções gramaticais, mas não garante que eles aprendam as restrições de formação do predicado resultativo, como ocorreu no trabalho de Zara (2009), apresentado na introdução deste estudo. Em outras palavras, da mesma forma que a aprendizagem se torna mais difícil quando um bilíngue está lidando com uma língua que é subconjunto da sua língua materna, um bilíngue também terá dificuldade para aprender as restrições presentes na L2 quando esta é conjunto da L1, pois ambos os fenômenos são dependentes de evidências negativas.

No capítulo que segue serão apresentados os materiais e métodos utilizados na realização do estudo ora descrito.

CAPÍTULO 3

MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 A PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia escolhida para coletar e analisar os dados; o método utilizado; os procedimentos para a montagem dos estímulos utilizados; a seleção de participantes; e a forma adotada para coleta de dados.

O estudo experimental ora descrito é de natureza quantitativa. As variáveis independentes são: língua nativa (PB e inglês), nível de proficiência em L2 (inglês) e condição da sentença. Como variável dependente, tem-se o julgamento de aceitabilidade das sentenças. O experimento aqui descrito tem por objetivo iluminar questões sobre o compartilhamento da sintaxe na mente bilíngue e sobre a aquisição da construção resultativa por usuários de L2 falantes nativos do PB. Estudos similares foram elaborados por Souza (2011), Souza & Oliveira (2011) e Guimarães (2012), que investigaram a aquisição de construções de movimento induzido por falantes do par linguístico PB e inglês. Os autores encontraram dados, a partir de testes on-line e testes off-line, que sugerem que há influência de L1 em L2 e influência de L2 em L1 em falantes bilíngues e que essas interações estão relacionadas ao nível de proficiência. Tais influências apontam para um possível compartilhamento no nível sintático das línguas no sistema linguístico bilíngue. Este estudo será feito com uma construção cuja aquisição por falantes nativos do PB usuários de inglês como L2 ainda não foi abordada: a construção resultativa. Assim, visa-se revelar alguns processos cognitivos envolvidos na aquisição dessa construção. Este trabalho, ainda, traz dados que objetivam alimentar teorias gramaticais sobre a construção resultativa em PB e inglês (BARBOSA; 2008; WECHSLER, 2001; BROCCIAS, 2003).

3.2 MÉTODO – ESTIMATIVA DE MAGNITUDE

Comumente, encontram-se na literatura afirmações sobre a gramaticalidade/aceitabilidade de certos itens gramaticais que são oriundas somente da introspecção de um linguista (FEATHERSTON, 2005). Tal fato faz com que essas afirmações não sejam tão confiáveis como poderiam e resultam em trabalhos contraditórios e em discussões inconclusivas, como se observa nos trabalhos mencionados anteriormente, que propõem um modelo de seleção adjetival do predicado resultativo em inglês (WECHSLER, 2001; BROCCIAS, 2004) e nos trabalhos que discutem a existência da construção resultativas em PB (MARCELINO, 2000, LOBATO, 2004; BARBOSA, 2009). Nenhum desses trabalhos traz dados empíricos que mostram o julgamento de falantes sobre as posições defendidas. Dessa forma, não é possível afirmar qual proposta reflete de forma mais adequada à gramática dos falantes em questão. Neste estudo, ao contrário, dados empíricos trazem evidências mais robustas de que é possível fazer afirmações mais sólidas não apenas sobre os processos cognitivos envolvidos na aquisição da construção resultativa por bilíngues do par linguístico PB e inglês, mas também sobre a gramática dessa construção em PB e em inglês.

No experimento ora descrito, será utilizado um método off-line, definidos como aqueles que investigam o processamento a partir de dados obtidos pós-processamento. Neles, os sujeitos são expostos às questões da pesquisa e, após a exposição, devem executar alguma tarefa. Ou seja, não se observa o sujeito ao longo do processamento do alvo da investigação, como em métodos on-line¹⁴, mas quando o processamento já foi concluído. A tarefa após o processamento varia de acordo com a necessidade do experimentador, que pode, por exemplo, solicitar aos sujeitos que julguem ou interpretem um conjunto de estímulo para obter dados que digam algo sobre a compreensão e representação. Podem-se também obter dados por tarefas que solicitem que os sujeitos produzam algo a partir dos estímulos a que foram expostos, avaliando, assim, padrões que possam ter sido desenvolvidos.

¹⁴ Para saber mais sobre métodos on-line, ler Mitchell (2004).

O método off-line adotado no trabalho ora descrito é o julgamento de aceitabilidade, teste essencial para as pesquisas linguísticas psicolinguísticas, já que a falta de paralelismo entre uso e conhecimento linguístico faz com que muitos fenômenos não possam ser percebidos de maneira fácil e natural (SORACE, 2010). Assim, devido à falta de ocorrência de algumas construções em comunicações cotidianas, experimentos que de alguma maneira colocam os indivíduos em contato com os estímulos linguísticos em questão parecem ser a forma mais prática de verificar se a construção estudada compõe a gramática de um grupo específico. Além disso, julgamentos de aceitabilidade permitem que linguistas estudem a reação de falantes diante de construções que não existem no uso comum da língua.

Para o julgamento de aceitabilidade deste estudo, será utilizada a estimativa de magnitude (BARD et al., 1996; SORACE, 2010; FEATHERSTON, 2005). A partir desse paradigma, é possível reduzir qualquer tipo de efeito lexical por meio do uso de uma variedade lexical considerável entre os estímulos alvos. Ademais, a estimativa de magnitude, ao contrário das escalas convencionais, tais como a Escala Likert, permite que os julgamentos de aceitabilidade apresentem poucas restrições em termos escalares. Em outras palavras, os julgadores não ficam presos a pontos específicos da escala. Eles podem colocar cada estímulo em qualquer posição da escala de acordo com o quão aceitável a frase é julgada. Tal fato faz com que a estimativa de magnitude tenha um caráter mais comparativo do que classificatório.

Esse caráter comparativo vem sendo explorado há pouco tempo na linguística, mas já têm certa tradição em estudos psicofísicos. Neste campo científico, o paradigma da estimativa de magnitude é utilizado para determinar a sensação de uma pessoa a um estímulo (luz ou som, por exemplo) em relação a outro. Basicamente, nesse tipo de experimento um estímulo padrão é apresentado e os participantes devem atribuir a tal estímulo padrão um valor numérico. Em seguida, outros estímulos são apresentados, e os participantes devem atribuir valores que expressem a relação, proporção ou diferença entre os estímulos. Para ilustrar esse experimento, imagine que o participante é apresentado a um som, e a esse som ele atribui o valor 25. Em seguida, o som é apresentado com uma intensidade duas vezes maior. Se o participante tem a sensação de que o som está duas vezes mais intenso, ele deve atribuir o valor 50. Entretanto, se a sensação dele foi de que o som aumentou mais que duas vezes ele pode atribuir qualquer valor

acima de 50. Da mesma forma, se a sensação do informante foi que o som aumentou menos do que duas vezes ele atribuirá algum valor entre 25 e 50. Dessa forma, o paradigma da estimativa de magnitude é capaz de capturar a diferença entre estímulos tal como ela é percebida pelos participantes.

A maior diferença entre os estudos psicofísicos e os estudos linguísticos, como o que aqui está descrito, está no fato de que na linguística só é possível trabalhar com os valores atribuídos pelos informantes, já que não há “valores reais” em termos de aceitabilidade de sentenças. De acordo com Sorace (2010), tal fato não gera problema algum às pesquisas linguísticas, pois diversos estudos vêm corroborando a ideia de que pesquisas que apenas trabalham com as opiniões dos participantes podem ser analisadas a partir da estimativa de magnitude. O uso desse paradigma em testes de julgamentos de aceitabilidade forneceria dados mais confiáveis e precisos do que o uso das escalas convencionais, tais como a Escala Likert, pois a estimativa de magnitude é mais sensível às diferenças sutis entre os estímulos (BARD et al., 1996).

A aplicação de um teste de julgamento de aceitabilidade com o paradigma da estimativa de magnitude é relativamente simples. Normalmente, os participantes são apresentados a uma sentença padrão que deve ficar visível durante todo o teste. Uma nota é atribuída a essa primeira sentença, e as sentenças seguintes recebem seus valores de acordo com a aceitabilidade delas em relação à sentença padrão. Obviamente, a sentença anterior (ou qualquer outra que o participante lembre o valor) pode ser usada a título de comparação para atribuição do valor de uma nova sentença. Assim, pode-se afirmar que com a estimativa de magnitude o julgamento dos participantes se torna proporcional, pois, além de informarem se uma sentença é mais ou menos aceitável do que outra, eles devem dizer quantas vezes mais ou menos aceitável essa sentença é em relação à outra. Além disso, a escala criada não tem valor máximo ou mínimo e nem qualquer tipo de divisão. Ou seja, qualquer valor pode ser atribuído. O corolário de tal liberdade é uma considerável granularidade e sutileza dos dados que expressam qualquer tipo de diferença em termos de aceitabilidade percebida pelos participantes.

Fenômenos que não são facilmente explicáveis por meio da introspecção convencional de linguistas poderiam apresentar maior validade caso a estimativa de magnitude fosse utilizada.

Isso se deve ao fato de que com a estimativa de magnitude é possível obter o julgamento não só de um linguista, mas também de um alto número de falantes. Além disso, aos dados extraídos da pesquisa é possível aplicar uma série de testes estatísticos, o que garante maior confiabilidade aos resultados. Acredita-se, assim, que se o hábito da introspecção fosse substituído por testes empíricos, assuntos como a seleção adjetival da construção resultativa em inglês e a presença dessa mesma construção em PB estariam mais claros e as discussões seriam menos abstratas.

3.3 MATERIAL EXPERIMENTAL

Todas as sentenças que foram utilizadas como estímulo no teste de julgamento de aceitabilidade ora descrito estão disponíveis nesta dissertação em (APÊNDICE A) e (APÊNDICE B). Nesta seção, apresentam-se as sentenças que tiveram a aceitabilidade julgada a partir do paradigma da estimativa de magnitude. Mais especificamente, são abordados os estímulos alvo, as sentenças com padrão SN-SV-SN-SAdj e leitura descritiva e as sentenças distratoras.

3.3.1 ESTÍMULOS ALVO

As sentenças alvo do teste de julgamento de aceitabilidade ora descrito foram apresentadas seguindo um padrão específico. O padrão SN-SV-SN-SAdj pode apresentar mais de uma leitura tanto em inglês quanto em PB, como foi ilustrado na seção 2.2. Dessa maneira, todas as sentenças alvos foram elaboradas de forma que a leitura resultativa fosse a única possível em ambas as línguas. Para isso, todos os estímulos-alvo foram introduzidos por uma oração que tinha por objetivo deixar claro o contexto, e uma segunda oração, formada por um SN, um SV, um pronome cujo referente estava na oração anterior e um SAdj ou SP. A seguir apresenta-se um exemplo de estímulo do experimento em inglês e um do experimento em PB de cada um dos alvos deste estudo: resultativas gramaticais com SAdj (98a e 98b), resultativas agramaticais com SAdj (99a e 99b) e resultativas gramaticais com SP (100a e 100b). Os grupos se diferem apenas

em relação ao elemento que compõe o predicado o resultativo. Em (90), o predicado resultativo é formado por um SAdj gramatical, segundo as regras propostas por Wechsler (2001); Em (99) o mesmo predicado é formado por um SAdj que é considerado agramatical¹⁵ pelas mesmas regras; já em (100), o predicado não é formado por um SAdj, mas por um SP. O contraste entre esses grupos permitirá que seja possível entender melhor os detalhes da aquisição da construção resultativa por usuários de inglês como L2 falantes nativos do PB.

- (98) a) One of the classrooms was very dirty, so Desiree swept it clean.
b) Uma das salas de aula estava suja, então Deise a varreu limpa.
- (99) a) Chelsea had straightened her hair, but her little brother watered it curly.
b) Suzana tinha alisado seu cabelo, mas sua amiga o molhou encaracolado.
- (100) a) One of the opponents was still standing, but David kicked him into a coma.
b) Um dos oponentes ainda estava de pé, mas Davi o chutou a um coma.

Devido ao fato de que entre os participantes do experimento ora descrito encontravam-se usuários de L2 com menor proficiência em inglês, um controle se fez necessário. Para que a análise sobre fenômenos no nível sintático não fosse enviesada pelo desconhecimento de algumas palavras, utilizaram-se palavras que se mostram de fácil conhecimento devido a sua alta frequência. Mais especificamente, optou-se prioritariamente pelo uso de palavras/lemas¹⁶ que estão entre as 2000 mais frequentes de acordo com o Corpus de Inglês Americano Contemporâneo (*Corpus of Contemporary American English*)¹⁷, disponível on-line para consulta e download. O conhecimento das palavras que não se encontravam entre as 2000 mais frequentes foi testado a partir de um teste de tradução (APÊNDICE C). Apenas os dados dos informantes que mostraram conhecimento de no mínimo 80% dessas palavras foram utilizados para análise dos dados.

¹⁵ Para fazer referências as sentenças em PB que mimetizam a construção resultativa do inglês também serão utilizados os termos gramaticais e agramaticais. No entanto, tais termos se referem à gramaticalidade da construção em língua inglesa, pois em PB ambas são agramaticais.

¹⁶ Lema é o grupo de variantes (variação ortográfica e flexional) de uma mesma palavra. Lema refere-se a um grupo de palavras que são consideradas variantes da mesma palavra, diferindo somente em relação à flexão e à ortografia

¹⁷ Disponível em: <http://www.americancorpus.org/>. O banco de palavras do Corpus of Contemporary American English contém mais de 410 milhões de palavras. Essas palavras são oriundas de textos de diferentes gêneros do período de 1990 até 2010. Para este estudo utilizou-se a lista, que é oferecida gratuitamente, com as 5000 palavras mais frequentes do inglês.

3.3.2 PADRÃO SN-SV-SN-SADJ COM LEITURA DESCRITIVA

Além da comparação entre os diferentes grupos de construção resultativa, os estímulos alvo serão comparados a sentenças que possuem o mesmo padrão sintático dessa construção, mas que não possuem a leitura resultativa. Sentenças como (101) também são formadas pelo padrão SN-SV-SN-SAdj. No entanto, o SAdj é somente interpretado como um modificador do segundo sintagma nominal. Em outras palavras, a leitura resultativa não é possível, pois a única leitura aceita é a modificação do argumento interno do verbo. Trata-se de um tipo de construção que, por esta característica, é denominada descritiva. Sentenças como (101) são licenciadas em ambos inglês e PB e conseqüentemente a comparação delas com sentenças que instanciam a construção resultativas mostram-se não triviais uma vez que podem revelar informações importantes sobre a aceitabilidade das resultativas.

- (101) a. Linda didn't have time to grill the salmon, so she ate it raw
b. Como Lina não teve tempo para grelhar o salmão, ela o comeu cru

3.3.3 ESTÍMULOS DISTRADORES

Além das sentenças com adjetivo descritivo, foram utilizadas 48 sentenças distratoras. A seleção dessas sentenças foi feita para criar um equilíbrio no corpus experimental no tocante à gramaticalidade. Em outras palavras, 50% tanto do corpus em PB quanto do corpus em inglês era formado por sentenças gramaticais, enquanto os outros 50% era formado por sentenças agramaticais. Como a maioria das sentenças-alvo, teoricamente, tem status de gramaticalidade distinto em PB e inglês, não foi possível usar os mesmos distratores para ambas as línguas. Em PB, todas as resultativas utilizadas são consideradas ilícitas. Dessa forma, o corpus experimental em PB foi formado pelas 24 sentenças que instanciam a construção resultativa, outras 16 sentenças ilícitas e 40 sentenças licenciadas em PB, dentre as quais 8 eram sentenças com

adjetivo descritivo. Já em inglês, 2/3 das resultativas são considerados gramaticais. Consequentemente, o corpus experimental em inglês foi formado por 8 sentenças ilícitas que instanciam a construção resultativas, 32 sentenças ilícitas, 16 sentenças lícitas que instanciam a construção resultativa, e 24 sentenças licenciadas em inglês dentre as quais 8 eram sentenças com adjetivo descritivo. Dessa forma, assegurou-se o balanceamento de estímulos gramaticais e agramaticais no corpus experimental, a fim de evitar um possível viés, resultado do número maior de sentenças gramaticais ou agramaticais.

3.4 ELABORAÇÃO DO EXPERIMENTO

O experimento foi elaborado e conduzido on-line. Para isso, utilizou-se o website Survey Monkey (www.surveymonkey.com)¹⁸, que oferece ferramentas suficientes para experimentos que utilizam o paradigma da estimativa de magnitude. Foram criados cinco experimentos, um para cada perfil testado: monolíngues do PB (teste em PB), monolíngues do inglês (teste em inglês), bilíngues de maior proficiência (teste em inglês), bilíngues de maior proficiência (teste em PB) e bilíngues de menor proficiência (teste em inglês). Todos os experimentos tinham abaixo do título “Julgamento de Aceitabilidade” (ou *Acceptability Judgement* para testes em inglês) e o primeiro estímulo do corpus experimental, para que fosse usado como estímulo padrão para a atribuição de notas as outras sentenças. A primeira parte do experimento era uma página de boas vindas e agradecimentos aos participantes (APÊNDICE D), que realizaram o experimento de forma voluntária. Em seguida, foram criadas oito páginas com instruções sucintas, diretas e exemplificadas para a realização do experimento (APÊNDICE E). Após as instruções, os estímulos eram apresentados, um em cada página (APÊNDICE F), e abaixo de cada um deles havia um espaço, no qual os participantes deveriam inserir as notas que representavam o julgamento de aceitabilidade. Dessa forma, como o experimento era constituído de 80 estímulos, foram utilizadas 89 páginas no total. Para passar de uma página a outra, os participantes deviam

¹⁸ O website Survey Monkey oferece aos seus usuários a oportunidade de criação e gerenciamento de pesquisas on-line. O website oferece quatro planos distintos para seus usuários (basic, plus, gold, platinum). Para este experimento foi utilizado o plano plus que oferece todas as ferramentas necessárias para a realização de um experimento que utiliza o paradigma da estimativa de magnitude.

pressionar uma tecla na tela devidamente destacada. Nas nove primeiras páginas, os participantes podiam não só avançar para as páginas seguintes, mas também retornar a páginas anteriores. Dessa forma, era possível reler qualquer parte das instruções apresentadas. No entanto, a partir da décima página, na qual os estímulos começavam a ser apresentados, os participantes tinham apenas a opção de avançar para a próxima página. Tal escolha se deve ao fato de o estudo buscar julgamentos que refletem a “primeira impressão” de cada participante. Dessa forma, a possibilidade de retorno a estímulos anteriores poderia resultar em dados dissimilares aos desejados.

Para que seja possível utilizar o Survey Monkey de forma efetiva, é necessário configurar todas as páginas onde os estímulos são apresentados. Os estímulos devem ser inseridos no espaço denominado “texto da questão”. Em seguida, é necessário escolher o tipo de questão a ser utilizada. Como para realizar um julgamento a partir da estimativa de magnitude várias opções de respostas devem estar disponíveis, é preciso selecionar a opção “Uma única caixa de texto”. Sugere-se também que o pesquisador marque a opção “Exigir uma resposta para a pergunta”, para que não seja possível aos participantes passar por uma sentença sem apresentar seu julgamento. Além disso, a fim de evitar que respostas não numéricas sejam utilizadas, o pesquisador deve marcar a opção “Validar formato de resposta” e escolher a opção “Número inteiro”. Dessa forma, os participantes terão que responder a todas as perguntas utilizando valores numéricos, essenciais para as análises deste tipo de experimento.

3.5 PARTICIPANTES

Como mencionado anteriormente, os participantes foram divididos em cinco grupos distintos. Dois grupos de perfis linguísticos distintos compuseram cada um dos grupos controles: 27 monolíngues do PB e 24 monolíngues do inglês. Esses grupos realizaram o experimento em suas línguas nativas. Os falantes bilíngues foram, primeiramente, divididos de acordo com seus níveis de proficiência. Para isso, foi utilizado o *Vocabulary Level Test* (VLT) (NATION,1990), que divide os falantes bilíngues em cinco grupos de proficiência distintos a partir da estimativa do

tamanho do léxico de cada um. Os sujeitos dos dois grupos com notas mais altas formaram o grupo de bilíngues com alta proficiência. Participantes com o certificado CPE (*Certificate of Proficiency in English*) da Universidade de Cambridge foram automaticamente classificados como bilíngues de maior proficiência. Realizaram o experimento em PB 21 bilíngues com maior proficiência e 28 bilíngues com maior proficiência realizaram o experimento em inglês. O grupo de menor proficiência foi constituído por participantes que formaram o grupo 2 do VLT. Realizaram o teste em inglês 27 bilíngues com menor proficiência. Os participantes que compuseram o grupo 1 do VLT foram direcionados ao grupo de monolíngues do PB. Assim, o experimento teve um total de 127 participantes, divididos em cinco grupos distintos.

Um cuidado que deve ser tomado ao se realizar um estudo com a estimativa de magnitude prende-se à seleção de perfil dos participantes do estudo. Não se sabe exatamente se todas as pessoas tem a capacidade de fazer de forma confiável essa relação entre estímulos. É bem possível que crianças tenham maior dificuldade para atribuir valores e comparar diferentes estímulos. Assim, sugere-se que tal paradigma seja utilizado apenas para estudo com adultos. Além disso, é possível que a formação escolar tenha grande influência no julgamento de aceitabilidade linguística. Acredita-se, por isso, que pessoas com baixa alfabetização não devem compor esse tipo de experimento, a menos que elas sejam alvo da pesquisa. Para obter dados mais confiáveis, o ideal é que todos os participantes tenham um perfil similar. Portanto, apenas pessoas com, no mínimo, formação superior incompleta foram convidadas para participarem do estudo ora descrito. Em sua grande maioria, os participantes eram estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais, University of Wisconsin (Estados Unidos) e Concordia University (Canadá).

3.6 PROCEDIMENTOS

Todas as pessoas que realizaram o experimento aqui relatado participaram voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE G). Os participantes nativos recebiam o TCLE e, em seguida, recebiam o link, via e-mail, que os

direcionava para o experimento. Dessa forma, o experimento poderia ser realizado no momento em que os participantes julgassem mais apropriado. Tal fato favorece a pesquisa, uma vez que o experimento tem duração de aproximadamente 15 minutos e pode trazer desgastes físicos e psicológicos. Dessa forma, a flexibilidade de tempo permitiu que os participantes estivessem em boas condições para realização do teste de julgamento de aceitabilidade. O procedimento adotado com os participantes bilíngues se diferiu daquele para os participantes monolíngues somente pelo fato de que antes da realização do teste de julgamento de aceitabilidade, no momento em que recebiam o TCLE, os participantes também realizaram o VLT, que definiu a qual grupo o bilíngue pertencia.

O experimento pôde ser realizado em qualquer microcomputador com acesso à internet. Ao acessar o link que conduzia os participantes para o experimento referente a seus perfis linguísticos, cada um recebia os agradecimentos do pesquisador responsável pela pesquisa e, em seguida, era apresentado às instruções para a realização do experimento. Após essa fase, os estímulos eram então apresentados e os julgamentos eram realizados. Ao fim, mais uma nota de agradecimento era exibida e o e-mail do experimentador era apresentado para que os participantes pudessem fazer algum tipo de contato. Tais procedimentos permitiram uma coleta eficiente que mostrou ter agradado ambos participantes e pesquisadores.

3.7 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

Os dados críticos do estudo ora propostos foram os julgamentos de aceitabilidade de sentenças que instanciavam a construção resultativa provindos de falantes com diferentes perfis linguísticos: falantes nativos do PB, falantes nativos do inglês, bilíngues do par linguístico PB e inglês com menor proficiência e bilíngues do par linguístico PB e do inglês com maior proficiência. Com o objetivo de confirmar as hipóteses deste estudo, os dados coletados foram analisados e aos mesmos foram aplicados tratamentos estatísticos apropriados.

Quando o paradigma da estimativa de magnitude é utilizado em tarefas de julgamento de aceitabilidade, é necessário que se proceda à normalização dos dados, para que possa ser feito um teste estatístico. Tal procedimento é necessário porque as pessoas utilizam diferentes intervalos de estimativas e as distribuições tendem a ser distorcidas (SORACE, 2010). Assim, no estudo ora descrito cada participante teve cada um de seus escores (julgamentos) subtraído pelo seu escore mínimo e dividido pelo tamanho do intervalo de sua escala. Dessa forma, todas as escalas passaram a ter o intervalo 0-1 e os testes estatísticos puderam ser aplicados.

Três testes estatísticos foram utilizados para tratar os dados coletados e explorar as hipóteses acima apresentadas. Devido ao fato de não se saber a distribuição de probabilidade da população neste estudo, foi necessário, primeiramente, aplicar um teste que investigasse qual distribuição melhor se enquadrava nos dados experimentais. O teste escolhido foi o Shapiro-Wilk, que analisa os dados para verificar se eles são oriundos de uma população que possui distribuição específica. A aplicação desse teste no estudo aqui descrito tinha por objetivo verificar se os dados foram extraídos de uma população normalmente distribuída. O teste revelou que não havia uma distribuição normal na população estudada. Dessa forma, diante da não normalidade das distribuições observadas, realizou-se uma análise pareada entre os julgamentos de aceitabilidade eliciados pelos grupos participantes das fases que continham três grupos de participantes por meio de um teste não paramétrico de comparação de tendências centrais, o teste de Kruskal-Wallis. Nos casos em que foi detectado um efeito significativo relacionado aos diferentes grupos, utilizou-se o teste de Mann-Whitney, que é um teste não paramétrico de comparação de tendências centrais apropriado para a comparação de dois grupos. Tal teste foi ajustado com a correção de Bonferroni com vistas a mitigar os efeitos de medidas repetidas. A partir da aplicação do teste de Mann-Whitney é possível identificar quais grupos exatamente constituem amostras distintas. Para as análises onde apenas dois grupos foram comparados não houve a necessidade da aplicação do teste Kruskal-Wallis e, assim, aplicou-se diretamente o teste de Mann-Whitney. Para aceitar as dissimilaridades entre os grupos apresentados em cada hipótese deste estudo, o p valor nas análises entre dois grupos precisa ser menor que um nível de significância (α), que aqui será fixado em 0,05. Para análise com três grupos, o nível de significância (α) será fixado em 0,017.

No próximo capítulo, serão apresentados e analisados os resultados encontrados, com o objetivo de testar as hipóteses deste estudo.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS

4.1 MONOLINGUES DO PB E MONOLÍNGUES DO INGLÊS

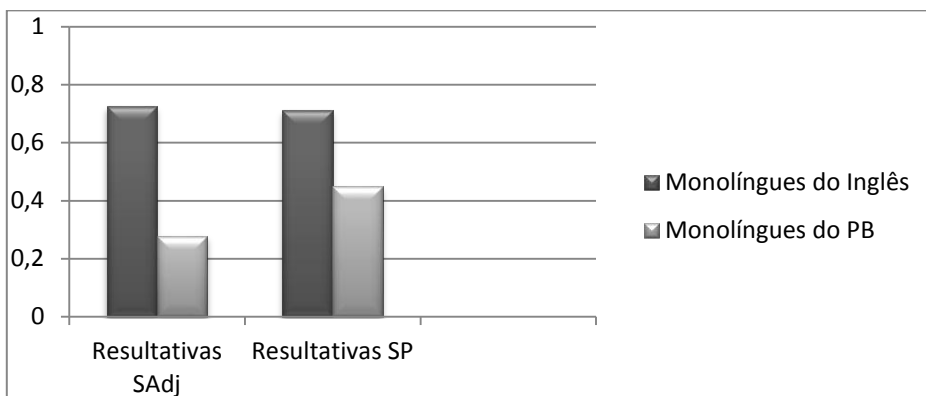
Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar os resultados obtidos neste estudo, tendo em vista a confirmação ou refutação das hipóteses levantadas. Nos parágrafos que seguem, serão expostas as tendências manifestadas pelos diferentes grupos de falantes em relação às construções-alvo deste estudo. Dessa forma, será possível estabelecer dois tipos de comparações: comparação entre o julgamento de diferentes grupos em relação a um tipo de construção-alvo; e comparação entre o julgamento de um mesmo grupo em relação a diferentes tipos de construção-alvo. Estas análises serão cotejadas com os seguintes construtos teóricos: multicompetência, relação conjunto e subconjunto entre línguas e gramática de construções. Além disso, os resultados permitirão que sejam feitas sugestões sobre a gramática da construção resultativa em PB e inglês.

Primeiramente, serão expostos e analisados os dados provindos dos grupos de falantes nativos. Para que possam ser testadas as hipóteses levantadas neste estudo, primeiro, é necessário confirmar se a construção resultativa, de fato, apresenta aceitabilidade diferenciada quando PB e inglês são comparados. O referencial teórico adotado sugere que essa construção apresenta menor aceitabilidade em PB e maior aceitabilidade em inglês. A comprovação dessa diferença se faz necessária, uma vez que ela é uma das premissas das hipóteses levantadas.

A comparação entre os julgamentos de aceitabilidade do grupo de monolíngues do PB e de grupo monolíngues do inglês falantes nativos do inglês não é testada estatisticamente, pois cada grupo realizou um teste que, não obstante as similaridades, se diferia do outro, já que cada grupo fez o

teste em sua língua nativa. Dessa forma, optou-se por fazer uma comparação da média do julgamento de aceitabilidade para cada grupo (GRAF.1).

GRÁFICO 1 – Média da aceitabilidade das subconstruções resultativas gramaticais com SAdj e com SP por falantes monolíngues.



Os gráficos sugerem que há uma diferença considerável entre os dois grupos em questão. Os dados encontram-se em uma escala de aceitabilidade cujo ponto mínimo é 0 e o ponto máximo é 1. Para as resultativas SAdj, o grupo de monolíngues do inglês teve média de aceitabilidade de 0,73 e o grupo de monolíngues do PB apresentou uma aceitabilidade média de 0,28. Já para as resultativas SP o grupo de monolíngues do inglês teve aceitabilidade média de 0,72, enquanto o grupo de monolíngues do PB apresentou aceitabilidade média de 0,44. Dessa forma, os resultados sugerem que o grupo de monolíngues do inglês não distingue resultativas quanto ao tipo de predicado resultativo utilizado, já que ambas, resultativas com SAdj e resultativas com SP, foram similarmente bem aceitas. O grupo de monolíngues do PB, ao contrário, apresentou julgamento diferente no que concerne à similaridade dos dois grupos de sentenças e à alta aceitabilidade das resultativas. Os resultados indicam que monolíngues do PB apresentam maior aceitabilidade para as resultativas com SP em comparação com as resultativas com SAdj. No entanto, ambas as estruturas não demonstram ser muito aceitas quando se compara a aceitabilidade que elas tiveram por falantes monolíngues do inglês.

Portanto, como previsto no referencial teórico adotado exposto 2.2, a construção resultativa tem maior aceitabilidade entre falantes nativos do inglês e menor aceitabilidade entre falantes nativos do PB. Além disso, os resultados indicam que o grupo de monolíngues do PB apresenta maior

aceitabilidade para resultativas com SP do que para resultativas com SAdj, o que não ocorre com o grupo de monolíngues do inglês.

Na seção seguinte, serão apresentados e analisados os dados referentes ao julgamento dos grupos de bilíngues ao lidar com a construção resultativa em inglês. Os dados extraídos do grupo de monolíngues do inglês serão utilizados como controle na próxima seção.

4.2 BILÍNGUES COM MAIOR PROFICIÊNCIA E BILÍNGUES COM MENOR PROFICIÊNCIA

Abaixo, retoma-se a primeira hipótese deste estudo:

“Bilíngues do par linguístico PB e inglês de maior proficiência e bilíngues do par linguístico PB e inglês de menor proficiência constituem amostras distintas no tocante à tendência de aceitabilidade da construção resultativa em inglês.”

As previsões supracitadas foram confirmadas pelos resultados obtidos no teste experimental. A seguir, será detalhado o julgamento de cada grupo de bilíngues e do grupo controle no tocante ao julgamento de aceitabilidade de cada um dos estímulos alvo.

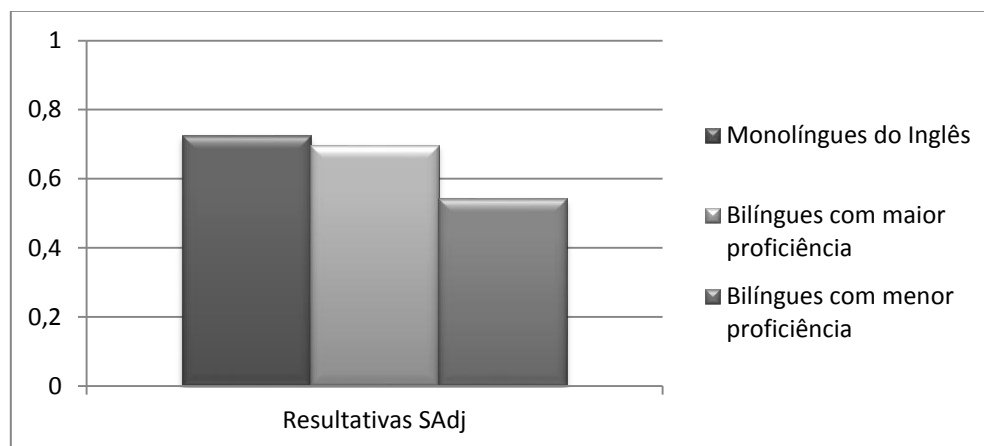
4.2.1 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM S_{ADJ} – TESTE EM INGLÊS.

Sentenças em inglês que instanciavam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade (102) tiveram a aceitabilidade julgada por três grupos de participantes distintos. Participaram da tarefa o grupo de bilíngues com maior proficiência, o grupo de bilíngues com menor proficiência e, além disso, o grupo controle, formado pelo grupo de monolíngues do inglês.

(102) One of my friends was still sleeping, so I shook him awake.

Aplicou-se o teste de Kruskal-Wallis, que é um substituto da ANOVA para medidas repetidas, para fazer uma análise entre os julgamentos de aceitabilidade eliciados pelos grupos participantes desta fase. Observa-se um efeito principal de perfil linguístico ($\chi^2=41,38$, $p<0,001$). Pós-testes pareados foram realizados com aplicação do teste Mann-Whitney e ajustados com a correção de Bonferroni com vistas a mitigar os efeitos de medidas repetidas. Ao comparar o grupo de bilíngues com menor proficiência com o grupo de bilíngues com maior proficiência, os resultados demonstram que os dois grupos constituem amostras distintas, isto é, há um efeito significativo do tipo de perfil linguístico ($Z=-5,132$, $p<0,001$). Quando os grupos comparados são o grupo de bilíngues com menor proficiência e o grupo de monolíngues do inglês, também se observa um efeito significativo do tipo de perfil linguístico entre esses grupos ($Z=-5,751$, $p<0,001$). Já o grupo de bilíngues com maior proficiência e o grupo monolíngues de falantes nativos do inglês não apresentam diferenças significativas. Assim, não constituem amostras distintas ($Z=-1,153$, $p<0,130$). O resultado é ilustrado a partir de um gráfico com a média de aceitabilidade de cada grupo para a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj em inglês (GRAF.2).

GRÁFICO 2 – Média da aceitabilidade das subconstruções resultativas gramaticais com SAdj por falantes monolíngues do inglês, bilíngues com maior proficiência e bilíngues com menor proficiência.



Os resultados indicam que o grupo de bilíngues com menor proficiência apresentou aceitabilidade significativamente menor em comparação com o grupo de bilíngues com maior proficiência e com o grupo de monolíngues do inglês. Tal resultado confirma a hipótese apresentada acima e sugere que bilíngues com menor proficiência ao lidarem com sentenças que instanciam a construção resultativa têm a representação influenciada pela L1. Em outras palavras, acredita-se que ao receber um insumo como (102) o grupo de bilíngues com menor proficiência ativa a representação de tal sentença em PB. Consequentemente, seus componentes apresentam dificuldade para interpretar o predicado resultativo. Por isso, a aceitabilidade apresentada por este grupo para a subconstrução resultativa em questão é significativamente menor do que a aceitabilidade do grupo de bilíngues com maior proficiência e do grupo de monolíngues do inglês.

Os resultados também mostram que o grupo de falantes bilíngues com maior proficiência tem julgamento similar ao do grupo de monolíngues do inglês. Tal resultado sugere que usuários de L2 em certo nível de proficiência adquirem a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj. Isto é, usuários de L2 com maior proficiência são capazes de ativar uma representação que permite que o predicado resultativo possa ser integrado à sentença e tornar-se semanticamente interpretável. Portanto, apesar de requerer certa proficiência, a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj é aprendida por bilíngues do par linguístico PB e inglês. Ou seja, os bilíngues com maior proficiência são capazes de ampliar as possibilidades de mapeamento forma-significado da L1.

Duas sentenças, (103) e (104), que instanciavam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj se destacaram devido ao julgamento recebido que indicou que ambas eram significativamente menos aceitas do que as outras sentenças com o mesmo padrão. Os monolíngues do inglês, por exemplo, que apresentaram uma média de aceitabilidade de 0,73 para a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj, apresentaram uma média de aceitabilidade de 0,53 para (103) e 0,44 para (104)

- (103) “The sushi opened up on accident, so Sara rolled it closed.”
 DET sushi abrir(PASS) por acidente então Sara enrolou o fechado.
O sushi abriu acidentalmente, então Sara o enrolou fechado.
- (104) “The glass was full, so Carol drained it half-empty.”
 DET copo estar(PASS) cheio então Carol drenou o meio-cheio.
O copo estava cheio, então carol o drenou meio-cheio.

Parece que as sentenças se diferem em relação à origem do aspecto que as levou a receber um julgamento que indicava baixa aceitabilidade. Acredita-se que (103) foi menos aceita devido à ação do mundo real que ela descreve. Provavelmente, a ação de enrolar um sushi quando ele é aberto não é uma situação comum. Assim, a sentença poderia gerar estranheza. Tal aspecto pode ter sido o responsável pela baixa aceitabilidade da sentença (103). Curiosamente, um aspecto que também corroboraria o argumento acima é o fato de que a mesma sentença recebeu aceitabilidade significativamente menor do que as outras no teste em PB, como será resenhado adiante. Dessa forma, a chance de a baixa aceitabilidade estar relacionada a aspectos gramaticais é reduzida, e aumenta-se a possibilidade de o problema estar atrelado ao evento descrito. Os dados dessa sentença não foram excluídos do experimento, pois, apesar de sua aceitabilidade ter sido menor, a diferença entre os grupos foi a mesma em comparação com as outras sentenças. A sentença (104), dissemelhantemente, parece ter sua baixa aceitabilidade ligada à semântica da sentença e à colocação usada. Quando se fala da ação de “*drain/drenar*” algo, provavelmente, o resultado esperado é que o objeto drenado, o SN que ocupa a posição de objeto direto, se torne totalmente vazio ou seco e não, “*half-empty/* meio vazio”, como acontece em (104). Além disso, o verbo *drain/drenar*, provavelmente, não é o mais utilizado para descrever a ação de retirar líquido de um copo. Verbos como *empty/esvaziar* são mais comuns. Assim, a colocação possivelmente incomum “*drain the glass/* drenar o copo” pode ter sido o motivo que fez com que (104) fosse julgada como menos aceitável do que as outras sentenças que instanciam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade. Ao contrário do que aconteceu na sentença (103), a sentença 104 teve um julgamento completamente diferente das outras sentenças, já que os indivíduos bilíngues apresentaram aceitabilidade significativamente maior. Dessa forma optou-se por eliminar os dados provindos dessa sentença para que eles não viessem de alguma forma os resultados. Portanto, parece que (103) teve baixa aceitabilidade

devido à estranheza do evento descrito, enquanto (104) teve menor aceitabilidade devido a aspectos relacionados à semântica e a colocação da sentença.

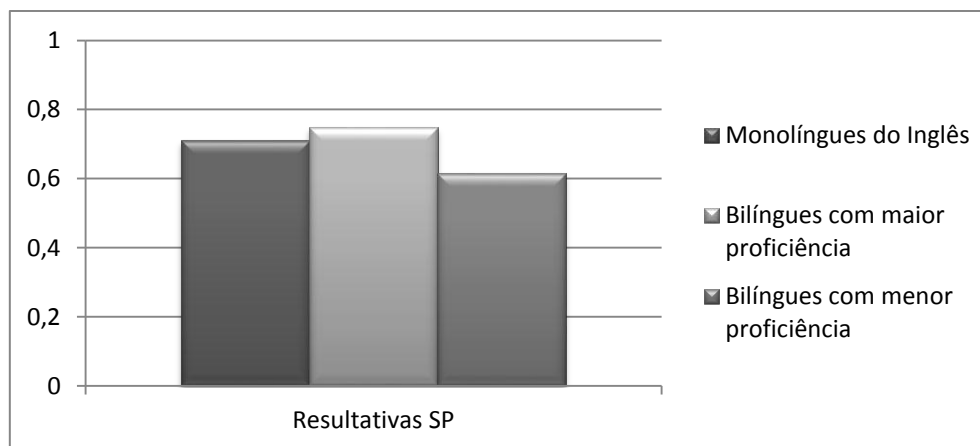
4.2.2 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM SP – TESTE EM INGLÊS.

Sentenças como (105) instanciam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SP. Tal subconstrução resultativa é analisada neste estudo para que seja verificado se o fato de ela ser formada por um SP em vez de um SAdj influencia de alguma forma a representação dos diferentes perfis linguísticos deste trabalho. Os três grupos que realizaram a tarefa de julgamento de aceitabilidade em inglês foram: o grupo de bilíngues com menor proficiência; o grupo de bilíngues com maior proficiência; e o grupo de monolíngues do inglês que formaram o grupo controle.

- (105) “The baby was crying too much, so his mother cuddled him to sleep.
DET bebê estar(PASS) chorando demais, então POSS mãe abraçou o ao sono.
O bebê estava chorando demais, então a mãe dele o abraçou ao sono.

O teste de Kruskal-Wallis foi aplicado com o objetivo de fazer uma análise entre os julgamentos de aceitabilidade eliciados pelos grupos participantes dessa fase. Observa-se um efeito principal de perfil linguístico ($\chi^2=27,92$, $p<0,001$). Pós-testes pareados foram realizados com aplicação de Mann-Whitney e ajustado com a correção de Bonferroni. Na comparação entre o grupo de bilíngues com menor proficiência e o grupo de bilíngues com maior proficiência, apurou-se que esses dois grupos constituíam amostras distintas ($Z=-4,828$, $p<0,001$). Da mesma forma, os resultados apontaram que o grupo de bilíngues com menor proficiência e o grupo de monolíngues do inglês não constituíam a mesma amostra ($Z=-3,376$, $p<0,001$). O grupo de bilíngues com maior proficiência e grupo de monolíngues, no entanto, não constituíam amostras distintas ($Z=-0,602$, $p<0,547$). A seguir, ilustra-se o resultado a partir de um gráfico com a média de aceitabilidade de cada grupo para a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SP em inglês (GRAF.3).

GRÁFICO 3 – Média da aceitabilidade das subconstruções resultativas gramaticais com SP por falantes monolíngues do inglês, bilíngues com maior proficiência e bilíngues com menor proficiência.



Os testes estatísticos utilizados apontam para o fato de que, como previsto na hipótese deste trabalho, o grupo de bilíngues com menor proficiência e o grupo de bilíngues com maior proficiência apresentam aceitabilidade significativamente distintas, sendo a aceitabilidade do primeiro menor que a do último. Assim como os dados apresentados na seção anterior, os dados aqui encontrados demonstram que os bilíngues com menor proficiência parecem não ativar uma representação que torna interpretável o predicado resultativo de sentenças como (105). O motivo para tal sub-representação pode ser uma possível influência exercida pela L1 do usuário de L2, já que em PB a sequência exemplificada acima não é licenciada. Por isso, o grupo de bilíngues com menor proficiência apresenta um julgamento para as subconstruções resultativas em questão que mostra uma aceitabilidade significativamente menor em comparação com o grupo controle e o grupo de bilíngues com maior proficiência.

Segundo os resultados encontrados, o grupo controle e o grupo de indivíduos com maior proficiência julgaram de forma semelhante à aceitabilidade da subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SP. Tal como aconteceu na seção anterior, os resultados apontam que os usuários de L2 com maior proficiência adquirem a subconstrução resultativa em questão. Em outras palavras, os indivíduos com maior proficiência são capazes de ativar uma representação gramatical que faz com que a sequência como (105) sejam

semanticamente interpretáveis. Assim, pode-se considerar que essa subconstrução também é aprendida por bilíngues do par linguístico PB e inglês.

Na seção seguinte, discute-se o julgamento dos grupos de bilíngues com maior proficiência em comparação com o grupo de monolíngues do PB diante de sentenças em PB que mimetizam a construção resultativa em inglês.

4.3 BILÍNGUES COM MAIOR PROFICIÊNCIA E MONOLÍNGUES DO PB

A seguir, apresenta-se a segunda hipótese deste estudo:

“Bilíngues do par linguístico PB e inglês de maior proficiência e monolíngues do PB constituem amostras distintas no tocante à tendência de aceitabilidade de sentenças em PB que mimetizam a construção resultativa do inglês.”

Os resultados extraídos da tarefa experimental corroboram as previsões supracitadas. A seguir, detalham-se os julgamentos de aceitabilidade do grupo de monolíngue e do grupo de bilíngues que participaram desta fase do estudo.

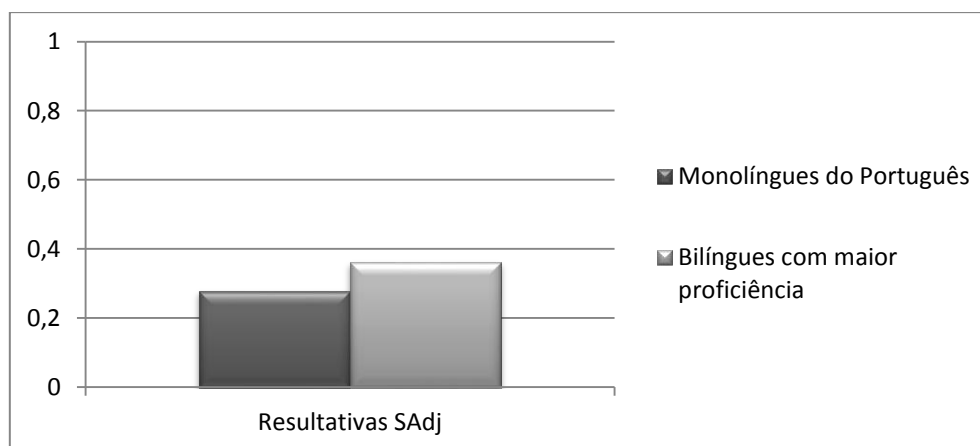
4.3.1 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM S_{ADJ} – TESTE EM PB.

Dois grupos julgaram a aceitabilidade de sentenças em PB que mimetizavam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com S_{ADJ} do inglês (106). Dois grupos participaram dessa fase do estudo: o grupo de bilíngues com maior proficiência e o grupo de monolíngues do PB.

(106) Um dos meus amigos ainda estava dormindo, então eu o sacudi acordado.

Os resultados provindos do teste de Mann-Whitney indicam que os dois grupos constituem amostras distintas ($Z = -3,237$, $p < 0,002$). A seguir, o resultado é ilustrado a partir de um gráfico com a média de aceitabilidade de cada grupo para a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj em português (GRAF. 4).

GRÁFICO 4 – Média da aceitabilidade das subconstruções resultativas gramaticais com SAdj por falantes monolíngues do português e bilíngues com maior proficiência



Constatou-se que o grupo de bilíngues com maior proficiência tinha uma aceitabilidade significativamente maior do que o grupo de monolíngues do PB. Consequentemente, foi confirmada a hipótese levantada anteriormente relacionada ao julgamento dos grupos ao lidar com sentenças em PB que mimetizam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj do inglês. Tal confirmação sugere que é possível que os bilíngues com maior proficiência tenham a L1 influenciada pela L2. Dessa forma, os usuários de L2 com maior proficiência são capazes de acessar informações da L2 e, assim, ativar uma representação para sentenças como (106) que as tornam mais interpretáveis do que quando elas são lidas por indivíduos monolíngues do PB. A subconstrução resultativa em questão não é licenciada em PB e os monolíngues não têm acesso a informações sintáticas de outras línguas, tais como o inglês, que as tornam interpretáveis. Assim, já era esperado que os monolíngues apresentassem baixa aceitabilidade a essa subconstrução resultativa. Por isso, o que mais chama atenção é o

juízo dos usuários de L2 que sugere que a L2 parece influenciar L1 a ponto de modificar a gramática desses indivíduos e a forma pela qual eles representam diferentes insumos.

O Gráfico 4 mostra que, apesar de haver diferença significativa entre os grupos, a aceitabilidade pelos bilíngues com maior proficiência também é baixa. Uma possível explicação para esse juízo do grupo de bilíngues está no tipo de teste empregado neste estudo. Em um experimento off-line, o fato de os bilíngues poderem acessar uma representação de L2 não garante à construção em questão alta aceitabilidade, pois o conhecimento da língua materna também está em jogo. Em outras palavras, os bilíngues poderiam acessar as informações de L2, mas também teriam tempo para acessar o conhecimento da língua nativa. Após a realização do experimento, muitos participantes relataram que sabiam que muitas das frases em português podiam ser aceitas em inglês. Tal fato sugere a possibilidade de que a subconstrução em questão não obteve maior aceitabilidade, apesar de terem sido semanticamente interpretáveis, porque o conhecimento metalinguístico dos falantes fez com que eles reconhecessem a construção como pouco ou não licenciada em PB. Dessa forma, o experimento offline, não obstante sua significativa sugestão de influência de L2 em L1, deveria ser futuramente corroborada por um experimento online, que demonstraria de forma mais clara o possível acesso a L2.

Na primeira vez em que o tratamento estatístico foi aplicado aos dados, todas as oito sentenças que instanciavam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade foram testadas. Os resultados mostraram que a diferença descrita acima existia, mas era apenas marginal. Ao fazer uma análise item a item, constatou-se que algumas sentenças causaram reações distintas da maioria dessas oito sentenças. A sentença (107) teve baixa aceitabilidade pelo grupo de monolíngues do PB, bem como as outras oito sentenças. No entanto, o grupo de bilíngue com maior proficiência, cuja aceitabilidade para o grupo de subconstruções resultativa em questão foi 0,36, apresentou aceitabilidade similar ao grupo de falantes monolíngues nativos do PB (0,26) para (107). Ou seja, os usuários de L2 apresentaram aceitabilidade para essa sentença tão baixa quanto os monolíngues. Levando-se em consideração que essa sentença também teve baixa aceitabilidade no teste em inglês, acredita-se que o problema esteja relacionado à estranheza causada pelo evento descrito. Isto é, não haveria problemas gramaticais,

mas sim problemas na representação desse evento no mundo, já que, provavelmente, não é um hábito comum enrolar um sushi que por algum motivo foi aberto.

(107) O sushi de Sara foi aberto acidentalmente, mas ela o enrolou fechado.

As sentenças (108) e (109) sentenças causaram uma reação completamente diferente em relação aos outros estímulos e, assim, foram excluídas na retestagem dos dados, de onde saíram os resultados que aqui estão sendo discutidos. Ambas as sentenças tiveram aceitabilidade significativamente maior entre os monolíngues do PB. Enquanto a média de aceitabilidade das outras subconstruções resultativas do grupo aqui descrito foi 0,28, a média de aceitabilidade de (108) e (109) foram respectivamente 0,37 e 0,47. Em ambos os casos, os julgamentos de aceitabilidade dos monolíngues apresentaram valores maiores que dos bilíngues.

(108) O tanque estava quase vazio, então o motorista o abasteceu cheio.

(109) Um dos pregos que Clara comprou estava torto, então ela o martelou reto.

Parece que o motivo que levou essas frases a receberem julgamentos distintos foi diferente. Em (108), ao contrário das outras sentenças testadas neste estudo, o sujeito e o objeto da segunda sentença são idênticos em termos de número e gênero. Consequentemente, nesta sentença o predicado resultativo pode ser interpretado como modificador do sujeito, o que provavelmente causou a alta aceitabilidade pelo grupo de monolíngue dessa sentença em comparação com a maioria das outras sentenças que instanciavam a subconstrução em questão. Já em (109) o que pode ter resultado em uma alta aceitabilidade por parte do grupo de monolíngues do PB prende-se ao fato de que o predicado resultativo “reto” pode se referir não apenas ao resultado da ação “martelar”, mas também à posição do objeto “prego” durante a ação “martelar” ou até mesmo ao modo pelo qual essa ação ocorreu. Neste último caso, o adjetivo funcionaria como advérbio, o que é comum na linguagem falada. Portanto, a razão para o grupo de monolíngues do PB apresentar maior aceitabilidade a (108) e (109) está no fato de que essas sentenças não precisam necessariamente apresentar uma leitura resultativa. Com isso, ambas as sentenças foram excluídas do teste.

Sentenças em PB que mimetizam a subconstrução resultativa transitiva selecionada com SAdj agramatical também foram testadas. Os resultados são apresentados a seguir

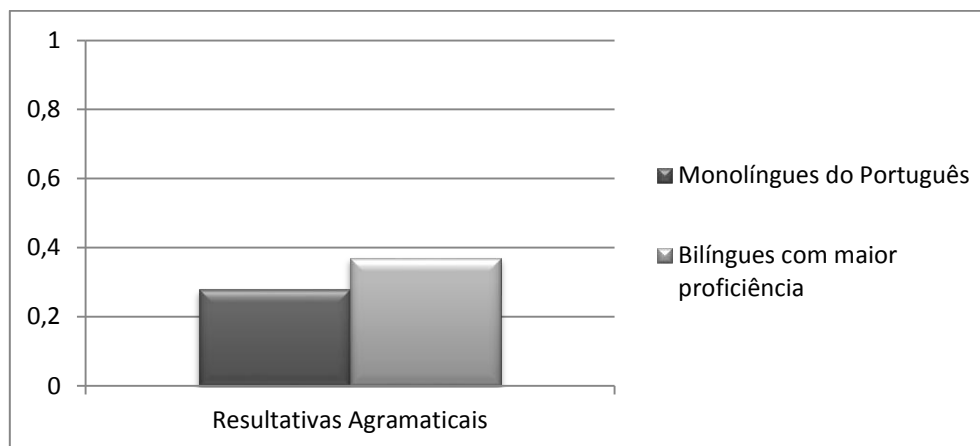
4.3.2 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM SAdj AGRAMATICAL – TESTE EM PB.

O grupo de bilíngues com maior proficiência e o grupo de monolíngues do PB também foram comparados em relação a seus julgamentos de aceitabilidade de sentenças em PB que mimetizavam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj, cujo predicado resultativo era formado por um SAdj não licenciado em língua inglesa (110), e, conseqüentemente, formava uma sentença agramatical nessa língua. Os motivos para esse não licenciamento são explicados em detalhe na subseção 2.2.1.2.

(110) Depois do acidente, o braço esquerdo de Érica estava fraco, então ela o malhou forte.

Com o objetivo de analisar os julgamentos de aceitabilidade eliciados pelos grupos de participantes, foi aplicado o teste de Mann-Whitney. Os resultados indicam que esses dois grupos constituem amostras distintas ($Z=-3,474$, $p<0,001$), sendo que o grupo de bilíngues com maior proficiência apresenta aceitabilidade significativamente maior do que o grupo de monolíngues do PB. O resultado é ilustrado a partir de um gráfico com a média de aceitabilidade de cada grupo para a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj agramatical em português (GRAF. 5).

GRÁFICO 5 – Média da aceitabilidade das subconstruções resultativas agramaticais com SAdj por falantes monolíngues do português e bilíngues com maior proficiência



Na seção anterior, um resultado similar foi apresentado e teve justificativa ligada a uma possível influência de L2 em L1. Nesta seção, apesar de os estímulos alvos serem agramaticais na L2, eles também tiveram aceitabilidade significativamente maior por parte do grupo de bilíngues com maior proficiência em comparação com o grupo de monolíngues do PB. Uma explicação plausível é que sentenças como (111), que são julgadas de baixa aceitabilidade pelo grupo de monolíngues do inglês, apresentariam maior aceitabilidade pelo grupo de bilíngues com maior proficiência. Em outras palavras, os usuários de L2 supergeneralizariam as regras de L2 relacionadas à formação da subconstrução em questão. Assim, apresentariam aceitabilidade maior do que a dos falantes nativos. Consequentemente, como aconteceu com as sentenças gramaticais na seção anterior, parece que o grupo de bilíngues de maior proficiência é capaz de ativar uma representação que torna a subconstrução em questão interpretável em L2. Tal informação provavelmente é acessada quando o falante está lidando com um insumo em sua L1. Por isso, os usuários de L2 com maior proficiência apresentam maior aceitabilidade do que os falantes nativos do PB em relação às sentenças que mimetizam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj agramatical.

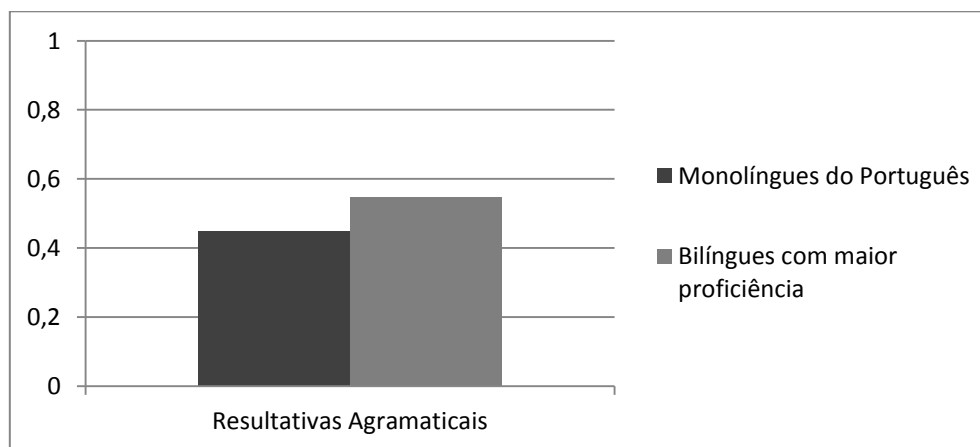
- (111) After the accident, Erick's left arm was very weak, so he decided to work it out strong.

4.3.3 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM SP – TESTE EM PB.

O grupo de bilíngues com maior proficiência e o grupo de monolíngues do PB também tiveram comparados seus julgamentos em relação às sentenças que mimetizavam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SP, como (112). O tratamento estatístico adotado foi o mesmo das seções anteriores: o teste de Mann-Whitney. Os resultados apresentaram a mesma tendência das seções anteriores. Isto é, foi indicado que os dois grupos constituíam amostras distintas ($Z=-2,802$, $p<0,006$). Além disso, repetiu-se a maior aceitabilidade às sentenças resultativas pelo grupo de bilíngues com maior proficiência. Dessa forma, a segunda hipótese deste estudo também foi confirmada pelos resultados do julgamento dos participantes em relação às sentenças em PB que mimetizavam a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SP do inglês. A seguir o resultado é ilustrado a partir de um gráfico com a média de aceitabilidade de cada grupo para essa subconstrução resultativa (GRAF. 6).

(112) Cássio tinha uma linda foto de seu pai, mas ele a queimou às cinzas.

GRÁFICO 6 – Média da aceitabilidade das subconstruções resultativas agramaticais por falantes monolíngues do português e bilíngues com maior proficiência.



O desempenho dos participantes ao lidar com o terceiro grupo de sentenças, bem como os dois grupos anteriores, corrobora a ideia de que o grupo de bilíngues com maior proficiência tem a L1 influenciada pela L2. Em outras palavras, este grupo de usuários de L2 ao lidar com os três tipos de subconstruções resultativas transitiva selecionada causativa direta – com SAdj, agramatical, e com SP – parece ter acesso a informações específicas da gramática de L2. Consequentemente, é capaz de ativar uma representação para essas sentenças que as torna semanticamente mais interpretáveis em comparação com a representação do grupo de monolíngues do PB. Assim, enquanto os monolíngues do PB apresentam baixa aceitabilidade para essas subconstruções resultativas, resultado esperado, uma vez que essas subconstruções não são licenciadas em PB, os usuários de L2 apresentam uma aceitabilidade significativamente maior. Tal fato sugere que os bilíngues têm a L1 reajustada devido ao compartilhamento de informações dela com a L2, o que renderia representações diferenciadas a este grupo em relação aos indivíduos monolíngues.

Uma sentença recebeu julgamento de aceitabilidade diferenciado pelos participantes. Houve grande variabilidade nos dados em relação ao grau de aceitabilidade de cada sentença. O grupo de bilíngues com maior proficiência, contudo, apresentou maior aceitabilidade do que o grupo de monolíngues do PB em todos os casos, exceto em (113). Para esta sentença a média de aceitabilidade do grupo de monolíngues foi 0,33 e dos bilíngues foi 0,20. Acredita-se que o resultado diferenciado reflete a impossibilidade de uma tradução adequada de alguns sintagmas da sentença original em inglês (114). O SV “cuddle”, por exemplo, é traduzido como “abraçar”, mas “abraçar”, em verdade, está mais próximo ao significado de “hug”, e não “cuddle”. Dessa forma, parece que o verbo “cuddle” não tem um correspondente em PB que expresse totalmente o mesmo significado. Além disso, o SP “to sleep” também não apresenta um correspondente exato em PB. O SP “ao sono” utilizado na tradução para o PB parece ser raro e, logo, sua interpretação deve ter sido influenciada pela sua frequência. Dessa forma, a falta de paralelismo entre a sentença em inglês e aquela que a mimetiza em PB deve ter sido o motivo que rendeu uma aceitabilidade diferenciada em comparação com todas as outras sentenças do mesmo grupo.

(113) O bebê estava chorando muito, então sua mãe o abraçou ao sono.

(114) The baby was crying too much, so his mother cuddled him to sleep.

Na próxima seção, os julgamentos do grupo de bilíngues com maior proficiência são contrastados com os do grupo de monolíngues em inglês quando eles lidam com sentenças em inglês que instanciam a construção resultativa com um predicado resultativo não licenciado.

4.4 BILÍNGUES DE MAIOR PROFICIÊNCIA E MONOLÍNGUES DO INGLÊS

Apresenta-se, abaixo, a terceira hipótese deste estudo:

“Bilíngues do par linguístico PB e inglês de maior proficiência e monolíngues do inglês constituem amostras distintas no tocante à tendência de aceitabilidade de predicados resultativos não licenciados.”

A hipótese supracitada é confirmada pelos resultados da tarefa experimental que utilizou o paradigma da estimativa de magnitude. A seguir, apresentam-se os resultados específicos que corroboram as previsões feitas oriundos do julgamento de aceitabilidade do grupo de bilíngues com maior proficiência e do grupo de monolíngues do inglês.

4.4.1 A SUBCONSTRUÇÃO RESULTATIVA TRANSITIVA SELECIONADA CAUSATIVA DE PROPRIEDADE COM S_{ADJ} AGRAMATICAL – TESTE EM INGLÊS

O grupo de bilíngues com maior proficiência e o grupo de monolíngues do inglês foram contrastados em relação a seus julgamentos de aceitabilidade em relação a sentenças que instanciam a subconstrução resultativa selecionada causativa de propriedade com S_{ADJ} cujo predicado resultativo não é licenciado e, assim, torna a subconstrução agramatical, como em (115). Os motivos específicos do não licenciamento desses adjetivos são descritos em detalhe na subseção 2.2.1.2.

(115) Chelsea had straightened her hair, but her little brother watered it curly.

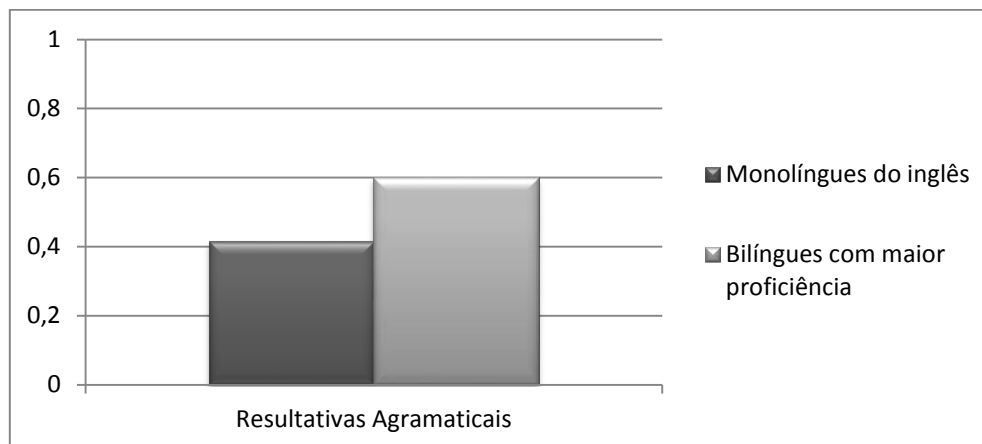
Chelsea tinha alisado POSS cabelo mas POSS pequeno irmão molhar(PASS) encaracolado.

Chelsea tinha alisado seu próprio cabelo, mas o irmão pequeno dela o molhou encaracolado.

Na subseção 4.3.2 foram apresentados os primeiros sinais de que os bilíngues podem vir a supergeneralizar as regras de L2 relacionadas à formação da subconstrução resultativa em questão. Basicamente, os resultados daquela seção sugerem que o grupo de bilíngues com maior proficiência apresenta aceitabilidade significativamente maior do que o dos monolíngues do PB para sentenças em PB que mimetizam a subconstrução tema dessa seção. Uma explicação possível é que os usuários de L2 supergeneralizam as regras de L2 de formação da subconstrução em questão e as aceitam em inglês. Ao receber um insumo com as mesmas sentenças em PB, os bilíngues ativariam a mesma representação, o que permitiu a eles interpretar as sentenças que, pelo menos em inglês, são pouco aceitas. Portanto, os resultados da subseção 4.3.2 sugerem que bilíngues não são sensíveis às regras que tornam certos adjetivos ilícitos na subconstrução resultativa em questão e, assim, supergeneralizam as mesmas.

O teste de Mann-Whitney foi utilizado para analisar se, diante de sentenças em inglês, como (115), os dois grupos também constituíam amostras distintas. Os resultados confirmam que os dois grupos não constituem uma mesma amostra ($Z=-7,995$, $p<0,001$) e, mais especificamente, que o grupo de bilíngues com alta proficiência apresenta aceitabilidade significativamente maior em comparação com o grupo de monolíngues do inglês. Assim, a hipótese levantada a respeito da aceitabilidade desses dois grupos diante da subconstrução resultativa ilustrada por (115) é confirmada pelos resultados. O resultado é ilustrado a partir de um gráfico com a média de aceitabilidade de cada grupo para a subconstrução resultativa transitiva selecionada causativa de propriedade com SAdj agramatical em inglês (GRAF. 7).

GRÁFICO 7 – Média da aceitabilidade das subconstruções resultativas agramaticais por falantes monolíngues do inglês e bilíngues com maior proficiência.



As explicações apresentadas na subseção 4.3.2 é, então, corroborada. Dessa forma, parece que os indivíduos bilíngues adquirem as especificidades de formação da subconstrução resultativa em questão, mas não de forma profunda o suficiente para os tornarem sensíveis às restrições impostas pelas regras de L2. Enquanto falantes nativos do inglês ao lidarem com o predicativo não licenciado reconhecem a subconstrução como de baixa aceitabilidade, os usuários de L2 não estranham o predicado licenciado e, assim, apresentam maior aceitabilidade para as sentenças.

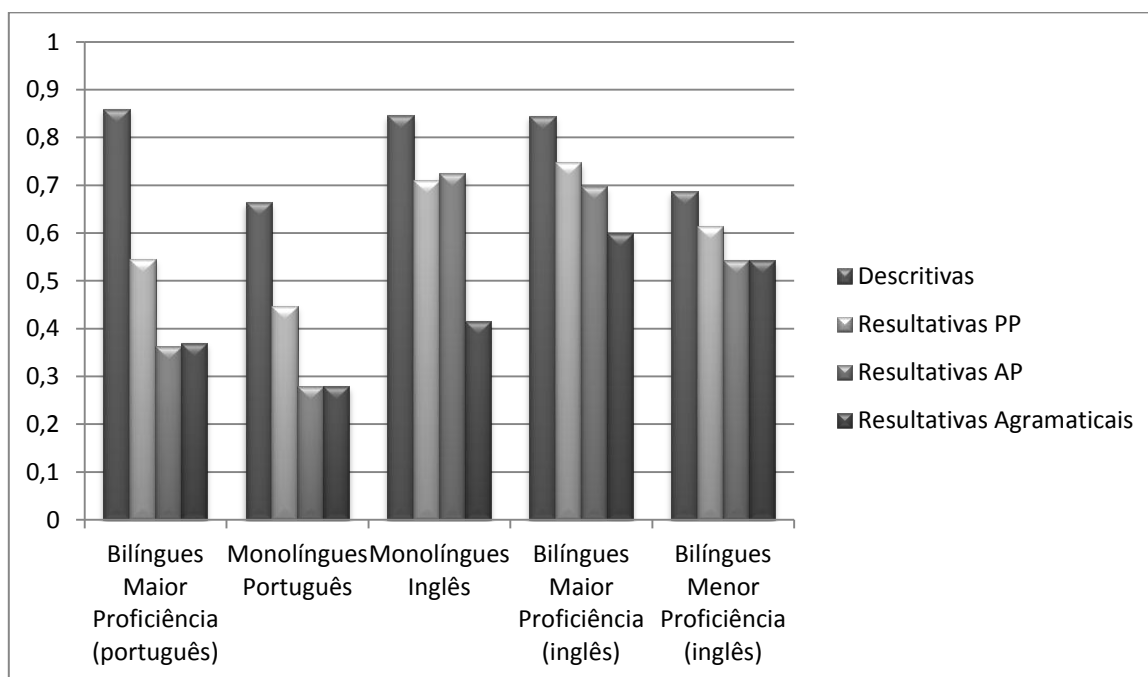
A supergeneralização das regras de L2, portanto, é um fenômeno presente na aquisição da construção resultativa por bilíngues do par linguístico PB e inglês. Curiosamente, tal supergeneralização afeta inclusive a representação do usuário de L2 quando ele recebe um insumo de sua L1.

4.5 ANÁLISE DE ITEM

Esta seção tem por objetivo fazer comparações, dentro de cada perfil linguístico investigado, entre a média de aceitabilidade de cada tipo de subconstrução resultativa estudada. O objetivo de tal análise é verificar se há diferenças dentro de cada grupo em relação à média de aceitabilidade de cada tipo de construção. Tal comparação iluminará, principalmente, questões relacionadas ao status gramatical da construção resultativa em PB e em inglês, que é um tópico que vem sendo discutido sem o apoio de pesquisas empíricas. Além disso, obter-se-ão detalhes importantes sobre

a aquisição da construção resultativa por bilíngues do par linguístico PB e inglês. A seguir, é apresentado um gráfico com a média de cada grupo de falantes para cada tipo de construção (GRAF. 8).

GRÁFICO 8 – Média de aceitabilidade de cada grupo linguístico para cada uma das construções estudadas.



Paralelamente às construções alvo, acrescenta-se aqui a construção descritiva (GRAF. 8). O motivo que levou à inserção desse tipo de construção foi o fato de ela ser gramatical em inglês e em PB. Assim, a comparação dos dados das outras construções estudadas em relação aos da construção descritiva torna mais clara a aceitabilidade de cada uma delas. Como esclarece o gráfico (GRAF.8), a construção descritiva obteve maior aceitabilidade do que as construções alvo deste trabalho em todos os grupos de participantes.

Os trabalhos apresentados na seção 2.2 sugerem que a construção resultativa em PB é rara ou, até mesmo, inexistente. Os dados provindos do grupo de monolíngues do PB corroboram tal ideia parcialmente. Todas as sentenças que mimetizavam a construção resultativa com SAdj apresentaram baixa aceitabilidade. No entanto, as sentenças que mimetizavam a construção resultativa com SP tiveram aceitabilidade significativamente maior. Aplicou-se o teste de

Kruska-Wallis para fazer uma análise entre os julgamentos de aceitabilidade recebidos por cada grupo de sentença. Observa-se um efeito principal de tipo de sentença ($\chi^2=166,249$, $p<0,001$). Pós-testes pareados foram realizados com aplicação de Mann-Whitney, ajustado com a correção de Bonferroni com vistas a mitigar os efeitos de medidas repetidas. Os dados revelam que a construção resultativa com SAdj gramatical e aquela com SAdj agramatical constituem uma única amostra ($Z=-0,292$, $p<0,770$). Já a construção resultativa com SP e a construção resultativa com SAdj gramatical constituem amostras distintas ($Z=-4,840$, $p<0,001$). O mesmo efeito pode ser notado quando se compara a construção resultativa com SP e a construção resultativa com AP agramatical ($Z=-5,075$, $P<0,001$). Os resultados, assim, demonstram que a resultativa com SP é mais aceita que a resultativa com SAdj é PB.

Um fato interessante é que esse julgamento se repete com todos os grupos de usuários de L2 deste trabalho, o que sugere que a maior aceitabilidade da resultativa com SP em PB influencia na representação dos bilíngues quando eles lidam com o inglês, até mesmo em níveis maiores de proficiência. Dessa forma, ao contrário dos monolíngues do inglês, os bilíngues do par linguístico PB e inglês também apresentam maior aceitabilidade para a resultativa com SP em comparação com a resultativa com SAdj.

Os diferentes estudos apresentados na seção 2.2 indicam que a construção resultativa é aceita em inglês. No entanto, como apresentado na subseção 2.2.1.2 não é qualquer adjetivo que pode compor o predicado resultativo. Neste estudo, testou-se a proposta de Wechsler (2001), que descreve quais adjetivos podem formar uma resultativa gramatical. Os resultados indicam que a proposta de Wechsler reflete, de fato, a gramática dos falantes nativos do inglês. Os dados foram analisados a partir do teste de Mann-Whitney, que indicou que as sentenças que instanciam as resultativas agramaticais, de fato, eram significativamente menos aceitas que as resultativas gramaticais. A estatística obtida foi ($Z=-9,658$, $p<0,001$). Como pode ser notado no Gráfico 8, os resultados corroboram não apenas a proposta de Wechsler, mas também a ideia de que falantes bilíngues não são tão sensíveis quanto falantes nativos as restrições presentes em L2. Em todos os grupos de bilíngues a diferença de aceitabilidade entre resultativas gramaticais e agramaticais foi muito menor do que aquela encontrada no grupo de monolíngues do inglês.

Em suma, a comparação entre as construções dentro de cada grupo testado revela dados importantes sobre a gramaticalidade da construção resultativa em PB e inglês. Ainda, destaca fenômenos presentes na aquisição dessa construção por bilíngues do par linguístico PB e inglês. Os resultados mostram que a proposta de Wechsler (2001) reflete de alguma forma a gramática dos falantes nativos do inglês em relação à construção resultativa. Além disso, os dados sugerem que a construção resultativa com SAdj realmente não faz parte da gramática dos falantes nativos do PB. No entanto, curiosamente, os dados revelam que a construção resultativa com SP em PB apresenta uma aceitabilidade muito maior do que a resultativa com SAdj. Os dados sugerem, ainda, que há influência de L1 na representação de L2, uma vez que os bilíngues em todos os níveis de proficiência se comportam como os monolíngues do PB, apresentando maior aceitabilidade as resultativas com SP em comparação com a resultativa com SAdj.

No capítulo conclusivo desta dissertação, apresentam-se as respostas às perguntas de pesquisas e as implicações que elas têm em relação ao referencial teórico adotado.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO

Com o objetivo de concluir esta dissertação, primeiro, as perguntas de pesquisa são reapresentadas e respondidas a partir da confirmação ou refutação das hipóteses levantadas. Segundo, é estabelecida uma relação entre os resultados encontrados e o referencial teórico à luz do qual este trabalho foi desenvolvido. Finalmente, são apresentadas as limitações deste estudo, bem como indicações de trabalhos que podem ser desenvolvidos futuramente para que as questões aqui apontadas sejam investigadas mais profundamente.

Abaixo, são reapresentadas as perguntas de pesquisa deste estudo seguidas de suas respectivas respostas.

- a) “Há bilíngues que apresentam menor aceitabilidade para uma construção licenciada na língua nativa em comparação com os falantes nativos dela?”

Sim. Os resultados apresentados na seção 4.2 indicam que bilíngues com menor proficiência do par linguístico PB e inglês apresentam menor aceitabilidade para a construção resultativa em inglês, que é uma construção licenciada nessa língua.

- b) “Há bilíngues que apresentam maior aceitabilidade para uma construção não licenciada na língua nativa em comparação com os falantes nativos dela?”

Sim. Na seção 4.3, os resultados sugerem que bilíngues com maior proficiência do par linguístico PB e inglês apresentam maior aceitabilidade para a construção resultativa em PB, que é uma construção não licenciada nessa língua.

- c) “Há bilíngues que apresentam maior aceitabilidade para uma construção não licenciada na segunda língua em comparação com os falantes nativos dela?”

Sim. Os resultados apontados na seção 4.4 apontam que bilíngues do par linguístico PB e inglês apresentam maior aceitabilidade para uma construção resultativa não licenciada em inglês.

Portanto, todas as perguntas receberam respostas positivas. Tal fato confirma todas as hipóteses apresentadas na introdução deste estudo e permite que algumas afirmações sejam feitas a respeito do referencial teórico adotado para este estudo.

Este trabalho teve por objetivo principal investigar os processos envolvidos na aquisição da construção resultativa por bilíngues do par linguístico PB e inglês. Com tal investigação, é possível discutir modelos teóricos que abordam a aquisição de L2, tais como a multicompetência, a relação conjunto e subconjunto entre línguas e a gramática de construções. Ademais, como objetivo secundário, os dados oriundos do experimento de estimativa de magnitude ora descrito alimentam teorias gramaticais sobre a formação da construção resultativa.

Na subseção 2.3.1 mostramos que há abordagens que defendem que a sintaxe é compartilhada entre a L1 e a L2 de um indivíduo bilíngue, tais como a abordagem adotada neste trabalho: a multicompetência. Na mesma seção, foi afirmado que “um estudo que busca encontrar a integração da sintaxe deveria, por exemplo, encontrar dados que sugerem que o usuário de L2 recebe o insumo em uma língua e ativa informações de outra”. Ainda que o desenho do presente estudo não nos permita fazer afirmações sobre aspectos do processamento online da linguagem, o que incluiria a ativação lemativa ou entre línguas, os resultados deste estudo revelam comportamentos diferenciados entre bilíngues e monolíngues quanto à percepção de aceitabilidade de sentenças.

O experimento com o paradigma da estimativa de magnitude indicou uma possível influência da língua nativa na representação das resultativas em inglês. Isto é, influência de L1 em L2. Primeiro, foi averiguado que bilíngues com menor proficiência julgavam sentenças que instanciam a construção resultativas como menos aceitáveis que os bilíngues com maior proficiência e os

falantes nativos do inglês. Parece que um dos motivos para essa aceitabilidade menor está ligado ao fato de que em níveis menores de proficiência, a representação adequada para a construção resultativa não está disponível para os bilíngues. Consequentemente, eles ativam a representação que a mesma sequência (SN-SV-SN-SAdj) teria em PB, língua na qual a construção resultativa não é licenciada. Assim, parece que os julgamentos dos bilíngues com menor proficiência em relação à construção resultativa é influenciado pela baixa aceitabilidade que essa construção tem em PB. Foi averiguado também que falantes nativos do PB julgam a construção resultativa com SP mais aceitável do que aquela com SAdj, ao contrário dos falantes nativos do inglês que apresentam a mesma aceitabilidade para ambas as estruturas. Os bilíngues com menor proficiência e aqueles com maior proficiência também apresentaram maior aceitabilidade para a construção resultativa com SP, o que pode ser um indicativo que o conhecimento de provindo da L1 facilita a aquisição da construção resultativa com SP mais do que a aquisição da construção resultativa com SAdj. Portanto, para bilíngues do par linguístico PB e do inglês, a L1 faz com que a construção resultativa em inglês seja menos aceita em níveis de menor proficiência e também faz com que os predicados resultativos com SP e aqueles com SAdj tenham aceitabilidade distintas.

Além da provável influência de L1 em L2, este estudo também apresentou dados que sugerem uma influência de L2 em L1, como previsto pela perspectiva teórica da multicompetência. O grupo de bilíngues com maior proficiência apresentou uma aceitabilidade significativamente maior do que o grupo de monolíngues do PB em relação às sentenças em PB que mimetizam a construção resultativa com SAdj e também a construção resultativa com SP. Uma das possibilidades explanatórias do efeito observado é que a disponibilidade de representação da construção resultativa em L2 leve os sujeitos bilíngues a uma filtragem menos estrita de estruturas formalmente semelhantes na L1. Trata-se de um efeito em relação ao qual Souza & Oliveira (2011) e Souza (2012) se referem como afastamento da restrição gramatical da L1. Além disso, foi demonstrado que as sentenças que mimetizavam a construção resultativa do inglês cujo predicado resultativo não é licenciado também eram significativamente mais aceitas pelos bilíngues com maior proficiência em comparação com os monolíngues do PB. Apesar de a construção não ser licenciada em inglês, parece que esses bilíngues apresentam maior aceitabilidade para elas nessa língua. Dessa forma, ao lidar com as frases em PB que

instanciavam a construção resultativa com SAdj ilícito em inglês, observou-se que os bilíngues com maior proficiência apresentaram julgamentos similar ao de quando julgaram as frases que instanciavam a construção resultativa com SAdj gramatical. Portanto, os resultados deste estudo indicaram que ao receber um input em L1 os bilíngues parecem ter ativado informações específicas de L2, o que lhes rendeu uma aceitabilidade diferenciada em comparação com os monolíngues do português.

A influência de L2 em L1 também se adequa a alguns dos princípios da gramática de construções. Como foi apresentado na subseção 2.3.3, a maioria dos estudos que apontam para uma mudança na língua nativa em decorrência da aprendizagem de uma segunda língua investigam falantes que sofreram uma inversão de dominância. Neste estudo foi possível atestar a influência de L2 em L1 em falantes cuja língua dominante era a L1. Souza & Oliveira (2011) já haviam apresentado dados que também sugerem que usuários de L2 sem inversão de dominância podem ter um comportamento que aponta para uma influência de L2 em L1. A observação de um provável afastamento das restrições gramaticais da L1 nos julgamentos aqui observados vem ao encontro de uma perspectiva de que as representações gramaticais são moldadas pelo uso, o que é previsto no modelo da gramática de construções proposto por Goldberg (1995). No caso específico de nossas observações, podemos conjecturar que o conhecimento e o uso da construção resultativa em uma das línguas do bilíngue tem o potencial de torná-la ao menos parcialmente generalizável para ambas as línguas destes sujeitos.

A gramática de construções também propõe que a estrutura argumental de predicados não é formada apenas pelo verbo, mas também pela construção envolvida. Se a estrutura argumental fosse formada apenas pelo verbo, seria de se esperar que as diferentes sentenças testadas neste estudo não apresentassem um padrão de aceitabilidade, uma vez que os diferentes verbos poderiam gerar aceitabilidades distintas independentemente da construção. No entanto, como foi verificado nos resultados encontrados, cada uma das construções tem padrões muito similares de aceitabilidade e o mesmo acontece com a diferença entre elas. Percebeu-se, por exemplo, que a construção descritiva é mais aceita que a construção resultativa por todos os falantes. Além disso, notou-se que há uma grande diferença de aceitabilidade da construção resultativa quando se comparam monolíngues PB e inglês, o que corrobora a ideia de que a realização de estrutura

argumental na L2 é um domínio de estrutura linguística passível de variações translinguísticas, que, algumas vezes durante a aquisição de uma L2, resulta em problemas de aprendizibilidade. Por isso, tal campo pode ser considerado uma rica fonte de informações para pesquisadores de aquisição de segunda língua. Finalmente, foi comprovado que a construção resultativa tem regras de formação própria. Os dados aqui apurados sugerem que há, por exemplo, uma regra para seleção dos adjetivos que podem compor o predicado resultativo quando um verbo de atividade (processo) é utilizado. Portanto, os resultados deste estudo corroboram a ideia de que uma construção de estrutura argumental pode apresentar sintaxe e semântica próprias.

O estudo ora descrito também se adequa a “relação conjunto e subconjunto entre línguas”. Segundo esse construto teórico, em contextos em que L1 é subconjunto de L2 a evidência positiva é suficiente para que os usuários de L2 aprendam uma construção. PB é subconjunto do inglês no que se refere à sequência SN-SV-SN-SAdj. Assim, bilíngues do par linguístico PB e inglês apresentariam alta propensão a aprender a construção resultativa. No entanto, neste estudo levantou-se a suspeita de que a falta de evidência negativa faria com que os bilíngues não fossem capazes de adquirir as restrições presentes nela. Os resultados do experimento com julgamento de aceitabilidade indicam que a evidência positiva parece, de fato, ser suficiente para aprendizagem de novas construções quando o bilíngue tem uma L1 que é subconjunto de L2. Em outras palavras, os resultados sugerem que as estruturas gramaticais de uma L2 que ampliam possibilidades de mapeamento forma-significado da L1 realmente apresentam alta propensão à aprendizagem. Além disso, os resultados corroboram a ideia de que, tal como acontece na aprendizagem de uma língua que é subconjunto da língua nativa, a aparente falta de evidência negativa parece fazer com que os usuários de L2 não sejam capazes de aprender as restrições presentes na língua alvo. Eles, conseqüentemente, tendem a supergeneralizar as regras de L2. Assim, o fato de o inglês ser conjunto do PB no que se refere à sequência SN-SV-SN-SAdj facilita a aprendizagem da construção resultativa, mas não garante que as restrições presentes nela sejam adquiridas pelos usuários de L2.

Uma questão importante emerge a partir dos resultados discutidos no parágrafo anterior: como os monolíngues do inglês se tornam sensíveis às restrições presentes na construção resultativa? A justificativa para a supergeneralização, por parte do grupo de bilíngues com maior proficiência,

das regras de formação da construção resultativa está ligada à falta de evidência negativa. No entanto, é provável que falantes nativos do inglês também não tenham exposição a esse tipo de evidência. Dessa forma, o presente estudo aponta para a necessidade de investigação do que exatamente faz com que a aquisição de L1 se difira da aquisição de L2 a ponto de fazer com que falantes nativos sejam diferentes de forma tão significativa dos usuários de L2 em termos de aquisição de restrição de construções.

Como previsto com base na perspectiva teórica da multicompetência, foi constatado que o usuário de L2 é um indivíduo ímpar, que pensa de forma distinta e que tem um conhecimento de L1 e de L2 que se difere do conhecimento de falantes nativos. Conseqüentemente, este estudo corrobora a ideia de que indivíduos bilíngues realmente não devem ser considerados “dois monolíngues em um” ou “um usuário de L2 mal-sucedido”

As sentenças alvos em inglês deste estudo recebem atenção especial na proposta de Wechsler (2001) sobre a gramática da construção resultativa. De acordo com o autor, sentenças que instanciam a construção resultativa com verbo durativo requerem um predicado resultativo gradativo que seja um adjetivo de escala fechada com ponto final máximo. De acordo com o autor, apenas adjetivos que expressam o ponto máximo final de uma escala são capazes de formar o limite para o evento resultativo e podem criar homomorfismo em relação ao evento e ao subevento. Assim, neste estudo foram utilizadas sentenças que seguiam as regras propostas por Wechsler (116) e outras que não seguiam este padrão (117). Os dados obtidos indicaram que, de fato, os falantes monolíngues do inglês apresentam baixa aceitabilidade para sentenças como (117) e alta aceitabilidade para sentença como (116). Portanto, a proposta de Wechsler (2001) no tocante à gramática de sentenças com verbos durativos que instanciam a construção resultativa parece refletir a gramática dos falantes do inglês.

(116) One of my friends was still sleeping, so I shook him awake.
Um de POSS amigos estava ainda dormindo, então eu sacudir(PASS) o acordado.
Um dos meus amigos ainda estava dormindo, então eu o sacudi acordado.

(117) Chelsea had straightened her hair, but her little brother watered it curly.
Chelsea tinha alisado POSS cabelo mas POSS pequeno irmão molhar(PASS) encaracolado.

Chelsea tinha alisado seu próprio cabelo, mas o irmão pequeno dela o molhou encaracolado.

A sentença (118), que, segundo a proposta de Wechsler (2001), não é licenciada em inglês, apresentou aceitabilidade significativamente maior do que as outras sentenças não licenciadas. Tal aceitabilidade parece estar relacionada ao fato de que o predicado resultativo “*beautiful/ bonito*” pode apresentar uma leitura adverbial. Em outras palavras, em vez de o adjetivo descrever um resultado decorrente da ação do verbo, ele caracterizaria o verbo. Dessa forma, parece possível hipotetizar que sentenças como (119) e (120), que já foram apresentadas na literatura como instâncias da construção resultativa (WECHSLER, 2003), em vez de serem compostas por um predicado resultativo, são compostas por um adjetivo com função adverbial. Portanto, as sentenças apresentadas abaixo podem não ser instâncias da construção resultativa.

(118) Martin didn't like the color of his new house, so he painted it beautiful.

(119) Sam cut the bread thin.

(120) Claire had her cut short.

Os resultados relacionados ao teste de PB parecem corroborar a maioria das propostas apresentadas até hoje (MARCELINO, 2000, LOBATO, 2004; BARBOSA, 2008), que assumem que as sentenças em PB que mimetizam a construção resultativa do inglês com SAdj não são licenciadas. As sentenças que instanciavam a construção resultativa com SAdj apresentaram baixa aceitabilidade nos julgamentos. Tal fato corrobora a inexistência ou, pelo menos, a raridade dessa construção no PB. No entanto, outro resultado chamou a atenção: as sentenças que instanciavam a construção resultativa com SP receberam aceitabilidade significativamente maior que aquelas com SAdj. Consequentemente, os bilíngues mostraram que adquirem com maior facilidade a construção resultativa com SP do inglês. Portanto, este trabalho aponta para a necessidade de se investigar mais profundamente as razões que levaram a construção resultativa com SP ser mais aceita. A maioria dos trabalhos que investigaram a presença da construção resultativa no PB focou na construção resultativa com SAdj, mas os resultados deste trabalho parece mostrar que há mais chances de haver construção resultativa com SP no PB.

Muito se questiona sobre a validade desses dados para discussões relacionadas às gramáticas das línguas. Neste trabalho, adota-se o pensamento de Featherston (2004), que é apresentado abaixo:

Devemos aceitar que as diferenças minuciosas entre estruturas que são reveladas pela estimativa de magnitude, mas que não foram previamente notadas, têm natureza gramatical. Tal aspecto é frequentemente questionado por linguistas que são relutantes em ver mudanças no status dos dados base que subjazem os trabalhos em sintaxe; eles frequentemente atribuem as diferenças encontradas a fatores irrelevantes a gramática tais como “aceitabilidade”, “felicidade pragmática” e “marcação”. No entanto, consideramos essas análises sem fundamento. Não estamos afirmando que tais fatores não tem um papel nos julgamentos que medimos, ao contrário, nós prontamente admitimos que eles estão incluídos. Na verdade, nós argumentamos contra o uso de qualquer julgamento introspectivo na sintaxe, não contra aqueles colhidos experimentalmente. Tais julgamentos são todos sensíveis a plausibilidade, frequência, preferência lexical e etc. Não há, todavia, razões para suspeitar que tais fatores tenham maior importância em dados experimentalmente obtidos que em julgamentos de gramaticalidade de linguistas, ao contrário, há fortes razões para suspeitar que os dados obtidos experimentalmente são menos afetados por tais fatores.¹⁹

É reconhecido pelo autor deste estudo que algumas limitações encontradas podem ser evitadas em estudos futuros. Alguns problemas que resultaram na exclusão de algumas sentenças nas análises de resultados não foram detectados na pilotagem simples que o estudo comportou. Dessa forma, enfatiza-se a necessidade de realizar um estudo piloto com número maior de participantes e com análises mais aprofundadas, a fim de se evitar esse tipo de problema. Outro aspecto que deveria ter merecido maior cuidado foi a seleção dos participantes. O requisito básico para um indivíduo poder participar deste estudo era a escolaridade (no mínimo, educação superior incompleta). No entanto, acredita-se que deveria haver maior controle quanto ao perfil

¹⁹ Minha tradução. Original: “We must accept that the finer differences between structures, which are revealed by magnitude estimation but which have not previously been noted, are grammatical in nature. This point is often doubted by linguists who are loath to see changes to the status quo of the data base underlying work in syntax; they often attribute the differences found to factor irrelevant to grammar such as “acceptability”, “pragmatic felicity”, and “markedness. But we regard this critique as unfounded. We do not claim that these factors are not playing a role in the judgements we measure, on the contrary we readily admit that they are included. But this is an argument against the use of any introspective judgements in syntax, not against those gathered experimentally, all such judgements are sensitive to plausibility, frequency, lexical preference and so on (e.g. Schutze, 1996). There is however no reason to suspect that these factors play a greater role in experimentally obtained data than in standard linguists’ grammaticality judgements, on the contrary, there are strong reasons for suspecting experimentally obtained data is less affected by them”.

linguístico, pois quando se faz uma pesquisa em que há um grupo de indivíduos monolíngues o ideal é que os indivíduos sejam realmente monolíngues, e não apenas “não falantes da língua em estudo”. O mesmo acontece para grupos de informantes usuários de L2, que não devem ser falantes de uma L3. Tais cuidados são importantes para que os dados não sejam enviesados pela presença de outras línguas, já que todas as línguas estão conectadas em um único sistema linguístico na mente dos indivíduos bilíngues. Em uma pesquisa, em que se estuda a reação de monolíngues do PB e de bilíngues do par linguístico PB e inglês a um estímulo em PB, por exemplo, os monolíngues devem ser falantes do PB apenas e os bilíngues falantes do PB e inglês somente. Se o falante monolíngue ou bilíngue for falante de outra língua, esta poderá exercer influência no desempenho do indivíduo. Logo os dados provindos deste não serão válidos.

Apesar das limitações apontadas, o estudo trouxe resultados importantes que iluminam uma série de fatores relacionados à representação da construção resultativa por bilíngues do par linguístico PB e inglês, assim como por monolíngues dessas línguas. Acredita-se que há muito a ser explorado, uma vez que este é o primeiro estudo que investiga a aquisição da construção resultativa por bilíngues do par linguístico PB e inglês, além de analisar o licenciamento dessa construção em ambas as línguas a partir do julgamento de falantes nativos monolíngues. A reaplicação desta pesquisa com experimentos on-line certamente traria dados importantes para iluminar as questões aqui discutidas. Além disso, dados de bilíngues falantes nativos de outras línguas que se diferem quanto ao status do licenciamento da construção resultativa poderia demonstrar o quão relacionado à aquisição dessa construção está com a L1. Portanto, acredita-se que um experimento on-line com falantes bilíngues nativos de línguas que se diferem quanto ao licenciamento das resultativas é uma excelente forma de dar continuidade à pesquisa ora descrita.

Espera-se que este estudo possa ter contribuído para ao desenvolvimento da psicolinguística no Brasil. Além disso, deseja-se que instigue outros acerca da mente bilíngue e da construção resultativa.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. A *Estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BARD, E.; D. ROBERTSON; A. SORACE. Magnitude estimation of linguistic Acceptability. *Language*72, p. 32-68, 1996.
- BISOL, L. *Predicados complexos do português*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1972.
- BOAS, H. *Resultative constructions in English and German*. Linguistics Department, University of North Carolina: PhD Dissertation, 2000.
- BROCCIAS, C. *The English Change Network*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. (Cognitive Linguistics Research Series, 22), 2003
- BYALISTOK, E. Consequences of bilingualism for cognitive development. IN: KROLL, J. & DE GROOT, A. (orgs) *Handbook of Bilingualism – Psycholinguistic Approaches*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- COOK, V. The Consequences of Bilingualism for cognitive processing. IN: DE GROOT, A. M. & KROLL, J. (orgs.). *Tutorials in Bilingualism – Psycholinguistic Perspectives*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.
- COOK, V. Background to the L2 User. In: COOK, Vivian. *Portraits of the L2 user*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.
- COOK, V. et al. Effects of the L2 on the syntactic processing of the L1. IN: COOK, V. (org). *Effects of the Second Language on the First*. Bristol: Multilingual Matters, 2003.
- COOK, V. ‘Multi-competence’. In C. Chapelle (ed.) *The Encyclopedia of Applied Linguistics*, Wiley-Blackwell, 2011
- DE GROOT, A. Lexical representation and lexical processing in the L2. In: Cook, V. (ed.), *Portraits of the L2 user*. Clevedon: Multilingual Matters LTD, p.32-63., 2002.
- DIJKSTRA, A. The multilingual lexicon. In Gaskell, M.G. (Ed.), *Handbook of Psycholinguistics*. Oxford University Press, p. 251-265, 2007.
- FEATHERSTON, S. Magnitude estimation and what it can do for your syntax: some wh-constraints in German. *Lingua*, 115, 2005, p.1525-1550.

FERNÁNDEZ, E. *Bilingual Sentence Processing – Relative Clause attachment in English and Spanish*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

FERNÁNDEZ, E. Processing strategies in second language acquisition: some preliminary results. In *The development of second language grammars: a generative approach*, p. 217-239, 1999.

FOLTRAN, M. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1999.

GOLDBERG, A.E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GROSJEAN, F. “*Studying Bilinguals*”. New York: Oxford University Press, 2008.

GUIMARÃES, M. *Asymmetry in the Induced Movement Alternation of Verbs of Manner of Motion in English and Brazilian Portuguese*, trabalho de conclusão de curso, 24 páginas UFMG, 2012.

HARTSUIKER, R.; PICKERING, M., & VELTKAMP, E. Is syntax separate or shared between languages? Cross-linguistic syntactic priming in Spanish/English bilinguals. *Psychological Science*, p.409-414, 2004.

JACKENDOFF, R.; GOLDBERG A. The English Resultative as a family of constructions. *Language* 80. p.523-567, 2004.

JUFFS, A. Some effects of first language argument structure and morphosyntax on second language sentence processing. *Second Language Research*. Vol 14 no. 4, 1998.

KLEIN, E. Just parsing through. IN: KLEIN, E.C. & MARTOHARDJONO, G. (orgs.). *The Development of Second Language Grammars: a Generative Approach*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

KÖPKE, B.; SCHMID, M. S. First language attrition: The next phase. In M. S. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, M. & L. Weilemar (Eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, p.1-43, 2004.

LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Argument realization*. New York, NY: Cambridge University Press, 2005.

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: *Sentido e Significação*. Negri, Lígia, Maria José Foltran, Roberta Pires de Oliveira (organizadoras). São Paulo. Editora Contexto, 142-179, 2004.

- MAIA, M.; FINGER, I. *Processamento da Linguagem: Série Investigações em Psicolinguística*. Pelotas: EDUCAT, 2005.
- MARCELINO, M. *O parâmetro de composição e a aquisição de L2*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- MITCHELL, D. On-line methods in language processing: Introduction and historical review. In M. Carreiras & C. Clifton Jr. (Eds.), *The on-line study of sentence comprehension: Eyetracking, ERPs and beyond*. New York: Psychology Press, p. 15-32, 2004.
- MONTRUL, S. Agentive Verbs of Manner and Motion in Spanish and English as Second Languages. *Studies in Second Language Acquisition*. Vol. 23, p. 171-206, 2001.
- MYERS-SCOTTON, C. *Multiple Voices – An Introduction to Bilingualism*. Malden: Blackwell Publishing, 2006.
- NATION, P. *Teaching and Learning Vocabulary*. Boston, MA: Heinle & Heinle, 1990.
- OKAMOTO, Aya. Transfer of L1 Argument structure and morphology on L2 Japanese, *Newcastle Working Papers in Linguistics* Volume 12: School of English literature, Language and Linguistics, University of Newcastle upon Tyne, p.69-82 2007.
- PAVLENKO, A.; JARVIS, S. Bidirectional transfer. *Applied Linguistics*. 23.2, p.190-214, 2002.
- PAVLENKO, A. Conceptual representation in the bilingual lexicon and second language vocabulary learning. In Pavlenko, A. (ed.) *The bilingual mental lexicon: Interdisciplinary approaches*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, pp. 125-160, 2009.
- SCHMID, M. S.; KÖPKE, B. L1 attrition and the mental lexicon, in: Aneta Pavlenko (ed.), *The Bilingual Mental Lexicon*. Clevedon: Multilingual Matters, p. 209-238, 2008.
- SELINKER, L.; “Interlanguage”. *International Review of Applied Linguistics*, 1972.
- SOUZA, R.; MELLO, H. Realização argumental na língua do aprendiz de línguas estrangeiras – possibilidades de exploração da interface entre semântica e sintaxe. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 5, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- SOUZA, R. Argument structure in L2 acquisition: Language transfer re-visited in a semantics and syntax Perspective. *Ilha do Desterro – A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*. No. 60, 2011. p.153-188, 2011.

SOUZA, R.; OLIVEIRA, F. Is knowledge of a non-dominant L2 activated by bilinguals using their dominant L1? Insights from an on-line psycholinguistic study. *Organon*. No. 51, p.103-128, 2011 ISSN - 0102-6267.

SOUZA, R. A. "Two Languages in One Mind and the Online Processing of Causatives with Manner-of-Motion Verbs". *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL)*. vol. 10, no. especial 6, 2012, p. 220-239.

SORACE, A. Using Magnitude Estimation in developmental linguistics. IN: BLOM, Elma; UNSWORTH, Sharon (orgs.). *Experimental Methods in Language Acquisition Research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 57-7, 2010.

VAN GOMPEL, R; PICKERING, M. Syntactic parsing. In G. Gaskell (Ed.), *The Oxford handbook of psycholinguistics*. Oxford: Oxford University Press, p 289-307, 2007.

ZARA, J. *Estudo da Expressão de Eventos de Transferência de Posse na Interlíngua de Brasileiros Aprendizes de Inglês*. Dissertação de Mestrado, 2009, 159 páginas, UFMG.

WECHSLER, S. *An analysis of English resultatives under the event-argument homomorphism model of telicity*. Proceedings of the 3rd Workshop on Text Structure. University of Texas at Austin, 2001.

WECHSLER, S. Resultatives Under the Event-Argument Homomorphism Model of Telicity. In Nomi Erteschik-Shir and Tova Rapoport (eds.), *The Syntax of Aspect: Deriving Thematic and Aspectual Interpretation*. Oxford University Press, p.255-273, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A. ESTÍMULOS DO TESTE DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE EM PORTUGUÊS.

1. Eu comprei dois cachorros.
2. O professor brincou as crianças depois da aula.
3. Depois do acidente, o braço esquerdo de Érica estava fraco, então ela o malhou forte.
4. A mulher dançou o homem para o outro lado do salão.
5. Estes são os motivos que me fazem desistir.
6. A garrafa estava vazia, e Jonas a encheu meio cheia.
7. O teste de Clara foi todo rasurado, mas a mesma disse não ser a culpada.
8. Meu cabelo sempre foi encaracolado, hoje é a primeira vez que eu o vejo alisado.
9. As senhoras endureceram as misturas nas caixas
10. Cassio tinha uma linda foto de seu pai, mas ele a queimou às cinzas.
11. O ator gargalhou a audiência da peça.
12. Nara esqueceu a porta aberta e seu vizinho a viu nua.
13. A enfermeira escureceu o quarto a esquerda.
14. Márcia não queria servir o arroz porque ela o queimou escuro.
15. Eu trabalho todos os dias.
16. A caixa d'água estava cheia ontem, mas João a drenou meio vazia
17. Eles foram a escola onde eles se formaram.
18. O carro foi roubado por dois menores, mas os mesmos afirmam que apenas haviam pegado emprestado.
19. Marcia estava com muita raiva, ela pegou uma garrafa de vidro e a esmurrou em pedaços
20. O domador pulou o leão pela argola.
21. O sushi de Sara foi aberto acidentalmente, mas ela o enrolou fechado.
22. Eu casei um ano atrás.
23. A mão de Roger estava áspera, então ele a hidratou macia.
24. A criança voou o pássaros para fora da gaiola.
25. O motorista chegou os alunos a escola.
26. Rosana estava tão cansada para esquentar seu jantar que o comeu frio.
27. Eu não gosto da mesa que fica na cozinha.
28. O cavalo de Matheus estava em boa forma, mas durante a competição Matheus o galopou à exaustão.
29. O site foi criado por um grupo de jovens, mas os mesmos decidiram deixar o site no nome da escola.
30. O criminoso queimou os papéis no jardim.
31. O gato pegou o rato e o comeu vivo.

32. Todas as malas foram carregadas por apenas um ajudante, mas o mesmo disse não ter recebido a mala do Dr. Moreira.
33. Samara comprou uma mesa nova, e seu irmão enfurecido a socou quebrada.
34. Eu decidi me tornar um policial.
35. O cozinheiro congelou a carne no restaurante.
36. Eu fui convidado pelo professor que eu encontrei no congresso.
37. Um dos oponentes ainda estava de pé, mas Davi o chutou a um coma.
38. O general marchou a tropa para dentro da cidade.
39. O fazendeiro caiu a maçã da árvore.
40. Um dos meus amigos ainda estava dormindo, então eu decidi sacudi-lo acordado.
41. O doutor chorou o paciente no escritório.
42. Você conhece o garoto cuja mãe é uma enfermeira?
43. O cabelo de Alessandra não estava bonito, ela então o lavou brilhante.
44. A garota saltou o pônei por cima da cerca.
45. Os empregados assaram o bolo nos fornos.
46. Havia uma estranha criatura viva na floresta e William a acertou à morte.
47. Eu nasci em outro país.
48. Joana deixou o celular dela cair e chorou quando o viu quebrado.
49. O gato foi perseguido pelo cachorro da nova vizinha, mas a mesma alegou que se tratava de um cão de rua.
50. Uma das salas de aula estava suja, então Deise a varreu limpa.
51. O computador foi ligado pelo filho de Maria, mas o mesmo disse que não havia tocado o aparelho.
52. Ele não conseguia ler, o que me surpreende muito.
53. Martins não gostou da cor de sua nova casa, então ele a pintou bonita.
54. As garotas secaram seus vestidos na sala.
55. O bebê estava chorando muito, então sua mãe o abraçou ao sono
56. O homem andou a senhorita ao assento.
57. Eu admiro alguns poetas nacionais.
58. O tanque estava quase vazio, então o motorista o abasteceu cheio.
59. O bebê sorriu a mulher na loja.
60. Como Lina não teve tempo para grelhar o salmão, ela o comeu cru.
61. Durante a aula, Carlos pegou uma folha de papel e a dobrou em um aviõzinho.
62. Eu moro em uma cidade pequena.
63. O carro de Júnia estava cheirando a sanduíche, então ela o borrifou perfumado.
64. As crianças quebraram a janela da sala de aula.
65. A bola foi chutada ao gol por um dos zagueiros, mas o mesmo negou ter participado do lance.
66. Um dos pregos que Clara comprou estava torto, então ela o martelou reto
67. Você consegue ver o gato que está deitado no teto?
68. Taissa amava seu cachorro e por isso ficou desesperada quando o viu morto.
69. A polícia falou o suspeito sobre o incidente.
70. O atleta nadou o garoto para o outro lado da piscina.
71. A cerveja gelada foi deixada do lado de fora, e então todos tiveram que a beber quente.
72. Eu gosto de muitas bandas de Rock.
73. Suzana tinha alisado seu cabelo, mas sua amiga o molhou encaracolado.

74. O chefe derreteu a manteiga no pote.
75. Dois clientes reclamaram que a mesa estava molhada, então Marcelo a esfregou seca.
76. Os pesquisadores correram os ratos pelo labirinto.
77. Eu falei para eles sobre a mulher que mora ao lado.
78. Marco fez a massa e seu amigo a bateu em forma.
79. A carta foi enviada ao destinatário há dois dias, mas o mesmo ainda não a recebeu.
80. O homem morreu a barata na parede.

APÊNDICE B. ESTÍMULOS DO TESTE DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE EM INGLÊS.

1. The kids broke the window of the classroom
2. The man died the cockroach on the wall.
3. Chelsea had straightened her hair, but her little brother watered it curly.
4. The professor, whose I respect, recently received a message from his coordinator informing him about his transfer.
5. The paper that we need someone who understands.
6. The baby was crying too much, so his mother cuddled him to sleep .
7. What are the grandmother's parents of your amazingly names beautiful.
8. Linda didn't have time to grill the salmon, so she ate it raw.
9. The researchers ran the mice through the maze.
10. The bottle was empty, so Jones filled it half-full.
11. The baby smiled the woman in the shop.
12. Tina loved her dog and so she was desperate when she saw it dead.
13. The man walked the lady to a seat.
14. Leonard was too angry, he got a glass bottle and pounded it into pieces.
15. The chef melted the butter in the bowl.
16. Lincoln's car was smelling of sandwiches, so he sprayed it perfumed.
17. Which car did John announce plan to steal tonight?
18. It took me a while to get used to people when eat popcorn during the movie because the smell is considerably strong.
19. One of the nails George bought was crooked, so he hammered it straight.
20. My brother is two than me years old and my sisters are twenty-three years older.
21. Marco made the dough and his wife pounded it into shape.
22. The athlete swam the boy across the pool.
23. The girls dried their dresses in the living room.
24. Martin didn't like the color of his new house, so he painted it beautiful.
25. The doctor cried the patient in the office.
26. The cold beer was left outside, so everyone had to drink it warm.
27. Whom do you know the dote when Mary invited?
28. Two customers complained their table was wet, so Steven wiped it dry.
29. This is the man to that I wanted to speak and whose name I had forgotten because it had been a long time since we last talked.
30. Belo Horizonte is city the name of the where my parents decided when I was to live young.
31. Mary's hair didn't look good, so she washed it shiny.
32. The servants baked the cakes in the ovens.
33. Where did Bill go to Rome to work?
34. There was a strange living creature in the forest and William shot it to death.

35. This is the house in what I lived when I first came to the United States to work for my dad's former company.
36. The police spoke the suspect about the incident.
37. The tank was almost empty, so the driver filled it full.
38. I live in people who studies English have job opportunity better in the country.
39. The girl leaped the pony over the fence.
40. Joana dropped her cellphone and cried when she saw it broken.
41. The employees froze the meat at the restaurant.
42. The cat caught the mouse and ate it alive.
43. The general marched the troop into the town.
44. One of the opponents was still standing, but David kicked him into a coma.
45. This is a book which reading would be fun.
46. One of my friends was still sleeping, so I shook him awake.
47. The family who house burnt in the fire was immediately given a complimentary suite in a hotel near the neighborhood I live at.
48. Tara bought a new table, but her crazy brother punched it broken.
49. With friends Going to a park next weekend and relatives may be bike riders a good an option for.
50. The farmer fell the apple from the tree.
51. Josh's horse was in very good shape, but during the competition Josh galloped it to exhaustion.
52. The criminals burned the papers in the garden.
53. The child flew the bird out of the cage.
54. The driver arrived the students at the school.
55. The sushi opened up on accident, so Sara rolled it closed.
56. With which pen do you wonder what to write?
57. Ronald was so tired to heat his dinner that he ate it cold.
58. The movie turned out to be a blockbuster hit, why came as a surprise to critics who were not expecting such great success.
59. Monika's hand was rough, and she moisturized it soft.
60. Unfortunately but I am a student nowadays I never had in my field the opportunity to work.
61. The trainer jumped the lion through the hoop.
62. The nurse darkened the bedroom on the left.
63. This is a paper that we need someone that we can intimidate with.
64. The glass was full, so Carol drained it half-empty.
65. The sculpture, where he admired, was moved into the basement of the museum to make room for a new exhibit.
66. Nancy forgot the door open and his neighbor saw her naked.
67. After the accident, Erick's left arm was very weak, so he decided to work it out strong.
68. The actor laughed the audience in the play.
69. During the class, Helen got a sheet of paper and folded it up into an airplane.
70. Are famous all over the world too The Beatles are famous the Rolling Stones all over the world and.
71. My hair has always been curly, today it's the first time I see it straightened.
72. The woman danced the man across the room.

73. One of the classrooms was very dirty, so Desiree swept it clean.
74. The school from the teachers I work told me haven't behaved that the students properly this semester.
75. This is a pen with which writing would be fun.
76. Karen had a beautiful picture of her boyfriend, but she burnt it to ashes.
77. William Kellogg was the man when lived in the late 19th century and had some weird ideas about raising children.
78. The teacher played the kids after class.
79. Lisa didn't want to serve the rice because she had accidentally burned it dark.
80. The workers hardened the mixture in the boxes.

APÊNDICE C. TESTE DE TRADUÇÃO DE PALAVRAS QUE NÃO ESTÃO ENTRE AS 2000 MAIS COMUNS EM INGLÊS.

This is a vocabulary test. You must choose the right word to go with each translation. Write the number of that word next to its translation. Here is an example

1. Chair	(3)	Amar
2. Dry	(1)	Cadeira
3. Love	(5)	Dormiu
4. Sitting	(2)	Seco
5. Slept	(4)	Sentado

1

6. Ashes	()	Cinzas
7. Crooked	()	De pé
8. Curly	()	Sacudiu
9. Standing	()	Encaracolado
10. Shook	()	Torto

2

1. Heat	()	Bater
2. Pound	()	Deixar cair
3. Drain	()	Drenar
4. Dropped	()	Esquentar
5. Grill	()	Grelhar

3

1. Moisturize	()	Arroz
2. Nails	()	Cru
3. Raw	()	Dobrar
4. Rice	()	Hidratar
5. Fold up	()	Pregos

4

1. Rough	()	Alisado
2. Shiny	()	Áspero
3. Square	()	Brilhante
4. Straight	()	Quadrado
5. Straightened	()	Reto

5

1. Swept	()	Abraçar
2. Wet	()	Esfregar
3. Wipe	()	Malhar
4. Work out	()	Molhado
5. Cuddle	()	Varreu

APÊNDICE D. PRIMEIRA PÁGINA DO EXPERIMENTO EM PORTUGUÊS

Julgamento de Aceitabilidade HPP

Eu comprei dois cachorros.

Prezado participante,

Eu, Cândido Oliveira, em nome do Laboratório de Psicolinguística da Universidade Federal de Minas Gerais gostaria de agradecê-lo imensamente por se disponibilizar a participar desta pesquisa de Julgamento de Aceitabilidade. Os dados coletados aqui serão de grande importância para o campo da psicolinguística.

Próx.

[Ativados pela SurveyMonkey](#)
[Crie seus próprios questionários online gratuitos agora!](#)

APÊNDICE E. INSTRUÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO TESTE DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE.

1. Neste experimento você irá julgar a ACEITABILIDADE de algumas sentenças. Mais especificamente você vai avaliar o quão aceitável cada sentença é para você. É muito simples e rápido como você irá perceber. Mas é de extrema importância para nós.

Para demonstrar o quão aceitável uma sentença é para você, você deverá atribuir notas para cada sentença que for apresentada. Vamos ver alguns exemplos?

2. Primeiro, em vez de julgar a aceitabilidade de sentenças, julgaremos o tamanho de algumas linhas para ilustrar tal metodologia.

Eu irei atribuir qualquer valor para a primeira linha, e os valores seguintes serão atribuídos em comparação com os outros.

Linha 1: _____

Para a primeira linha, darei a nota 10. Você pode dar qualquer nota que você quiser

Linha 2: _____

Tenho a impressão que a linha 2 é duas vezes maior que a primeira linha, assim eu vou dar nota 20.

Linha 3: _____

Acredito que a linha três é quatro vezes maior do que a linha dois então, vou dar a nota 80.

Linha 4: ____

Eu acho que a linha 4 é muito menor que a linha 3 e também menor que a linha 1, então vou dar a nota 2.

3. Como você pode observar, eu não estava classificando as linhas como longas ou curtas. Eu estava apenas utilizando um número para demonstrar a diferença de tamanho entre elas.

De forma similar, neste experimento, você não irá classificar uma sentença como boa/ruim, gramatical/agramatical ou aceitável/ inaceitável. Você irá apenas dar uma nota para as sentenças para demonstrar a diferença entre elas em termos de aceitabilidade.

4. Agora vamos repetir o mesmo processo para comparar aceitabilidade de sentenças

Sentença 1: Você pode dar ele o livro?

Eu acho que a sentença 1 não soa bem, mas não chega a ser ruim, então eu vou dar a nota 28.

Sentença 2: Que de país Brasil é?

Eu acho que a sentença 2 é péssima, então eu vou dar nota 3 pra ela

Sentença 3: Eu se chamo João

Eu não gosto da sentença 3, mas acredito que ela não é tão ruim quanto a dois, então vou dar nota 7.

Sentença 4: Eu já estive em muitos lugares desde que nasci.

Eu acho que a sentença 4 não apresenta problema algum, então vou dar nota 50.

5. Para julgar as sentenças, você apenas precisará inserir o número que representa o seu julgamento. Os comentários feitos nas sentenças anteriores foram apenas para demonstrar a motivação para cada nota.

6. Você entendeu? Você deve usar os números que melhor representam a diferença que você percebe na aceitabilidade das sentenças. A primeira sentença apresentada estará disponível durante todo o teste, junto ao título desta pesquisa, de forma que quando você atribuir notas você poderá comparar com a nota que você deu para a primeira sentença e para a sentença anterior a sentença apresentada.

7. Uma última informação: você não deve gastar muito tempo em cada frase e não poderá voltar a frases anteriores. O ideal é que você leia a frase, e a partir da sensação que obteve ("soou bem", "soou estranho", "soou muito mal" e etc.) você deve dar uma nota a sentença.

8. Vamos começar!

APÊNDICE F. PRIMEIRO ESTÍMULO DO TESTE DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE EM PORTUGUÊS.

Julgamento de Aceitabilidade HPP

Eu comprei dois cachorros.

1. 1. Eu comprei dois cachorros.

Anter.

Próx.

[Ativados pela SurveyMonkey](#)
Crie seus próprios questionários online gratuitos agora!

APÊNDICE G. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos-lhe a participar de um experimento que comporá uma dissertação de mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza. Essa pesquisa pertence a um estudo amplo sobre a capacidade de bilíngues de gerenciar o conhecimento de suas línguas quando eles desempenham tarefas de comunicação. O experimento do qual você participará envolverá a realização de uma tarefa no computador na qual você julgará sentenças quanto a sua aceitabilidade. No início de cada uma destas tarefas o experimentador fornecerá as instruções e esclarecerá dúvidas eventuais sobre a execução delas. Além disso, todos os dados coletados serão convertidos em informações numéricas e quantitativas que não serão associadas a nomes ou indivíduos em momento algum. As informações coletadas serão acessadas exclusivamente pelos pesquisadores deste estudo. Neste estudo todos os participantes terão anonimato garantido, ou seja, sob circunstância alguma, sua identidade como participante será revelada. A tarefa, que tem duração aproximada de 15 minutos, exige concentração e logo você poderá ter algum desgaste físico e/ou psicológico. No entanto, sua participação neste estudo não envolve nenhuma forma de risco a sua saúde, nem tampouco poderá ser comprometedora de sua reputação como cidadão, como estudante ou como profissional. Você poderá interromper sua participação do estudo em qualquer instante, sem nenhum ônus ou prejuízo. Sua participação deste estudo não acarretará benefícios imediatos para você, individualmente. Os resultados deste estudo, obtidos após tratamento estatístico da totalidade das informações coletadas para fins de análise, poderão vir a público na forma de apresentações de comunicações orais ou pôster em congressos científicos; artigos científicos publicados em periódicos especializados; capítulos de livros; monografias, dissertações ou teses orientadas pelo pesquisador principal. Contudo, pelas razões acima enumeradas as identidades dos participantes permanecerão ocultas em toda e qualquer forma de publicação e divulgação do estudo.

Caso você tenha qualquer dúvida sinta-se à vontade para fazer contato com o pesquisador responsável. Você também pode consultar o COEP (Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais) para tirar dúvidas sobre aspectos éticos da pesquisa.

Pesquisador responsável:

Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza
Faculdade de Letras /Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Universidade Federal de Minas Gerais – Brazil
Ricsouza@ufmg.br

Ricardo Augusto de Souza

Cândido Samuel Fonseca de Oliveira

Comitê de Ética na Pesquisa (COEP):

Av. Antônio Carlos, 6627
Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005
Campus Pampulha
Belo Horizonte, MG – Brasil
31270-901
[\(31\)3409-4592](tel:(31)3409-4592)

Se você aceitar participar, por favor preencha e assine o formulário de consentimento abaixo.
Agradecemos-lhe por sua participação!

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO:

Eu, _____,
concordo em participar da tarefa que compõe o estudo experimental sobre a linguagem no bilinguismo supervisionado pelo Prof. Dr. Ricardo A. de Souza, da Universidade Federal de Minas Gerais. Estou ciente de que minha participação do estudo não implica danos ou riscos a minha saúde e bem-estar, que ela não implica riscos à minha reputação e imagem, assim como que ela não implica benefícios imediatos para mim, individualmente. Estou também ciente de que posso interromper minha participação do experimento a qualquer momento, sem ônus algum, e de que minha identidade como participante não será exposta em nenhuma forma de divulgação dos resultados do estudo.

Data: ___/___/_____

Assinatura: _____